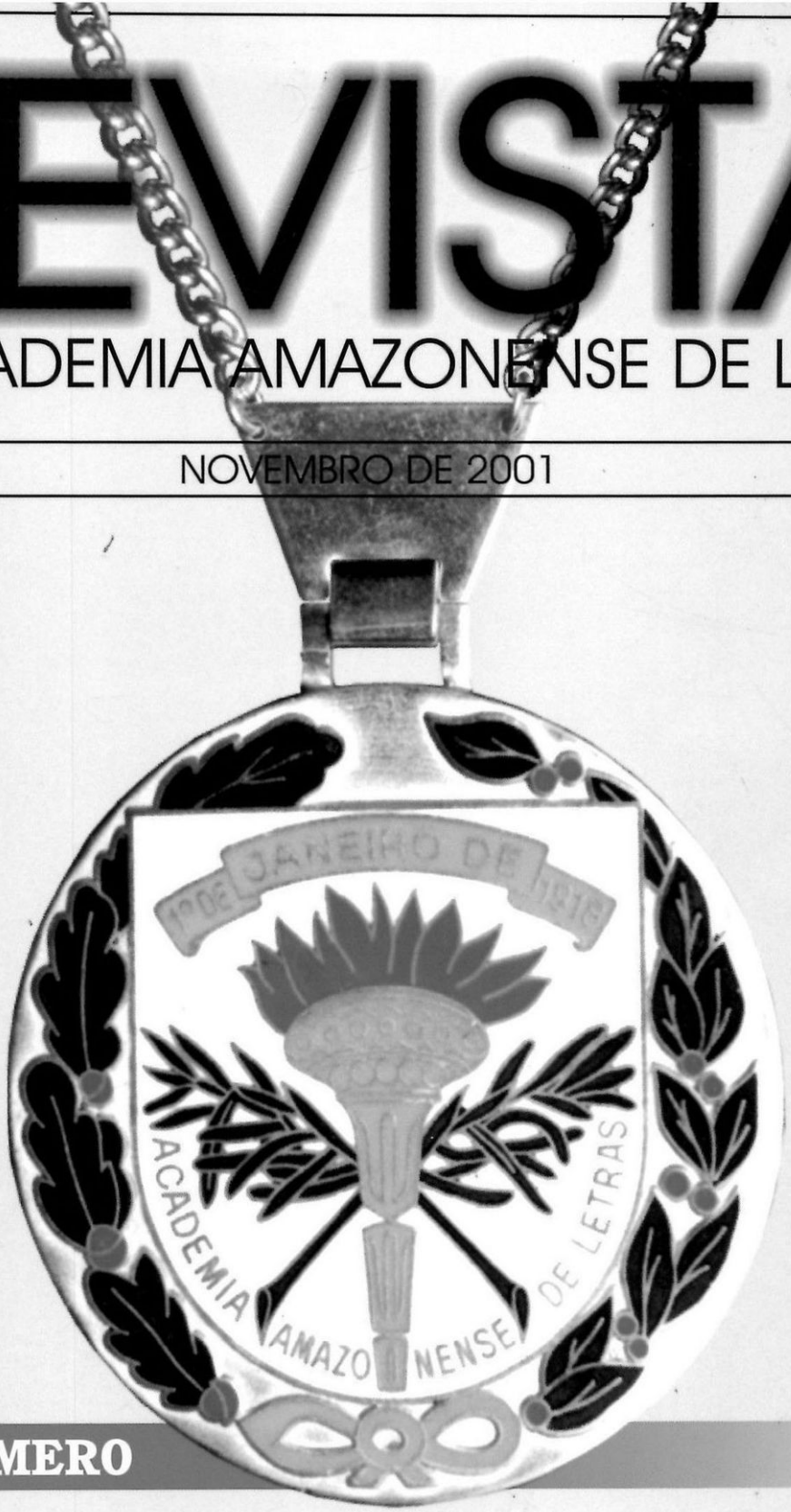
REVISTA

DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

ANO LXXXIII NOVEMBRO DE 2001 N.º 23

MANAUS AMAZONAS



NESTE NÚMERO

Alencar e Silva
Almir Diniz
Antísthenes Pinto
Arlindo Porto
Armando Andrade de Menezes
Áureo Nonato dos Santos
Carmen Novoa Silva
Elson Farias
Gebes de Mello Medeiros
Jefferson Péres
João Mendonça de Souza
Jorge Tufic
José Bernardo Cabral
Josué Cláudio de Souza
Max Carphentier
Newton Sabbá Guimarães
Paulo Jacob
Robério Braga
Ruy Alberto Costa Lins
Thiago de Mello

QUADRO DE MEMBROS EFETIVOS DA AAL

Cadeiras	Patrono	Titular
1	Pericles de Moraes	José Bernardo Cabral
2	Euclides da Cunha	Moacir Andrade
3	Gonçalves Dias	vaga
4	Silvio Romero	Newton Sabbá Guimarães
5	Araújo Filho	Almir Diniz de Carvalho
6	Adriano Jorge	Rosa Mendonça de Brito
7	Maranhão Sobrinho	Paulo Herban Maciel Jacob
8	Torquato Tapajós	José Jefferson Carpinteiro Péres
9	Machado de Assis	José dos Santos Pereira Braga
10	Barão do Rio Branco	Mário Ypiranga Monteiro
11	José Veríssimo	vaga
12	Olavo Bilac	Elson José Bentes Farias
13	Estelita Tapajós	Jauary Guimarães de Souza Marinho
14	Barão de Sant´Anna Nery	Cláudio do Carmo Chaves
15	Graça Aranha	João Mendonça de Souza
16	João Leda	Tenório Nunes Telles de Menezes
17	Francisco de Castro	Áureo Nonato dos Santos
18	Jonas da Silva	Jorge Tufic Alaúzo
19	Coelho Neto	Lafayette Carneiro Vieira
20	João Ribeiro	Francisco Gomes da Silva
21	Tenreiro Aranha	vaga
22	Farias Britto	Robério dos Santos Pereira Braga
23	Cruz e Souza	Joaquim de Alencar e Silva
24	Joaquim Nabuco	Áderson Pereira Dutra
25	Araújo Lima	Gebes de Mello Medeiros
26	Rui Barbosa	Oyama César Ituassu da Silva
27	Tavares Bastos	vaga
28	Aníbal Teófilo	vaga
29	Castro Alves	Amadeu Thiago de Mello
30	Araripe Júnior	Armando Andrade de Menezes
31	Raimundo Monteiro	Max Carphentier Luiz da Costa
32	Bernardo Ramos	Ruy Alberto Costa Lins
33	Antônio Brandão de Amorim	Carmen Novoa Silva
34	Ermano Stradelli	vaga
35	Dom Frederico Costa	Arlindo Augusto dos Santos Porto
36	Inglês de Souza	Dom Luiz Soares Vieira
37	Benjamim Lima	vaga
38	Barbosa Rodrigues	William Antônio Rodrigues
39	Alfredo da Matta	Mário Augusto Pinto de Moraes
40	Paulino de Brito	Waldemar Baptista de Salles

REVISTA
DA
ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Ano LXXXIII – N.º 23
2001

Diretoria da Academia Amazonense de Letras - 2000-2001

Max Carphentier Luiz da Costa
Presidente

Jauary Guimarães de Souza Marinho
Vice-Presidente

José dos Santos Pereira Braga
Secretário-Geral

Gebes de Mello Medeiros
Secretário-Adjunto

Ruy Alberto Costa Lins
Tesoureiro

Arlindo Augusto dos Santos Porto
Tesoureiro-Adjunto

Áderson Pereira Dutra
Diretor do Patrimônio

REVISTA
DA
ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Fundada em 1.º de janeiro de 1918
Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

Ano LXXXIII – N.º 23
2001

Sede Própria: Rua Ramos Ferreira, 1009
Telefax: (92) 234-0584
CEP: 69.010–120

Manaus – Amazonas
2001

Copyright © 2001 Academia Amazonense de Letras

Coordenação Editorial
Almir Diniz de Carvalho
Ruy Alberto Costa Lins

Capa e ilustrações
Marcos de Paula

Assistente Administrativo da AAL
Antonio Norberto Urtiga

Acompanhemnto Editorial
Editora da Universidade do Amazonas - EDUA

Ficha Catalográfica
Elaborada pela Coordenação de Editoração da UA

Revista da Academia Amazonense de Letras. Ano 83, n. 23, 2001. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2001.
176 p. v.: il.: 27 cm

1. Literatura - Periódicos

CDD 805 CDU 82(05)

Academia Amazonense de Letras
Fundada em 1º de janeiro de 1918
Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil
Sede: Rua Ramos Ferreira, n. 1009
Telefax: (92) 234 0584
Cep: 69010-120
Manaus - Amazonas - Brasil

AO LEITOR

Este número 23 da *Revista* traz aos leitores quase duas dezenas de discursos pronunciados da tribuna da Academia. Essas páginas são degraus: descem para o passado e sobem para a perpetuidade. Descemos para tesouros da recordação, relíquias afetivas de nossas reuniões. Subimos para o esmero conceitual e para um verdadeiro galanteio artístico de luzes que se abraçam. O discurso acadêmico é súmula de criação, convergência de caminhos, inventário de escolhas e legado-síntese. Não é a maior nem a menor obra literária de seu autor, é a especial, a que mais interessa ao convívio acadêmico. Daí a riqueza deste volume.

O Acadêmico Ruy Lins, na sua providencial visita ao tempo passado, tem nos conduzido pelos alpendres servidos por essa escada, abrindo janelas, cortinas esquecidas, iluminando feições intemporais.

Também não faltaram a este número a poesia, a conferência, a reportagem, o ensaio, mantendo-lhe a estrutura variada. As ilustrações do artista plástico Marcos de Paula interpretam a beleza geral que a *Revista* guarda nos cânones da palavra literária. A esta, como às que a antecederam, não faltará a acolhida entusiasmada dos leitores e o lugar digno na história da AAL.

A hereditariedade não é um fenômeno circunscrito à escala biológica. Por força de si mesma e de um determinismo inefável, ela migra para o universo sociológico, porque não poderia negar a ele os tesouros espirituais que a alimenta. Assim, o nº 23 da *Revista* é resgate e continuidade, tradição e invenção, pelas relações que a tornam descendente das outras por uma hereditariedade literária e pensamental, isto é, dotada de carisma e reflexão.

Max Carphentier
Presidente

SUMÁRIO

AO LEITOR III

MEMÓRIA

Ruy Alberto Costa Lins - Uma Visita Ao Passado II 1

REPORTAGEM

Carmen Novoa Silva - Visita dos Reis da Espanha 19

ENSAIO

Jorge Tufic - Sentimentos da Maloca 23

CONFERÊNCIA

Newton Sabbá Guimarães - A Poesia de Violeta Branca 28

POESIA

Almir Diniz - A Cabocla I 36
A Cabocla II 37
A Cabocla III 38
A Cabocla IV 39
A Cabocla V 40
A Cabocla VI 41
Carmen Novoa Silva - Mirante do Colégio 42
Elson Farias - Ode à Rima 43
Jorge Tufic - O nome dos Sons 44
Pelo Cinquentenário da Caravana 45

DISCURSOS ACADÊMICOS

Armando Andrade de Menezes - Discurso de Posse 48
Thiago de Mello - Louvação para Armando de Menezes 62
Robério Braga - Saudação Presidencial 70
Gebes de Mello Medeiros - Discurso de Posse 72
Robério Braga - Discurso de Recepção 78
Áureo Nonato dos Santos - Discurso de Posse 82
Paulo Herban Maciel Jacob - Discurso de Recepção 85
Arlindo Augusto dos Santos Porto - Discurso de Posse 92
José Bernardo Cabral - Discurso de Recepção 104
Antísthenes de Oliveira Pinto - Discurso de Posse 110

Elson Farias - Discurso de Recepção..... 117
José Jefferson Carpinteiro Péres - Discurso de Posse..... 122
Ruy Alberto Costa Lins - Discurso de Recepção..... 130
Alencar e Silva - Discurso de Posse..... 142
Max Carphentier - Alencar e Silva e o Sol de Deus..... 150
Josué Cláudio de Souza - Na Cadeira de Inglês de Souza..... 156
João Mendonça de Souza - Discurso de Recepção..... 164
Noticiário Acadêmico - Julho de 2000 a junho de 2001..... 172

UMA VISITA AO TEMPO PASSADO - II

Ruy Alberto Costa Lins*

Desta vez a nossa visita ao tempo passado pretende examinar e melhor conhecer o segundo número da Revista da Academia Amazonense de Letras, editado em fevereiro de 1935. São passados sessenta e seis anos, uma beleza de tempo na escala da figura humana. E quantas figuras humanas célebres e de grande luminosidade literária ocuparam as cadeiras da Academia, nestes anos todos, multiplicando-as e transformando-as num gigantesco auditório impregnado de imensa saudade, sempre permeada pela erudição e cultura. No entanto, na escala da existência da Instituição, uma fração (qualquer) de segundo.

A Revista não está numerada; recebeu apenas a denominação de 'número especial'. Tem 68 páginas. Na capa, além do nome na sua parte superior, Revista da Academia Amazonense de Letras, o ano e o mês, 1935 - fevereiro. E o sumário das matérias contidas na Revista. No seu verso a relação dos seus membros efetivos e respectivos patronos. Também informações completas sobre as alterações surgidas entre os membros efetivos, e com uma ponta de justificada altivez a notícia de que "está instalada em edifício próprio". Informa ainda a composição da Diretoria para 1935-1939, que ficou assim constituída: Presidente - Adriano Jorge; Vice-Presidente - Sá Peixoto; Secretário Geral - José Chevalier; 1.º Secretário – Leopoldo Péres; 2.º Secretário – Huascar de Figueiredo; Tesoureiro – Jonas da Silva; e Bibliotecário – Paulo Eleutherio. A redação da Revista estava a cargo de uma comissão integrada por Adriano Jorge, Sá Peixoto e Pericles Moraes, que fez uma clara

* Ruy Alberto Costa Lins ocupa a cadeira n.º 32 da Academia Amazonense de Letras, cujo Patrono é Bernardo Ramos. Tomou posse em 29 de agosto de 1985. Economista e professor da Universidade do Amazonas, tem publicado, entre outros, os seguintes trabalhos: "Institucionalização do conceito de Amazônia Ocidental: Políticas e Estratégias para a sua Ocupação e Desenvolvimento", "Alguns momentos especiais" e "A trajetória da Faculdade de Ciências Econômicas do Amazonas (1958-1976) - Uma contribuição para a sua história". Tem o título de Doutor Honoris Causa concedido pela Universidade do Amazonas.

advertência: "Este número especial da Revista é consagrado a instalação da sede definitiva da Academia e em homenagem ao Presidente de Honra, capitão Nelson de Mello, Interventor Federal no Amazonas". Na segunda capa, uma publicidade da Livraria Clássica, de J. J. Câmara, anunciando o lançamento do livro "A Intellectualidade no Extremo-Norte" de Anisio Jobim, bem assim, a próxima edição de "Legendas e Aguas-Fortes", ensaios críticos de Pericles Moraes. No seu verso, a relação completa de todos os sócios correspondentes da Academia, nos estados brasileiros e em vários países. A Revista contém ainda duas fotografias em preto e branco, fato extraordinário para a época e que representava um grande e significativo avanço tecnológico. Uma do capitão Nelson de Mello entre as páginas 2 e 3, outra do salão principal por ocasião da sessão solene de inauguração da sede definitiva, entre as páginas 20 e 21.

Como da vez anterior, não é uma visita nostálgica; é uma visita, isto sim, de pura e simples natureza sentimental. Aliás, nostálgica ou sentimental, o que importa? Importa mesmo é que vamos fazer uma visita cujo objetivo maior é revigorar uma parte importantíssima da história da nossa terra e da nossa gente. Talvez possamos comprovar esta assertiva com o seguir das palavras, impressões e transcrições que vão registrar e traduzir a visita ora em curso, sempre imaginando os atos e ações dos heróicos e inigualáveis homens de letras da nossa terra e daqueles tempos. Como conseguiam suplantar os incontáveis e naturais obstáculos, cada um de ordem e grandeza quase insuperáveis? Sim, como conseguiam? Para escrever utilizavam o bico da pena e com o uso da tinta a todo instante, o mata-borrão sendo utilizado a cada linha escrita. Mesmo assim, superavam todas as dificuldades e imprevistos com denodo, obstinação e continuados sacrifícios.

Esta edição da Revista exibe duas interessantes particularidades, que estão a pedir um comentário sereno e equilibrado no sentido de que o registro se faça com o máximo de fidelidade. Uma se relaciona com o tempo decorrido entre o primeiro número, lançado em julho de 1920, objeto de Uma Visita ao Tempo Passado - I[1], e o exemplar ora visitado. Passaram-se quinze, quinze anos de silencio e sofrimento, aparentemente sem explicação. O que teria acontecido em tão longo espaço de tempo? Desinteresse pelos assuntos da Academia? Falta de produção literária? Falta de recursos financeiros? Voltaremos com os nossos comentários, tentando mostrar os motivos determinantes de tamanha ausência. A outra é que a Revista é inteiramente consagrada aos festejos relacionados com a inauguração da sua sede definitiva, na rua de Ramos Ferreira, ocorrida em 6

[1] Publicada na Revista n.º 22, de novembro de 2000, da Academia Amazonense de Letras.

de janeiro de 1935. O grande homenageado é o senhor capitão Nelson de Mello, Interventor Federal no Amazonas, laureado como Presidente de Honra, responsável por tão extraordinária proeza. Neste caso, também voltaremos com o nosso comentário. Ainda é tempo de assegurar, guardando o mesmo estilo do trabalho anterior, estamos dividindo as observações coletadas e aqui anotadas em pequenos capítulos, ordenados em números romanos, com o propósito de melhor apreciar a beleza cultural dos homens que construíram, com sabedoria e intrepidez, a nossa Academia de Letras.

I) Parece que o primeiro aspecto da visita a merecer especial cuidado é a situação das cadeiras, pelo fato de a Revista anotar os seus membros efetivos, com os respectivos Patronos, depois de quinze anos da primeira publicação. É claro que, decorridos todos esses anos, sucederam-se muitas e importantes mudanças. A eterna questão que Schiller[2] sintetiza de forma admirável: "Tríplice é a marcha do tempo;/ o futuro aproxima-se hesitante,/ o agora voa como seta arremessada,/ o passado fica eternamente imóvel. " Há sessenta e seis anos, por ocasião da inauguração da sua sede própria, as cadeiras da Academia Amazonense de Letras tinham a seguinte composição:

Membros Efetivos	Patronos
Adriano Jorge	Euclydes da Cunha
vaga	Tito Livio de Castro
José Chevalier	Affonso Arinos
Benjamin Lima	Machado de Assis
Raul de Azevedo	Aluizio Azevedo
Jorge de Moraes	Oswaldo Cruz
Waldemar Pedrosa	Raymundo Correa
Benjamin de Souza	Torquato Tapajós
Leopoldo Péres	Tenreiro Aranha
Araújo Lima	Francisco de Castro
Nunes Pereira	Cruz e Souza
André V. de Araújo	Martins Junior
Pericles Moraes	Gonzaga Duque
Paulo Eleutherio	Joaquim Nabuco
Carlos E. Chauvin	Barão do Rio Branco
vaga	Annibal Theophilo
Gaspar Guimarães	Visconde de Taunay
Sá Peixoto	Eduardo Prado
Huascar de Figueiredo	Thomaz Lopes
Genesio Cavalcanti	Adolpho Caminha
Agnello Bittencourt	Raul Pompeia
Alfredo da Matta	Sylvio Romero
Jonas da Silva	B. Lopes
Coriolano Durant	José Veríssimo
João Leda	José do Patrocinio
Dorval Porto	Souza Bandeira
Vaga	França Junior
Virgilio Barbosa	Lafayette Pereira
Alvaro Maia	Maranhão Sobrinho
Manoel Anisio Jobim	Farias Britto

[2] Friedrich von Schiller, importante escritor alemão (Marbach, 1959 - Weimar, 1805) é autor de dramas históricos (Os bandoleiros, a Donzela de Orleans, entre outros), de uma História da Guerra dos Trinta Anos, e de poesias líricas.

Nesta fase as cadeiras da Academia Amazonense de Letras ainda não eram tomadas na ordem numérica, razão pela qual os membros efetivos eram apresentados na Revista na ordem alfabética. Neste trabalho, preferimos guardar a mesma seqüência adotada na visita anterior, realizada na Revista de 1920. Com os Patronos aparecendo logo após a menção dos membros efetivos, no sentido de facilitar a verificação das mudanças.

Assim é que tivemos o falecimento dos acadêmicos Octavio Sarmento (cadeira de Tenreiro Aranha, que passou a ser ocupada por Leopoldo Péres); Heliodoro Balbi e Ribeiro da Cunha (cadeira de Tito Livio de Castro, que permaneceu vaga); Thaumaturgo Vaz (cadeira de Raimundo Correa, que passou a ser ocupada por Waldemar Pedrosa); F. P. de Araujo Filho (cadeira de Martins Junior, que passou a ser ocupada por André Vidal de Araujo, seu filho); e Alcides Bahia (cadeira de França Junior, que permaneceu vaga). Em conseqüência dessas mortes, constatamos assim três cadeiras vagas, de Annibal Theophilo, França Junior e Tito Livio de Castro, e três novos acadêmicos, Leopoldo Péres, Waldemar Pedrosa e André Vidal de Araujo. No exato cumprimento dos dispositivos estatutários, foram transferidos para sócios correspondentes (em virtude de mudança de domicílio) os acadêmicos Generino Maciel e Achilles Bevilaqua (cadeira de Farias Britto, que passou a ser ocupada por Manoel Anisio Jobim); Mendonça Lima (cadeira de Eduardo Prado, que passou a ser ocupada por Antonio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto); Aurelio Pinheiro (cadeira de Raul Pompeia, que passou a ser ocupada por Agnello Bittencourt); e, finalmente, Odilon Lima (cadeira de Sylvio Romero, ocupada por Alfredo da Matta). Está registrada a triste circunstância de Mello Rezende[3] ter sido eleito para a cadeira de Tito Livio de Castro, falecendo, todavia, antes de tomar posse.

II) Conhecida a nova composição da Academia, com os seus sete novos acadêmicos e três cadeiras vagas, voltemos às duas particularidades antes mencionadas.

Uma, o fato de haver transcorrido quinze anos para circular o n.º 2 da Revista, embora a preferência tenha sido substituir a seqüência numérica pela aplicação do termo "número especial".

---

[3] O Dr. Simplício Coelho de Mello Rezende (05-03-1873/10-07-1932), pela sua competência e dinamismo, foi considerado um dos maiores causídicos do Amazonas. Operou em vários jornais de Manaus, utilizando em seus trabalhos literários o pseudônimo de Gustavo Fróes. (Dados extraídos do livro Vultos do Passado, do Professor Agnello Bittencourt). O seu filho Paulo de Mello Rezende foi meu professor no Colégio Dom Bosco.

Estou convencido de que o fundamento para tanta demora foi de natureza financeira, aquele conceito que os economistas chamam de depressão, uma duradoura e rigorosa depressão, bastante conhecida e registrada na nossa história econômica, cuja superação foi iniciada lentamente a partir dos últimos anos sessenta. Foram anos extremamente difíceis e dolorosos para o Amazonas, desintegrando famílias e empresas de uma forma impiedosa. Com certeza, este fenômeno de natureza econômica foi decisivo para que a Revista permanecesse durante muitos anos sem circular.

A outra particularidade está relacionada com o fato de que a Revista ora visitada está virtualmente voltada para a inauguração da sede própria da Academia Amazonense de Letras, registrando a consagradora e justa homenagem prestada ao Interventor Federal no Amazonas, capitão Nelson de Mello[4]. É quase certo que a circulação deste número da Revista somente tenha ocorrido, devido a sua condição de número especial, vinculada ao fato de ter sido custeada pelo governo estadual.

III) Na verdade, desde novembro de 1934 a Academia já funcionava regularmente na sua nova sede. É interessante conhecer a ata da primeira reunião levada a efeito na sua nova sede própria, datada de 24 de novembro de 1934 (embora publicada na Revista, páginas 66/67, o texto aqui reproduzido já havia sido extraído do livro de atas da Academia), redigida em letra miúda e delicada, uniforme, bem legível, em extremo contraste com a grandeza e impetuosidade do magistral tribuno Huascar de Figueiredo, então segundo secretário. São seus os seguintes termos:

> "Acta da primeira reunião levada a effeito na séde propria da Academia Amazonense de Letras. Aos vinte e quatro dias do mez de novembro de mil novecentos e trinta e quatro, em Manaus, capital do Estado do Amazonas, no predio proprio e séde social da Academia Amazonense de Letras, houve logar a reunião especialmente convocada, á qual compareceram os academicos Adriano Jorge, Sá Peixoto, Pericles Moraes, Leopoldo Péres, Anisio Jobim, José Chevalier, Jonas da Silva, Agnello Bittencourt, Paulo

[4] Na mesma época (1934) o Senhor Interventor Federal capitão Nelson de Mello, fez a doação para a Faculdade de Direito do Amazonas do prédio onde ainda hoje se acha instalada e funcionando, na Praça dos Remédios. O seu retrato está emoldurado, em lugar de destaque do prédio da Faculdade, como prova de um perene agradecimento por tal incomum gesto.

Eleutherio, Araujo Lima e Huascar de Figueiredo, sob à presidencia do primeiro e secretaria do academico José Chevalier. O academico Pericles Moraes, logo em seguida á abertura da reunião, pediu a palavra para ler a demonstração das contas referentes á applicação da verba concedida á Academia pelo Governo do Estado para o preparo do prédio e installação da Academia, apresentando, por essa ocasião, os documentos relativos ás despesas effectuadas, descriminando todas as verbas, á proporção que indicava, nos seus respectivos logares, as cousas e serviços pagos. Essas contas, tendo satisfeito plenamente a todos os academicos, foram approvadas unanimemente. O academico Sá Peixoto propoz que se consignasse um voto de louvor ao academico Pericles Moraes, pela maneira criteriosa, honesta e diligente com que se havia desempenhado daquelle encargo, o que tambem foi approvado, sem restrições e confirmado por uma prolongada salva de palmas. O academico José Chevalier passou a ler a proposta dos novos estatutos, que foram, em principio, aprovados e entregues á commissão especial, composta dos academicos Pericles Moraes, Sá Peixoto e Anisio Jobim, para a sua redação definitiva e consequente publicação. O academico Anisio Jobim, pela ordem, propoz a aclamação dos novos corpos dirigentes da Academia, da maneira seguinte: presidente - Adriano Jorge; vice-presidente - Sá Peixoto; secretario geral - José Chevalier; primeiro secretario - Leopoldo Péres; segundo secretario – Huascar de Figueiredo; bibliothecario – Paulo Eleutherio; thezoureiro – Jonas da Silva. Feita a aclamação pela ordem acima indicada, com as resalvas dos proprios nomes, na sua devida opportunidade, a directoria ficou desde logo empossada. Elegeu-se, então, a commissão redaccional da Revista da Academia, recahindo a mesma nos academicos Pericles Moraes, Adriano Jorge e Sá Peixoto. O academico José Chevalier, como secretario geral, comunicou á casa a verificação, por fallecimento, das vagas academicas: de Simplicio Coelho de Mello Rezende, Raymundo

Monteiro e Alcides Bahia, bem como o fallecimento, em Belém, Estado do Pará, do grande escriptor Alfredo Ladislau, sócio correspondente da Academia. Por approvação unanime, foi mandado consignar em ata um voto de pezar e de homenagem ao ilustre auctor de "Terra immatura". Deliberou-se ainda que, nos primeiros dias do mez de Dezembro próximo, logo depois da publicação official dos novos Estatutos, se realizará a festa inaugural da séde academica, á praça Benjamin Constant, esquina da rua Tapajóz, na qual se prestará homenagem publica ao capitão Nelson de Mello, Interventor Federal no Estado e Presidente de Honra da Academia, cujo retrato, posto em lugar de destaque no salão nobre da séde, também será inaugurado por essa ocasião. E como nada mais houvesse determinado a Academia nessa reunião, eu, segundo secretario, lavrei a presente acta, que vae devidamente assignada. Huascar de Figueiredo – 2.º secretario." (sic)

Após a leitura de uma peça como esta, que representa antes de mais nada o registro histórico de acontecimentos vitais para a Instituição, fica-se com a impressão, ou melhor, com a certeza de que todos os assuntos eram sempre levados a sério, permeados de um princípio ético inabalável. Constata-se que o prédio doado em junho de 1934 teve as suas obras de restauração e adaptação efetivamente executadas, para que a inauguração pudesse ser feita em janeiro de 1935; o estatuto da Instituição, aprovado em novembro de 1934 e passado para a redação final, foi de fato concluído e publicado; a nova diretoria para o período de 1935/1939, escolhida por aclamação, representava realmente, naquele momento, o que havia de mais seguro para uma caminhada sem atribulações.

IV) A mensagem do luminoso e eterno Presidente Adriano Jorge representa uma peça de emocionante agradecimento. Mesmo parcialmente, essa mensagem merece ser transcrita, para que seja possível experimentar hoje as mesmas emoções que certamente tomaram conta do insuperável médico e tribuno. Ouçamo-lo:

> "Homem de governo, vibrando no seu dynamismo polyedrico e por isso mesmo capaz de enfrentar tudo com o garbo sereno dos que se habituaram ás influencias dos

magnetismos do triumpho, o ultimo interventor no Amazonas realizou um programma luminosamente fecundo, dentro do qual couberam as preoccupações administrativas geraes, as financeiras, as politicas, as pedagogicas, as hygienicas, as intellectuaes, as moraes, as estheticas, outros tantos problemas complexos e subtís, que a argucia resoluta do homem de acção, o espírito de justiça do aristocrata mental e a firme bôa-vontade do patriota concretizaram no monumento imperecível que foi a sua obra de administrador, nimbada de uma fulguração de belleza integral. A Academia Amazonense de Letras, que vive hoje dentro dessa irradiação e que, para sua propria gloria immarcescivel, fez de Nelson de Mello o seu presidente de honra, num preito commovido de sua gratidão, que é imensa, e de sua admiração, que é ainda maior, ergue todas as preces auguraes de seu espirito pela persistencia da ventura civica do Amazonas, a que o Grande Interventor deu o resplandecente relêvo de sua nobreza, de seu espirito de justiça e de sua bondade infinita." (sic)

V) Não aparece na Revista, mas como esta é também uma visita ao tempo passado, entendemos como razoavelmente interessante conhecer, utilizando os seus próprios anais, como a Academia havia registrado a solenidade de Inauguração da sua sede. Eis na íntegra este monumento de entusiasmadas saudades:

> "Acta da sessão solenne de inauguração de nova séde social da Academia e de hommenagem ao capitão Nelson de Mello.
>
> Aos seis dias de janeiro de mil novecentos e trinta e cinco, no predio proprio da Academia, na Praça Benjamin Constant, esquina da rua Tapajós, ás vinte horas e meia, tem logar a sessão solenne de hommenagem ao capitão Nelson de Mello, interventor federal no Estado e presidente de honra da Academia.
>
> Estiveram presentes os academicos Adriano Jorge, Sá Peixoto, José Chevalier, Pericles Moraes, Anisio Jobim, Carlos Chauvin, Araujo Lima, Waldemar Pedrosa, Leopoldo Péres, Coriolano Durand, Agnello Bittencourt, Jonas da Silva e Huascar de Figueiredo. Aberta a sessão pelo presidente, disse elle

da finalidade daquella festa, pondo em relevo a significação do gesto do governo Nelson de Mello, em favor da Academia. Em seguida, occupou a tribuna o academico Araujo Lima, que leu excellente discurso sobre o sentido predominante da poesia em todas as manifestações da vida, resumindo o surto scientifico e artistico dos tempos modernos. Depois, o academico Huascar de Figueiredo, associando o nome dos academicos mortos ao effeito glorificador da hora academica assignalando a lembrança de Heliodoro Balbi, Octavio Sarmento, Mello Rezende, Araujo Filho, Ribeiro da Cunha, Raymundo Monteiro, Thaumaturgo Vaz e Alcides Bahia. O academico Leopoldo Péres proferiu, então, no desempenho da missão a elle conferida, o discurso de saudação official da Academia ao capitão Nelson de Mello. Terminado o discurso, o presidente passou a direção da mesa ao capitão Nelson de Mello, que foi saudado por demorados applausos, proferindo elle, nessa ocasião, o seu discurso de agradecimento. Por uma deferencia especial e a convite do presidente, a poetisa Violeta Branca Menescal de Vasconcellos[5], presente á festa, declamou uma poesia de sua autoria, sendo muito applaudida. A séde da Academia estava brilhantemente ornamentada. Foi inaugurado, logo em seguida ao discurso do academico Leopoldo Péres, o retrato do capitão Nelson de Mello, no salão principal[6]. Durante a festa, uma excellente orchestra, sob a direção do maestro João Donizetti e da qual fazia parte o professor Gentil Bittencourt, executou diversos numeros, que foram applaudidos com enthusiasmo. A assistencia foi numerosa e brilhante. E como nada mais houvesse a registrar, eu, segundo secretário, lavrei a

---

[5] Violeta Branca Menescal de Vasconcelos Oliveira, poetisa de rara sensibilidade, nasceu em Manaus no dia 14 de setembro de 1912 e faleceu no Rio de Janeiro no dia 7 de outubro de 2000. Primeira mulher eleita para a Academia Amazonense de Letras, tomou posse em 14 de abril de 1949, ocupando a cadeira n.º 28 - Patrono Anníbal Téophilo, por mais de 51 anos.

[6] Láurea conferida pela Academia e confirmada no seu Estatuto, no "Art.16 - Pelos inestimáveis serviços prestados a Academia, é conferido ao senhor Capitão Nelson de Mello o título de Presidente de Honra." Este artigo não consta mais nas versões posteriores, da mesma forma, foi retirado o seu retrato aposto no salão principal. Tudo está esquecido. Não se fala mais no assunto.

presente acta, que vae devidamente assignada. Huascar de Figureiredo – 2.º Secretário." (sic)

VI) As matérias inseridas na Revista representam momentos de rara beleza literária, como se fossem sopros de luminosidade clareando todos os espaços da Academia, principiando pelo noticiário próprio da festa de inauguração, quando diz que

"A Academia Amazonense de Letras realizou a festa inaugural de sua séde definitiva com o esplendor de uma verdadeira consagração social. Não lhe ficam mal, certamente, em publicação propria, estas palavras de apparencia lisongeira, que se resguardam das irreverencias maliciosas da critica pelo sentido intencional do registo, cujos limites se não ultrapassam voluntariamente. A nossa instituição, vivendo intensamente no seu retrahimento, que se diria propositado, não fôra consequencia obrigatoria das precariedades ambientes, alcançou o estagio de sua crystalização pela coincidencia venturosa de uma hora de fortuna, dessas que se inscrevem nas documentações historicas e se não eliminam das referencias pelos chronistas da epoca. Deu-lhe novas energias funcionais uma generosa e imprevista comprehensão de sua finalidade – o governo do Estado, entregue ao descortino lucido de um homem de raras qualidades moraes, o interventor Nelson de Mello, dotou-a com o predio para installar-se e com um credito para a sua organização. A' surpreza alegre das primeiras noticias seguiu-se a consciencia da victoria almejada, de longo tempo querida na intimidade vaga e errante dos seus membros, que lhe commentavam a precariedade, supportada sem recriminações, com a serenidade bohemia, finamente ironica na sua displicencia, que é companheira festejada das inclinações literarias. A descripção dessa solenidade academica foi feita na imprensa diaria, que a consignou fielmente. Resta-nos dizer agora, para completar o informe necessario, alem da transcripção local de um dos orgãos jornalisticos da terra, que este numero da Revista, retomando a

série de longo espaço interrompida, destina-se a conservar, como memoria e recordação dessas horas de apotheose, as palavras que se pronunciaram na primeira sessão publica realizada na séde official da Academia. E como é natural, gesto espontaneo, que a sinceridade sobredoira e illumina de estranhos fulgores de verdade, elle se dedica, com a forma concreta de eloquente homenagem, ao Presidente de Honra, eleito pelos nossos enthusiasmos e pela nossa gratidão." (sic)

VII) São apresentados na Revista quatro belos discursos. Um do acadêmico Araujo Lima[7] assinalado na própria ata da solenidade como um excelente discurso sobre o sentido predominante da poesia em todas as manifestações da vida, resumindo o surto cientifico e artístico dos tempos modernos. Outro do acadêmico Huascar de Figueiredo[8], quando da tribuna proclama a presença espiritual dos acadêmicos falecidos recentemente, citando Mello Rezende, Ribeiro da Cunha, Araújo Filho, Raymundo Monteiro, Thaumaturgo Vaz e Alcides Bahia, assegurando que a:

"Immortalidade é lembrança, tanto mais illustre quanto mais carinhosa, tanto mais affetiva quanto mais ligada aos motivos sentimentais do passado commum, que são as letras do patrimonio espiritual das gerações. Indo buscar o nome dos nossos amigos no repouso da eternidade em que se demoram,

---

[7] José Francisco de Araújo Lima nasceu no Pará a 9 de maio de 1884. Médico, Pesquisador, Sociólogo, Político, Escritor, foi Secretário de Estado, Prefeito de Manaus e Deputado Federal. Foi um homem de raro brilho nas ciências, nas letras e no serviço público. Fundador da Academia Amazonense de Letras, ocupou a cadeira n.º 17 - Patrono Francisco de Castro. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 11 de junho de 1945.

[8] João Huascar de Figueiredo nasceu em Belém a 27 de fevereiro de 1891 e faleceu em Manaus, muito jovem, com apenas 58 anos, a 23 de fevereiro de 1949. Fundador da Academia Amazonense de Letras, ocupou a cadeira n.º 19 patrono Thomaz Lopes (hoje cadeira n.º 15 patrono Graça Aranha). Inteligência privilegiada, foi o mais completo tribuno da sua época. Robério Braga, no seu excelente Perfis Acadêmicos 1, fruto de suas pesquisas, apresenta na página 29, sobre Huascar de Figueiredo: "Em expressão síntese, afirmaram os de sua época: *'era um talento sedutor'*, no dizer de André Araújo; *'uma inteligência e uma cultura que a Província inutilizou'*, como quer Djalma Batista; *'um panteista de sentido estático'*, assegura Mavignier de Castro; *'bom, sem os artifícios da simulação'*, registra Mithridates Corrêa; *'não conhecia a inércia intelectual'*, assinala Moacyr Rosas; *'foi o último abencerragem do jornalismo amazonense'*, no dizer de Mário Ypiranga Monteiro; e *'era um talento, uma cultura, um palestrador fascinante'*, sintetiza Raul de Azevedo."

agitando-os com a força evocativa da gratidão ou do esthusiasmo, para os realçar com o brilho enternecido das nossas homenagens, a tristeza da saudade terá de ceder logar a uma outra especie de recordação, na qual a dor amarga se transfigura na suavidade confortadora e menos colorida da simples lembrança, reconstituindo-se passageiramente as horas de convivencia e os seus momentos gloriosos para os traduzir nos arrebatamentos illuminados dos nossos sentimentos atuais." (sic)

Segue-se outra bela página agora do acadêmico Leopoldo Péres, com a saudação oficial da Academia ao senhor interventor capitão Nelson de Mello. Sereno e culto, um autentico tribuno, discorre com elegância e sabedoria sobre a personalidade e os encargos assumidos pelo homenageado. Não é possível deixar de lado um pequeno trecho da sua fala:

"Mas, sobretudo, senhor Nelson de Mello, – e este é, a nosso vêr, o vosso maior galardão, – não vos deixastes arrastar, pelo fastigio e pelas obsessões do mando, á apostasia de vossa intemerata crença revolucionaria, nem incorrestes, como tantos outros e tresdobradamente, nos erros e vicios, desmandos e calamidades, que apontavam ao regime vencido, e os teriam compelido a compartir a contigencia amargurada de uma luta entre irmãos. Isto quer dizer que não vos prosternastes nem genufletistes em face dos idolos que havieis ajudado a incinerar. Cavalheiro sans peur et sans reproche, soubestes refurgir ás delicias de Capua e ás volupias efemeras do poder. E déstes com isso um nobre, raro e quasi singular exemplo ao Brasil. Tanto mais quanto, no Amazonas, vossa permanencia á frente do governo resultaria, automaticamente, a um gesto de aquiescencia vossa, da espontanea e univoca aclamação plebiscitaria dos vossos concidadãos: seria um imperativo irrecorrivel da vontade popular, a cujo mandato unanime só os elevados escrupulos de vossa consciencia civica lograram obstar." (sic)

Prossegue, finalizando:

"A' Academia Amazonense de Letras corria o dever indeclinavel de associar á festa inaugural desta casa a homenagem que hoje vos rende, com as expressões da

mais efusiva e jubilosa cordialidade. E' um preito de rudimentar justiça a quem tudo devemos. Fostes, na realidade, o consolidador da existencia, por assim dizer, exclusivamente espiritual da Academia, possibilitando uma mais larga, fecunda e radiosa projeção dos seus objetivos de estudos. Eramos, com efeito, até ontem, pouco menos do que uma caravana de obstinados pelejadores das letras, á feição de homéridas e rapsodos errantes, solidarizados tão só nas gestas heroicas do sonho creador, no orgulho da gloriosa tradição e na fidelidade aos ritos supremos da inteligencia e da beleza. Homem de pról na ação e nas armas, mas, antes disso, homem de idéas, com uma formosa visão panoramica sobre os quadrantes do pensamento moderno, quizéstes proporcionar, e proporcionastes, ao nosso indefésso labôr intelectual, com o domicilio permanente, a alegria do této definitivo, que nos faltava. Mas não vos contentastes com isso e, para maior envaidecimento nosso e testemunho mais eloquente do vosso aprêço aos valôres eternos da sensibilidade e do espirito, houvestes ainda por bem chamar ao posto de maxima responsabilidade cultural do vosso governo um dos maiores dentre os grandes nomes, com que se préza esta Companhia de opulentar o patrimonio mental do Brasil: Pericles Moraes. Nada temos, contudo, que vos agradecer. E isto porque, outorgando-vos a Presidencia de Honra da Academia, já não vos consideramos nem recebemos como a ádvena ou estranho, - mas como a um dos nossos, e dos mais dilétos. Não sois hospede entre nós. Ao de perto, em presença, ou ao de longe, em espirito e coração, aqui ficareis, doravante, identificado fraternalmente conosco, na bôa e na má fortuna. Estais em vossa casa." (sic)

Este discurso do acadêmico Leopoldo Péres, ainda hoje e depois de tantos anos, quando lido na sua íntegra, provoca uma forte e transfigurada emoção, devido aos belos e insuperáveis contornos da sua construção. Fico imaginando, tribuno que foi de primeira grandeza e exímio pelejador das letras, o que sentiram todas aquelas pessoas que

estavam na festa de inauguração no dia 6 de janeiro de 1935, quando o brilhante acadêmico Leopoldo Péres pronunciou esta esplêndida fala de gratidão.

O senhor Interventor fez o seu agradecimento com um discurso simples e rápido, mas construído com o brilho de uma inteligência privilegiada, exigindo assim a sua reprodução. Eis as suas palavras:

> 'Podeis bem avaliar o embaraço confrangedor que me empolga o espirito, avêsso, por temperamento e e por profissão, ás tiradas oratorias em que se comprazem os espiritos de escól, ao ter que balbuciar, neste augusto cenaculo - onde se acham reunidas, nesta festa memoravel da intelligencia, as mais fulgidas expressões do Amazonas intellectual - algumas palavras de agradecimento a tão desvanecedora quão immerecida homenagem.
>
> Senhores. Ainda resôam aos meus ouvidos os écos dos discursos proferidos, aqui, pelos oradores que, com o atticismo e as galas de um estylo academico, saudaram e exalçaram, com uma generosidade só egualada á cultura que exorna seus espiritos, o meu gesto singelo de doar á Academia Amazonense de Letras, uma séde condigna ao nobilissimo fim a que se destina. E a esse meu acto de governo, que pratiquei com a frieza e a serenidade do cumprimento trivial de um dever, responde a élite intellectual amazonense que constitue este sodalicio, com o esplendor desta festa que se deslumbra e me commove: deslumbramento pelo brilho mental que della resumbra e commoção pela munificencia dos corações que a organizaram. Longe estava eu, dentro da recalcada modestia da minha rude vida de soldado, sem reclamos e sem refólhos, toda ella sulcada de luctas cruentas, de sacrifícios e de renuncias de toda sorte, pelo ideal de um Brasil melhor, longe estava eu, dizia, de aspirar ou, siquer, sonhar as homenagens excepcionaes de que sou alvo neste momento, com a presidencia de honra que me conferistes e a apposição do meu retrato na sala de sessões deste synhedrim das lettras. Se não fôra meu espirito blindado contra quaesquer velleidades, certo julgar-me-ia, nesta hora, merecedor de todas as provas de apreço que me daes. A vossa fidalguia e magnanimidade,

acolhendo-me nesta casa, meço-a, antes, pelo jubilo que alvoroçou vossos corações, ante a grata nova de que a vossa familia espiritual já possuia um tecto. E esse jubilo e essa satisfação, incontidos, obnubilaram vossas lúcidas intelligencias, determinando estas manifestações, que são as alviçaras que vossa longanimidade me concede pela minha modesta contribuição, toda de ordem material, ao vosso indéfesso e estrênuo labor espiritual.

Que no Amazonas, terra proverbialmente dadivosa, que já prodigalizou riquezas, a mancheias, por todo o Brasil, só recebendo, em troca, negações e apôdos, surja, são os meus votos, - um Mecenas magnifico, um émulo do livreiro Alves, que, ao revés da modestissima oblata que, nesta hora, se festeja, institúa um vultoso legado, dando a esta tertulia o conforto material que tão bem se casará ao seu fastigio litterario.

Seja-me licito aproveitar a opportunidade, que se me antolha, para, encerrando estas breves palavras de desvanecimento, pela magnitude desta recepção e pela honra do vosso convivio espiritual, almejar á Academia Amazonense de Letras uma longa e remansada existencia, para que ella possa, na dôce paz, tão suave e tão propicia ás concepções do espirito, attingir a sua meta: as justas incruentas da intelligencia, para maior irradiação cultural do Amazonas, no Brasil. Disse." (sic)

VIII) Outra peça de rara preciosidade é o discurso de posse do senhor Anisio Jobim[9], na cadeira de Farias Brito, fato que ocorreu no dia 24 de setembro de

[9] Manoel Anisio Jobim, nascido a 27 de março de 1877, ocupou a cadeira n.º 22 (antiga cadeira n.º 30), cujo patrono é o filósofo cearense Raimundo de Farias Brito (1862/1917). O fato interessante é que os acadêmicos ocupantes desta cadeira, Generino Maciel (fundador) e seu sucessor Achilles Bevilaqua, foram transferidos para o quadro de sócios correspondentes, o primeiro na Paraíba e o segundo no Rio de Janeiro, por força de dispositivos estatutários. Anisio Jobim exerceu, com probidade e lisura, numerosos cargos públicos de grande relevo. Desde o início da sua exemplar carreira de servidor público, inicialmente como Juiz Municipal, passando a Juiz de Direito de várias Comarcas, Chefe de Polícia, Procurador Geral do Estado e Desembargador, sempre foi merecedor de aplausos pela sua seriedade e talento. Representando o nosso Estado com muito brilho, foi Senador da República. Além de magistrado, foi um iluminado historiador do Amazonas, com várias publicações de grande mérito, tendo ainda pertencido a várias Instituições culturais brasileiras. Faleceu em Manaus no dia 13 de junho de 1971. Seu sucessor na Academia Amazonense de Letras é o ilustre escritor, pesquisador e historiador Robério dos Santos Pereira Braga. O seu filho Paulo Vinhas Jobim foi meu professor no Colégio Dom Bosco.

1932. Faz um comovente elogio do patrono de sua cadeira, o filósofo cearense Farias Brito, quando afirma:

> "O seu grande renome está em ser filosofo. Era êle um mestre insigne de varias disciplinas, mas foi no terreno da filosofia que a sua individualidade se ergueu, altanou-se no horizonte espiritual da sociedade brasileira, onde escasseiam os filosofos dignos deste nome e obras de incontestado merito, indo se projetar lá fóra, extra-muros. Farias Brito era um excelso e profundo pensador, tendo deixado obra copiosa." (sic)

Mais adiante completa:

> "A cátedra, meus senhores, que venho ocupar na Academia Amazonense de Letras, tem o prestigio, a brancura, a pulcritude do inclito patrono que a ilumina e a circunda, como um anjo bom, como uma aurora resplandecente, em que o vejo transfigurado. A sua actuação, como já vos disse, no campo das idéas não ficou sem éco, como a voz do poeta, que clamava sob um céu escampo, vendo além o seu vulto bailar como uma sombra sinistra e errante; não, o filosofo, que se criou no isolamento, na faixa litoranea do norte, que se fez no convivio dos livros e na contemplação da tragedia do mundo, que compreendeu as dores que nos torturam com uma grande comoção, que sofria com a inquietação universal, abalando-lhe os instintos morais, e que com uma tenacidade estupenda fixava normas de conduta e apontava o caminho da virtude, do consolo e da esperança, em busca da paz das consciencias, talvez tivesse descido ao tumulo desiludido, mas a sua doutrina floresce em muitos espiritos jovens, que a impregnaram de seu perfume, e o divulgam no ambito da nossa nacionalidade." (sic)

No seu ingresso na Academia Amazonense de Letras, Anisio Jobim foi saudado pelo acadêmico Leopoldo Péres, cujo discurso infelizmente não chegou a ser publicado.

IX) Estamos quase completando a nossa visita. É que ainda faltam ser mencionados trabalhos de grande nomeada. Por exemplo: "Um inovador da crítica literária: Benjamin Lima", de Pericles Moraes; "Cenas do Rio Negro",

de Agnello Bittencourt; e "Profissão de Fé", de José Chevalier. Sem contar com o noticiário de redação, sob o título "Idéias e Fatos", provavelmente de autoria de Leopoldo Péres. (digo provavelmente, pois que, ao término do noticiário aparecem duas letras: L. P.)

Na primeira peça, Pericles Moraes exalta, com inteira justiça e justeza, o escritor, dramaturgo e crítico Benjamin Lima a propósito do seu livro "Esse Jorge de Lima". Em um ensaio longo e profundo, ocupando onze páginas da Revista, Pericles Moraes, além da sua apreciação ao livro publicado, diz com todas as letras que

> "Benjamin Lima é o mais genuino florão da nobreza intellectual Amazônica. ... foi na Amazonia gigantesca e genetriz onde abriram para a vida os seus olhos deslumbrados. Foi sob a adustão de seu clima e a trama selvagem de suas florestas que se fertilizaram as sementeiras de sua intelligencia e se lhe amadureceram as faculdades de conceber e de crear, e onde se formou o seu espirito e se educaram as qualidades mestras do escriptor e do artista, para o surto das idéas e as realizações gloriosas de sua obra. (janeiro, 1934) (sic)

O professor Agnello Bittencourt, em "Cenas do Rio Negro", relata a rebelião e incêndio de Lama-Longa, ocorrida em 1757 na região habitada pelos manáos. Com o seu porte de professor catedrático de história e geografia da Amazônia, não poderia ter sido outro senão o valor inestimável do trabalho que publica na Revista. Embora o próprio autor indique outras importantes individualidades que também escreveram a propósito deste evento, vale um chão de ouro em pó os momentos da sua leitura.

José Chevalier faz a sua "Profissão de fé", selando o valor intrínseco e a pujança já demonstrada da intelectualidade amazonense. Um belo exemplo de força, confiança e ardor nos pensadores da nossa terra.

O noticiário contido na Revista destaca sob o título Grande Vidas, Grandes Obras, o falecimento ocorrido durante o ano de 1934, de Miguel Couto, João Ribeiro, Medeiros e Albuquerque, Coelho Netto e Humberto de Campos, todos eles expoentes do pensamento nacional.

Em Bibliografia Acadêmica, relaciona os livros recentemente lançados pelos integrantes da Academia Amazonense de Letras. Começa com Raul de Azevedo com "Roseiral" e "Hora de sol e Bazar de livros"; Aurelio Pinheiro com o romance "Macáu"; Pericles Moraes anunciando o

próximo lançamento de mais um livro seu "Legendas e Aguas-Fortes"; Benjamin Lima com o seu livro de crítica moderna "Esse Jorge de Lima"; Araujo Lima com o seu clássico "Amazonia - a terra e o homem", que mais tarde viria a fazer parte da famosa Coleção Brasiliana da Companhia Editora Nacional; a conferência de Paulo Eleutherio intitulada "A caminho de novos rumos"; e, finalmente, o livro de Anisio Jobim "A Intelectualidade no Extremo Norte".

Registro de muito destaque é dado com a visita realizada pela poetisa Violeta Branca à Academia Brasileira de Letras, publicando a Revista várias poesias de sua autoria.

As últimas matérias publicadas são o Estatuto da Academia, a ata de eleição da Diretoria para 1935-1939 e o Decreto do Governo do Estado que fez a doação do prédio onde ainda hoje funciona, como a sua sede própria, a Academia Amazonense de Letras.

Está completada a nossa visita. Foram bons e belos momentos conhecendo o labor literário dos homens de letras da nossa terra, os nossos confrades acadêmicos de outras épocas, que estão a ficar cada vez mais distanciadas. Não estou seguro da virtuosidade do trabalho aqui apresentado, mas estou convencido da sua fidedignidade.

VISITA DOS REIS DE ESPANHA

Carmen Novoa Silva

Os reis da Espanha, Juan Carlos e Sofia, estiveram em Manaus, no dia 13 de Julho de 2000. O rei Juan Carlos ficou famoso, principalmente, por seu pulso forte quando, há mais de uma década, como chefe das Forças Armadas Espanholas, colocou um freio nos militares ultradireitistas que haviam invadido o parlamento com intuito golpista. Fez deste modo prevalecer a democracia à época recém-instaurada.

Os monarcas vieram a nossa terra usufruir o que chamo de nossa Terceira Fase Dourada da economia regional: **O Turismo Verde**. Sabemos que a Espanha é um dos países do Velho Mundo a receber maior número de turistas. Tudo dependendo de um modelo turístico implantado há quarenta anos, baseado na aliança de qualidade e quantidade. No entanto, atualmente tem que se adaptar às outras exigências do perfil do novo turista que exige o "Verde que te quero Verde" de que falava o poeta Frederico Garcia Lorca.

Ao pisar em solo manauense, rumaram de imediato ao Hotel Tropical onde ficaram hospedados e dali partiram para conhecer o Encontro das Águas, retornando a Manaus para uma visita ao nosso totem, de uma época de fastígio, o Teatro Amazonas. No Hotel Tropical, foram recepcionados pelo governador do estado e demais autoridades com um jantar e, logo após, embarcaram no barco da Marinha Brasileira, escoltados por dois helicópteros que os conduziram ao sonhado turismo no Arquipélago de Anavilhanas e ao pernoite no já afamado Hotel de selva Ariaú Tower. Esse Sinai de onde se divisa a terra prometida: A Selva Amazônica. Sonho exótico de todo estrangeiro.

Falemos no entanto da emoção do rei: Dizia o escritor Gustavo Adolfo Bécquer que o temperamento da raça ibérica difere da saxônica pela emotividade e pelo sentimento. Os ingleses, principalmente, diz ele: ... "Podem estar sob um fio de uma espada que permanecem frios, impassíveis, fleugmáticos". O rei espanhol, Juan Carlos, em sua visita a Manaus, não fugiu à regra bécqueriana. Foi pego pela emoção e pela sensibilidade. Fui testemunha disso e autora da provocação

propositai que a todos causou surpresa.

A exposição por mim organizada, "Espanha Imigrante no Amazonas", (ciclo de 1900 a 1970), tinha como símbolo o retrato do rei Alfonso XIII, avô do monarca hispânico, em tamanho grande, estampado em um *banner* de dimensões igualmente grandes. Para nós, amazonenses, essa fotografia nada significa, mas para os espanhóis, aqueles que apreciam, estudam e entendem história e cultura e, precípuamente, para o rei Juan Carlos, aquilo foi como se lhe agitassem as fibras do coração.

Quando adentrou no hall do Hotel Tropical, lugar em que se encontrava a mostra histórico-fotográfica de apenas 20 fotos do meu acervo particular, ladeado pela rainha Sofia, o governador do Amazonas e esposa e alguns seguranças particulares, ao defrontar-se com o *banner*, parou perplexo apontando para o retrato, e, num misto de comoção e entusiasmo, exclamou: "*es mi abuelo!*". Logo após, dirigiu-se ao governador Amazonino Mendes falando em português: "é o meu avô!". Por que o espanto? O leitor poderá perguntar. Explico que na Espanha de hoje, a figura de Alfonso XIII só existe nos museus, para o deleite dos estudiosos da história e da memória da realeza. É algo esquecido. E aqui no Amazonas, num mundo, para eles, novo, exótico e selvático, o antigo rei renasceu como Fênix das cinzas do tempo passado. Foi necessário minha intervenção para detalhar que os jornais *El Español "La Voz de España e El Hispano-Amazonense*, eram editados em nossa terra no idioma espanhol, no início do século.

A colônia espanhola de então tinha-o como um ídolo. Na data de seu natalício e na de seu onomástico, 27 de maio e 17 de janeiro, era a figura central nas páginas dos jornais e motivos para concorridíssimas festas da "Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos", a festejar o seu soberano. E assim foram explicadas as fotos diante do crescente interesse real. Prova de que fosse uma exposição fautosa não causaria tão boa impressão quanto esta "Espanha Imigrante no Amazonas", que tinha pelo avô do rei, Alfonso XIII, uma profunda afeição.

Explano agora num breve histórico os detalhes da referida exposição:

A exposição histórico-fotográfica "Espanha Imigrante no Amazonas", compreendendo o período de 1900 a 1970, é uma pequena parte do meu acervo sobre a imigração espanhola no Amazonas que no início do século até os anos 40 foi maciça, tendo chegado ao número de 3 mil espanhóis radicados em Manaus e interior do Amazonas. Era a 2ª maior colônia de imigrantes, só perdendo para a dos portugueses.

De 1940 até 1970, foi decrescendo

o número de hispânicos, já que o marasmo econômico e a estagnação financeira, desencadeados pela "débâcle" da borracha fizeram com que muitos retornassem ao berço natal ou viajassem rumo a outros estados brasileiros, principalmente os do sul do país. A 2ª guerra mundial também propiciou o retorno de muitos deles à Espanha, pois chegaram a ser perseguidos em Manaus por serem rotulados de "nazistas" devido o regime do General Franco (ditador à época da Espanha) ser fascista e apoiar "discretamente" a ação Hitlerista.

Em 1970, restavam pouquíssimos imigrantes que se reuniam na Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos.

Com a morte dos principais líderes, extinguiu-se em 1970 a Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos. E com ela, foram-se os ideais primitivos de solidariedade ao compatriota e de "socorros mútuos" que norteavam os estatutos pioneiros da referida associação.

A exposição "Espanha Imigrante no Amazonas" (1900 – 1970) foi composta de 20 fotografias em tamanho grande, divididos em 5 séries.

1ª série – "Imprensa Espanhola no Amazonas" (1900 a 1930)

Pesquisa feita no Instituto Geográfico e Histórico (I.G.H.A) por Carmen Novoa Silva para compor seu livro sobre a Imigração Espanhola.

São 3 os jornais publicados em língua espanhola dirigidos precípuamente à comunidade hispânica nas primeiras décadas do século XX.

- "El Hispano – Amazonense"
- "El Español"
- "La voz de España"

Série – Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos

Associação que reunia não só os da colônia, mas toda a sociedade manauara nas grandes datas: A de 12 de Outubro (dia da Hispanidade e Descobrimento da América) e a de 17 de Janeiro (aniversário do rei Alfonso XIII – avô do atual rei da Espanha Juan Carlos).

As festas carnavalescas também eram bastante concorridas pela Manaus dos anos 20 a 40. A sede da Sociedade ficava na Rua Luis Antony onde funcionava o setor do Ministério do Trabalho e foi alvo de incêndio, encontrando-se atualmente à venda o terreno, pois ficou somente com a fachada, sendo roubados, da porta, os dois Leões de pedra que guarneciam a entrada do então clube.

Série – Cônsules Espanhóis no Amazonas. Suas vidas e seus feitos.

Série – Missionários Agostinianos Recoletos Espanhóis no Amazonas (Lábrea e Manaus). Suas atividades desde 1925 no interior do estado na lide com os indígenas e ribeirinhos.

A exposição teve o apoio estrutural do SEBRAE – AM e o apoio cultural – da Academia Amazonense de Letras.

A exposição é uma pequena parte do acervo, dentre mais de 100 fotos históricas, de propriedade da acadêmica Carmen Novoa Silva que irão compor o livro sobre a Imigração Espanhola, intitulado "Tempo de Imigrantes".

A acadêmica Carmen Novoa Silva mostra aos reis da Espanha, Juan Carlos e Sofia, o jornal "El Español".

SENTIMENTOS DA MALOCA

Jorge Tufic

para Kazys Jurgis Béksta

"... nós, indígenas, somos ainda donos do tempo e não o contrário".

Akheto (Ricardo Peixoto)

A civilização material sobreleva, na conquista do espaço geográfico. Seus mitos já viajavam com ela, e assim as aparências do "outro" confundem até mesmo o raciocínio dos mais sensíveis. É a partir daí que se efetiva o massacre. O legado, no entanto, embora constituído basicamente de utilidades indispensáveis à sobrevivência elementar, revela-se, apesar de todas as perdas, na força mítica do lendário e da linguagem com que às vezes esse tesouro perdido reaparece, como por encanto, na fusão da "cultura" que se impõe com a "sabença" que resiste.

É, sobretudo, este, o ângulo sob o qual o autor deste artigo enxerga a Ruptura da colonização portuguesa na Amazônia; e o resgate, ainda não de todo impossível, da verdadeira expressão regional através das artes e da própria literatura.

* * *

A insistência que recorre, no texto, ao problema da identidade cultural pretende apenas sustentar, dialeticamente, um possível questionamento dos padrões impostos pela supremacia da indústria, comumente representada pelo chamado primeiro mundo. A indústria cultural seria também a primeira a considerar como passível de violência uma abordagem desse tipo. A simples menção de subdesenvolvimento já pressupõe como seria desastroso substituir uma droga de consumo obrigatório por algum tônico regional de fabricação local e sabor inconfundível. Com os livros e as "idéias" também ocorre o mesmo.

Mas alegra verificar que por trás de todos os destroços ainda podemos ouvir a casquinada sarcástica de Makunaima e "ver" as espertezas do Bahira. Na distância que pune os vencedores, estes símbolos parecem alimentar-se do péssimo uso que seus inimigos fizeram da terra.

Maloca. A Casa da grande família, morada do clã (grupo consangüíneo, descendentes de antepassados mitológicos ou de linhagem, parentes consangüíneos de antepassado histórico, etc.)

Já quase não existem, em território brasileiro.

A maloca é uma construção típica dos índios, ampla e segura. Suas paredes internas são divididas por folhas de palmeiras, que lhe servem também de cobertura.

Sustentada que é por enormes esteios e vigas, com amarras de cipós, ela pode resistir ao tempo e ao vento.

A leveza do ar e os feitiços da noite lhe rondam a cumeeira. Ela tem uma superfície de 40 a 50 metros por 14 a 20, com 12 de altura. Ali ficam os dormitórios, a cozinha, a oficina, o lugar de reunião nos dias chuvosos, e a sala de dança nas festas periódicas. "É o lugar onde o tucano vive, morre, e é sepultado"(KJB). "Ali tudo respira tradição e independência" (Nimuendajú).

A fumaça do fogo, dentro da maloca, conserva as folhas de caraná do teto, elimina as pragas e guarnece o ambiente, nas noites frias. Tudo, na maloca, guarda um significado ou tem uma função. Os ecos mais distantes e os brilhos mais ocultos da natureza entram nos sonhos de seus habitantes, e decifram os enigmas e as dúvidas que ficaram do dia anterior. A circularidade, ou a semi-circularidade da maloca, quer dizer universo (explosão, núcleo germinal). O retângulo, que aparece, às vezes, na fachada da casa, aconselha ordem, aprendizado, hierarquia.

Os fornos, os tipitis, os panelões e as bacias, inclusive as cestas, as redes de dormir, os cântaros, as armas, os enfeites, as esteiras e os banquinhos, dividem o espaço, o tempo e as necessidades. Artes simples, de mãos acumuladas no peso, e no conteúdo mágico. O rastro de um cometa, as pontas de uma estrela, engancham, de vez em quando, nos franjados da palha...

"Os valores crescem dos lados para o centro, no desenvolver das atividades cotidianas. Quer dizer que na maloca há uma repartição e valorização do espaço, vinculados ao uso, mas também à tradição e à mitologia" (KJB).

"Nas festas e reuniões decresce o valor em zonas concêntricas, do espaço central para os lados" (KJB).

A expansão, a redução e a renovação da matéria se encontra, do mesmo modo, na "Dança dos Mestres Wu Li", um dos maiores repositórios da física moderna. A maloca, portanto, é o infra-universo que limita, pela qualidade salubre, a proliferação de seus membros, ao contrário do que se verifica nos tumores urbanos. A vida é feliz, mas as palavras certas estão no "fazer alegria". A vida, na maloca, é o instante que se eterniza na memória dos antepassados.

Foi difícil, no início, morar em casa de branco. Ela não tinha onde "pendurar

o sopro". A maloca tem asas, porta para os homens, porta para as mulheres. A porta principal está sempre voltada para o rio. Seus esteios possuem nomes, eles bebem, comem e respiram como gente. Durante a noite ou durante o dia, conforme sejam os "passageiros" que ali repousam, se gente do Dia ou se Gente da Noite, ela muda de lugar.

Tolamã Kenhíri descreve: "cinco pares de esteios centrais: maloca do Dono da Noite; cinco pares de esteios centrais: maloca dos Kóa Yeá; quatro pares de esteios centrais: maloca do Trovão do Céu".

A maloca é o corpo das tradições e dos ofícios: a Cobra, o Kaspí, a limpeza do estômago, a maquilagem, a divisão por hierarquia, o lugar de resguardo para as meninas (primeiras regras), repouso das cobras grandes (a preta e a vermelha), lugar do vaso sagrado, lugar de fermentação das frutas, lugar das mulheres, lugar dos instrumentos musicais etc.

"O símbolo, aqui, sobrepõe-se à visão apenas material da cultura" (KJB). A leitura da Cobra Grande se faz, também, na folha do caapi, no rio com seus afluentes, no esqueleto humano e na própria maloca. Esta é o esqueleto da Cobra. Assim, a viagem continua, só que agora eles já podem construir o caminho da terra. No movimento narrativo do Começo, a lança cerimonial rege os anseios do Caos como potência e realização perfeita. Daí, a maloca.

Tendo sido copiada de protótipos subaquáticos, os tucano receberam, no ato de sua idealização, artefatos como banquinhos, remos... A maloca, portanto, se vale da natureza para nascer, como a toca dos bichos e o ninho das aves. Quanto ao conhecimento do mundo e do esférico terrestre, seu desenho é o mesmo de qualquer cientista: só os nomes são diferentes.

Conversar com os esteios da maloca é conversar com os antepassados. Os da nova geração também estão ali. Eles não morreram de molde a perecer. Caso a família necessite de mais alguma segurança, basta que lhes peça. Walí é o esteio da esquerda, tõrãmi é o esteio do meio. E assim por diante. Amarração correta, vigilância indormida.

A maloca é visão e convivência permanente com a Cobra, através de coloridos e audições maravilhosas, que sustentam sua força na crença dos mistérios, dos hábitos e costumes antigos. O chão, para os tucano, faz parte disso tudo. "Árvore, arbustos e capim, são cabelos dele". Fincar o chão, como ponto inicial de uma dança, representa alegria.

Na maloca, há redes invisíveis para prender as doenças. A porta da frente é trançada com folhas de açaizeiro.

"Não se pode entrar a passo, pela porta, tocando os miniá (plantas sagradas): quem pisa na soleira fica com uma ferida incurável no pé". "Não se pode parar na porta. Quem parar na porta, terá parto difícil do próximo filho" (Gabriel Gentil, índio).

O banquinho: "o pajé, antes de fazer uma cerimônia qualquer, senta-se no banquinho".

A cigarreira: "Bo'tea (herói Dessana, Bóleka) pegou sua forquilha de cigarro e com ela mediu a medida certa da ' porta do parto'."

A peneira: "Ao começo do trançar cruzam-se três talas verticais com três talas horizontais. O ponto do seu cruzamento representa a Casa do Centro, 'Diã-wi', mencionada no mito da viagem dos Antepassados. No momento em que eu realizo alguma cerimônia, a minha casa torna-se Casa do Centro. Verticalmente acima desta, está a Casa do Trovão do Céu, à qual está ligada a vida dos habitantes da nossa maloca", etc.

A caixa de adornos cerimoniais: "Os adornos distribuem-se antes da festividade, e logo depois dela são recolhidos e cuidadosamente acondicionados na caixa" (KJB)

A Lança Ritual: "O adorno na extremidade superior, representa o Sol. O adorno, abaixo desse, representa a Lua. Perto do intumescimento do chocalho coloca-se adorno chamado ñamiri-yari-soriro (em Dessana), saquinho para abrir a noite. A fenda do chocalho representa a separação da claridade e da escuridão e a ponta inferior representa as chaves da mala onde a escuridão veio conduzida pelos primeiros homens" (idem); bastão de transformação do pajé; ele marca o ponto inicial e final da dança: "longa haste ornamentada de plumas e desenhos em alto relevo"(Stradelli).

A Maloca dos Antepassados: "Depois de terminar a cerimônia, no entender dos Tukano, o moribundo já está falecido: sua alma não está mais presente: na rede só está o seu corpo, a ex-moradia da alma. Por isso, coloca-lhe a cuia com mingau (único alimento do enfermo), debaixo da sua rede. Se a pessoa não a pega e não toma o mingau por três dias em seguida, decidem que "já morreu". Preparam o caixão (cortando a canoa em duas partes) e levam-no ao enterro"("A Maloca Tukano-Dessana e seu Simbolismo", KJB, 1988, SEDUC-AM).

O enterro na maloca: "Os finados eram enterrados no espaço central ou no quarto onde o falecido vivera. O lugar para o enterro do tuxaua era no meio, junto dos esteios centrais. Os colares do finado, e toda a riqueza dele acompanha o dono. Sobre o túmulo, arrasavam a terra batendo-a, e faziam fogo, para que o finado não pegasse frio. Se não faziam

fogo, o defunto reclamava, chorava, perturbando a paz dos moradores da maloca" (Américo Maranhão).

Os missionários terminam, aqui, com a destruição da maloca – para salvar seus moradores da promiscuidade, das orgias e do gás carbônico."

Destruída a maloca – diz o padre Casimiro – destruiu-se a comunidade. Os pajés foram expulsos e desterrados.

Seus lugares, porém, apesar do desmatamento, da exploração de minérios e do latifúndio selvagem, permanecem assinalados por aquela estrela que, segundo os Dessana, tem seu lugar reservado a uma certa distância da Lua Cheia. Deste modo, enquanto nosso mundo, paradoxalmente, se esvazia, a Cobra Transformadora ainda nos parece em viagem. Resta saber, agora, para que terra ela está indo.

A POESIA DE VIOLETA BRANCA*

Newton Sabbá Guimarães

Falecida recentemente, no dia 7 de outubro, em um sábado à noite, a poetisa Violeta Branca deixa obra escassa e, por longos anos, quase que esquecida. Publicou, em 1935, ***Ritmos de inquieta alegria***, com que entrava, em definitivo, para as letras, em plena mocidade. Depois silenciaria e penso então, observadas, por certo, as devidas distâncias, em Rimbaud, que silencia aos dezoito, e em Radiguet, o adolescente genial de ***Le diable au corps***, que se extingue mal saído da adolescência. Mas Violeta branca vive muito, acompanha as grandes transformações por que passa a nossa pátria: do Brasil agrário, fechado, buscando em desespero o próprio caminho; assiste ao estourar da mais cruenta das guerras mundiais e à luta pelos ideais democráticos; acompanha, de perto, o nascimento de um novo Brasil a partir de 1964, marco indelével na história nacional deste século e chega ao Brasil inquieto da década de 90, para morrer quase no dealbar de um novo milênio. Viveu muito e viu muito e, com quase meio século de distância, publica outro livro, que, simbolicamente, chamou de ***Reencontro: poemas de ontem e de hoje***, que não teve a mesma acolhida dos leitores nem da crítica, não obstante boa introdução laudatória de Genesino Braga, na qual tenta dizer que Violeta Branca jamais silenciara, como se alguns poemas esparsos escritos no correr de cinqüenta anos fossem prova de atividade literária ininterrupta. As canseiras da vida, os encargos familiares, a própria desilusão que os anos trazem, silenciaram a voz que parecia trazer uma contribuição muito grande para a poesia brasileira pós-modernista, para a lírica apixonada tão bem conduzida por poetisas de extrema sensibilidade, como Gilka Machado, Colombina, Adalgisa Nery e, bem antes, as vozes tocantemente delicadas de Francisca Júlia e Auta de Souza, ou a uruguaia Delmira Agustini, ou a argentina Alfonsina Storni, todas mais ou menos de uma mesma época, se bem que de

* Faz parte do livro inédito" *Tempora Mutantur*. Discursos acadêmicos e artigos diversos.

temáticas um tanto diferentes, que vão do requinte parnasiano, de idéias por vezes entranhadamente filosóficas de Francsica Júlia, aos dramas humanos e à introspecção de Adalgisa Nery; desembocando no grito erótico de Gilka Machado e atingindo à ***kátharsis*** religiosa de Auta de Souza, aquela que busca no divino, qual nova e laica Teresa de Ávila, lenimentos para os fracassos do amor carnal que jamais experimentou; ou o grito da carne em Demira Agustini, Alfonsina Storni, e na inquietação amorosa de Colombina, a teuto-brasileira Ide Schloembach Blumenschein, que, ardentemente, brasileiramente, canta o amor, ao mesmo tempo em que, tolamente, pregava a impossível superioridade racial germânica, traduz discursos de Hitler, acredita na perenidade do Nazismo e tinha versos de tanta doçura e suavidade que fazem da poetisa paulista uma das mais contraditórias artistas das letras pátrias. Violeta Branca também vive esse período de agitação e tremendas contradições, mas mantém-se alheia a essa ***aghonía***, fecha os olhos ao incêndio que ardia pelo mundo, escapa às sérias questões ideológicas que sacudiriam o Brasil com o surgimento de Plínio Salgado e sua plêiade de seguidores, cultos e talentosos, no único momento político verdadeiramente estruturado e nacionalista que a República Federativa jamais teve, de um lado, e de outro o getulismo populista de direita, que agrega ao seu redor a outra porção da *élite* da intelectualidade brasileira, grupos que se intrapunham ao perigo desagregador do comunismo internacional. Dir-se-ia que Violeta Branca pretende a poesia pura da Segunda fase do ultramodernismo espanhol tão belamente estudado por Guillermo Días-Plaja na hoje clássica *Históra de la Literatura Española.* A nossa poetisa, salvo a assunção de aspecto neo-romântico pela escolha de alguns temas recorrentes – e alguns a gosto dos *décadents,* dessa literatura forte e extremamente artificial dos pós-simbolistas, ou como prefere Alfredo Bosi, pré-modernistas, em livro de igual título, não sei se com muito acerto pois, nas letras brasileiras, o modernismo é uma ruptura brutal nos cercados estético-ideológico-lingüísticos, ou seja, oposição ao requinte por vezes mórbido do decadentismo, que o leva à busca do patológico e da própria fealdade como formas de espelho estético-literário, mas no campo lingüístico exalça a língua, **lexis + verbum** para desembocar no ***lóghos,*** no fazer literário —, em temas eternos, aliás, como cantar do mar, a vertigem da mulher apaixonada, a presença do luar, a fala dos olhos, o beijo, o amado como ***Idealtypus*** não-weberiano, mas antes lamartineano, a antropomorfização de

momentos da Natureza como rios encachoeirados, ondas do mar, caminhos que se perdem, pedras que são beijadas e receptivas ao beijo; o, por vezes, exagerado comparativismo em que se verificam objetivações de abstrações, em que raios de sol se transformam em delicadas mãos masculinas que acariciam o corpo branco – tantas vezes repetido! – da poetisa, em que o sangue jovem, estuante, no antegozo da entrega feminil cintila e solta faúlhas de saúde e de exaltação, com todos estes temas apontados, está longe de ser uma ultramodernista à espanhola, ou uma modernista, segundo os figurinos caricatos do Modernismo Brasileiro que explode a partir da Semana de Arte Moderna, de 1922.

O que seria, na verdade, a poesia de Violeta Branca metodologicamente encarada? Em que escola situá-la? Como considerá-la? Os poucos que lhe estudaram a obra, parece que sentem um ***frisson*** quando se trata da taxonomia da sua poética e, todos, sem exceção, de modo que denota açodamento, a situam entre os epígonos do modernismo. Assim procederam os dois apresentadores do livro *Ritmos de inquieta alegria,* ambos emprestando peso enorme ao abandono do formalismo acadêmico por parte da poetisa, o rompimento com as rimas, métrica e cesuras, mas isto, eu diria, é apenas um dos lados da questão e se bem que muito importante, não é certamente *o mais* importante. Também o apresentador de ***Reencontro. Poemas de ontem e de hoje*** incorre na mesma falha metodológica e insiste no modernismo da poetisa e um dos pontos em que ingenuamente se apega é o da presença da figura do índio na sua poesia, já que o Modernismo incentivava a exaltação do nativo. Labora em equívoco, pois a exaltação indígena é tomada pelos modernistas em caráter anedótico e caricato, enquanto Violeta lhe empresta vestidura romântica e elevada, mítica, na linha de Gonçalves Dias e José de Alencar. Ela padece por sinal do cecilismo alencarino quando fala do

> Guerreiro audaz, que te enfeitas
> De penas coloridas e cobras coleantes.

Ou, ao lembrar que:

> É em ti, índio da minha terra,
> Na tua forma esplêndida e viril
> E nos teus músculos
> Feitos de raízes,
> Fortes como as águas e os cipós,
> Que se encerra
> Todo a esperança glorificadora do Brasil
>
> (Ritmos, p. 33)

O que leva a uma assertiva que poderia ser chamada de cômica pela extemporaneidade. O ***éthos*** do Brasil Amazônico faz-se presente em repetições constantes de seres e coisas da mitologia

local: iara, tupã, muiraquitã etc. Ora, Mário de Andrade, o pai da nova escola, dá-nos uma descrição altamente sarcástica do nativismo e o seu *Macunaíma* é uma gargalhada debochada do mestiço brasileiro, do cafuso e jamais uma tentativa de glorificação. O riso aberto e escarninho jamais glorificou nada nem ninguém. O nativismo forte de Violeta Branca também dirá o seu *adsum* muitos e muitos anos depois, quando publica *Reencontro* e, aí, ainda aparecerão, esmaecidamente, vocábulos do tupi e do nheengatu: Tupã, tucum, igarapé, igaçaba, muiraquitã, mas a geografia temático-sentimental da poetisa já escapa à prisão amazônica, seja pela citação topográfica, seja pela enumeração de personalidades identificadas com tais lugares: Índia, Tagore, Gandhi, Espanha, Goya, Lorca, Egito, Nilo, Lady Godiva, Israel, China, Congo, Barcelona, Saragoça, Logronho, Salamanca, Navarra, Cádis, Sevilha,Guadalupe, Málaga, Bilbau, Valhadolide, Granada, Toledo, Pamplona, Sabadell, Alicante, Madrid, Múrcia, Burgos, onde vivem as Manolas, Carmens, Dolores, Paquitas, em uma longa enumeração, rica e muito caprichosa. No segundo livro, a força telúrica do Amazonas cede lugar a uma geografia mais vasta e universalizante. O nativo e o indigenismo, forçado e artificial, dá passagem a uma tentativa de filosofar sobre a vida e seus mistérios e, parece-me, sobe mais, em poemas como o que dá título ao livro, **Reencontro** e, como Don José Martí, lembra ter procurado a rosa branca. Aliás há reminiscências de Martí quando este dizia que cultivava a rosa branca e não

> cardo ni ortiga cultivo;
> cultivo la rosa blanca

e novamente caminhos, como em Don Antonio Machado, mar, ondas, selva, vento, marujos, mãos, brotam, recorrentemente.

Subjetiva, a sua poesia é mais que tudo romântica, enquanto que, com o abandono da rigidez acadêmica cada vez mais presente, mostra-se modernista. Mas escapa à irreverência modernista para com a língua literária ao seguir, obedientemente, os cânones tradicionais, aferrada à gramática normativa como acaso poucos dos seus coetâneos o fizeram no Amazonas, em um zelo canônico que será retomado pelos melhores representantes da Geração de 1945. Tenório Telles, de modo inteligente, salienta o sensualismo que perpassa pela poesia de Violeta Branca, a sua ânsia de amar, o desejo de liberdade naqueles dias em que a severidade patriarcal da sociedade brasileira **ainda** não aceitava com muita facilidade tais manifestações. Neste aspecto é precursora dos anseios de outras poetisas que virão depois e que descreverão, mais afoutamente, esses anseios femininos e soltarão, fortemente,

os gritos de amor que a autora de **Ritmos de inquieta alegria** só soltará de modo tímido e ainda **sottovoce**. Nenhum poema seu será tão desinibido e ousado com os de Gilka Machado, ou jamais terá a ousadia de Alfonsina Storni, quando gemia que

> Me salí de mi carne, gocé el goce más alto

que Violeta jamais teria coragem de proferir. A sua sensualidade é sobretudo cerebral (algo assim como certas passagens de Pierre Louÿs nas **Chansons de Bilitis**), quando promete que

> Banharei meu corpo
> nos perfumes ativos
> das resinas voluptuosamente cheirosas

Disfarça, então, pois não é o **seu** corpo que é voluptuoso, mas as resinas, o que em uma leitura semiótica deslê o corpo, receptáculo e espelho da voluptuosidade que a resina apenas excita e, mesmo quando ela diz que sente volúpia, não usa o verbo sentir, mas o ter:

> Hoje, tenho volúpia do mar
> e sou toda alvorada.

Apenas em "Poemas das tuas mãos", a poetisa se solta mais quando descreve o que sente ao ter o corpo tocado e trabalhado pelas mãos do amado, e torna-se

> plano mágico vibrando
> ao influxo de tua ardente inquietação

e confessa que sente

> poemas de volúpia
> gritos incontidos de alegria pagã,
> correndo ligeiras,
> leves,
> torturantes,
> no teclado branco do meu corpo...

Curiosamente, a sua maior declaração não é feita a um homem, ao amante, aquele que lhe inspira versos delicados de carinho e saudade, ao marujo que parte sempre, nesse eterno partir que é o morrer um pouco de Haraucourt, e sim ao mar, embora por ser ele um viés do objeto dos seus sonhos e desejos. E se o leitor pensa que o poema que tem por título "Teu beijo" vai ser uma explosão de sensualidade e erotismo, engana-se, redondamente:

> Leve,
> nervosa,
> aromal,
> minha mão – mariposa da inquietude
> pousou na tua boca.
> As palavras morreram
> em surdina nos teus lábios
> e apareceram radiosas nos teus olhos.

Ligeira,
leve,
comovida,
fugiu de tua boca
minha mão enlanguescida
– mariposa da luz e do desejo –
Meus dedos truxeram
o morno perfume de teu hábito
e a música silenciosa de teu beijo
(**Reencontro**, p. 153)

Ora, convenhamos, é um beijo nos mais pudicos e primorosos moldes românticos dos franceses e dos ingleses vitorianos, que nem de longe se podem comparar com o beijo descrito, com violência e veemência, pela sua anterior descobridora de novos caminhos para a poesia feminina, Delmira Agustini, que abandona, tragicamente, este mundo mais de dez anos antes de Violeta publicar seu primeiro poemário.

¡ Mi vida toda canta, besa, ríe!
¡ Mi vida toda es una boca en flor!

Ou estes versos de fogo e paixão:

y bendigo la noche sollozante y oscura
¡ que floreció en mi vida tu boca tempranera!

Euísta e narcisista, como Florbela Espanca, mas sem a classitude da portuguesa, autora de sonetos que, pela perfeição da forma, se ombreiam com os de Eugênio de Castro, Violeta Branca se mostra sempre, proclamando a **sua** brancura delicada que contrasta com as amadas mãos morenas que lhe acariciam o corpo, lembra que Tupã dela se enamorou e que lhe sussurrou: És triste e bela", lembra que tem os olhos verdes e que "ficaram sempre verdes", em uma ode sáfica, autodescritiva, que encanta e não poupa a si mesma comparações e epítetos generosos em Constraste", em "Libertação", em "Eterna ausência", todos de **Reencontro**; ou "Espiral" e "Vertigem", de **Ritmos de inquieta alegria.** Mas clama por um amor que seja permanente, em um contínuo jogo de dar e encolher-se que o amor é feito, **também**, do não permutável. Ela mostra a incerteza do amor, pela incerteza da palavra no interminável monólogo euísta. Ora, o discurso amoroso é "para" e "por", e importa na invenção do diálogo e "o diálogo, ensina o filósofo de **A Palavra Humilhada**[1], implica a espantosa descoberta do mesmo-outro e do outro-mesmo". O discurso amoroso de Violeta Branca é essencialmente própria presença e pouco se chega ao outro, motivo e fonte da sua palavra lírica, o que pode dar a impressão ao leitor especial dos seus poemas que ela apenas fantasia os arroubos. Contudo a poetisa consegue um enunciado atemporal quando

[1] Jacques Ellul, francês.

descreve as cuitas de amor e, com isso, logra, na obra escassa e aparentemente superficial, um sinfronismo que somente os escolhidos logram. Não se pode esquecer que o-não-permanecer-no-momento-histórico é a vitória do sinfronismo e o discurso amoroso, quando bem enunciado, logra esse transcender-cronológico, força e mistério do subjetivismo do artista, espelho que vara os séculos e que faz com que sintamos, dois mil anos depois, as queixas seguidas de Ovídio nas elegias das ***Tristia***, chorando as desditas do amor nas frias e inóspitas margens do mar Negro, entre getas selvagens como ele mesmo se lastimava. Mesmo quando um grande e genial poeta, como Pound, prega a desadjetivação da frase, algebraicamente pensa o poema objetivo por uma temática universalista e seca, ou reprova a miséria do homem moderno e recrimina a usura, cerca-se do arsenal lingüístico e embrenha-se na frieza científica do estruturalismo, é a sua emoção pessoal, a sua paixão, o seu-participar-dentro-do-poema, que lhe dará o passaporte da sinfronia. A emoção do artista é o sopro divino, é o *fiat ars poetica,* responsável pela caminhada do poema anos em fora. O hermetismo, o jogo lúdico e abstrato da palavra pela palavra, que alguns inocentes pretendem para o seu poema, tem a vida curta. O sopro da emoção é para a poesia o que é tradição, discutida por T. S. Eliot, para a classitude do texto em prosa. A poesia dessa poetisa, voz única e solitária no cenário cultural do Estado que ela tanto amava, pode ser, ainda hoje, ponto de partida para outras poetisas.

Resumindo: a poetisa de ***Ritmos de inquieta alegria*** poderia ficar para sempre nas letras nortistas como alguém que ousou criar uma obra que se não vincula a escolas específicas e estanques. Modernista, nativista, romântica, neo-romântica, estabelece um traço de união entre o regional que mascara a nostalgia da terra natal e o contraditório subjetivismo universalista que pode sinfronizar-lhe a obra. As matas amazônicas, os lagos, o vocabulário altamente local, prenhe de nheengatuísmo, por sorte quase todos já dicionarizados, são pano de fundo para a sua inquietação amorosa, para o seu amor antropomorfizado pelo mar e a sua incontida alegria de viver, o gosto das cores, da claridade, da luz. Poucas vezes tenho lido páginas tão cheias de luz e claridade quanto as de Violeta Branca e comove-me o seu amor sem limites pelo mar, um Vicente de Carvalho de saias, menos artista e mais desbordante do que o poeta de *Poemas e canções.* Talvez não tenha dentro do contexto literário o valor e peso que lhe deram, um tanto encomiasticamente e me-ufanisticamente, os seus apresentadores, mas é patente que nos deixa, porém, um tesouro que devemos apreçar como algo

que marca a nossa presença na poesia lírica brasileira nas primeiras quatro décadas do século XX, mesmo que, como, honradamente, acentuou Marcos Frederico Krüger, nem todas as pedras desse tesouro tenham o mesmo valor. Amando ternamente o torrão natal, são os poemas com temática local, cabocla, os menos expressivos, de onde se poderia inferir que o seu nativismo-regionalismo era mais uma atitude do que ***ursache*** poética. Por outro lado, apresenta pontos que poderiam ser melhor estudados pelos ensaístas e investigadores locais, procedendo-se a investigações ***também*** de cunho biográfico, fugindo ao rigorismo dos formalistas russos para quem somente o texto interessa, para que se tirem conclusões sobre os estudos da autora, as suas leituras, a intertextualidade apenas vislumbrada e que aqui de raspão se cita e o zelo que demonstra pela pureza da língua, inclusive na sua aparente simplicidade e despojamento, com uma colocação pronominal pontilhosa e ainda um substantivo raro e de uso mais dos domínios da filosofia do que da poesia, como esse "intensão", com **s,** de emprego raro e refinado, que se pode ler no poema "Redenção", além do correto crasear, não obstante um descuido grave de conjugação verbal no poema "Renúncia", de ***Ritmos de inquieta alegria*** e outros, devido, possivelmente, a lapsos de revisão. A hipercorreção é fenômeno raro em quem apenas saiu da adolescência, mesmo levando-se em conta que o ensino da língua pátria era bem mais sério do que o que hoje nos brindam as escolas de segundo grau e a própria Universidade mercê de uma massificação cultural violenta e de que não mais podemos escapar nos dias de globalização em que vivemos.

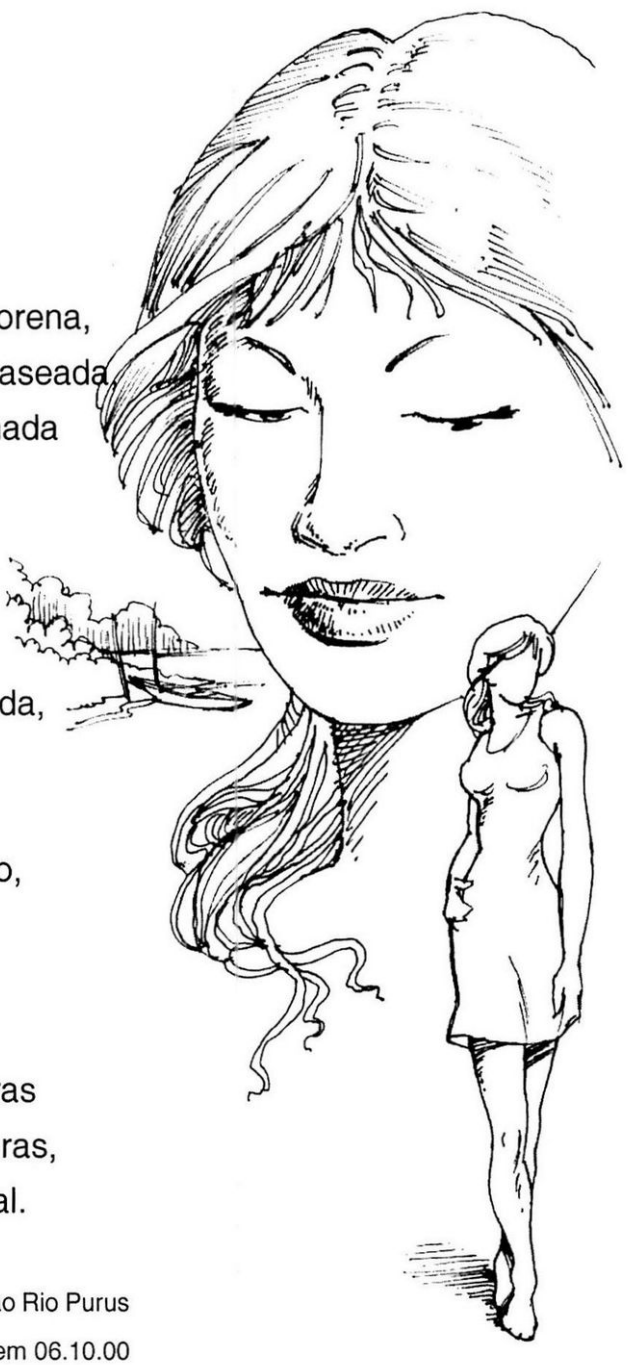
Sugiro que a Academia, que tantos benefícios vem prestando à cultura, proceda, futuramente, de parceria com a Universidade, em seu Departamento de Língua Vernácula e teoria Literária, a uma edição crítica e anotada da obra da poetisa visando a uma bem maior difusão entre o público universitário mais exigente, dentro e fora do Estado, de modo a que possa conhecer-se melhor a maior e até hoje única figura feminina de grandes méritos nas letras amazônicas. E só assim, cumprir-se-á aquilo que ela de si mesma dizia, belamente, sentidamente, euisticamente:

> ... meus versos têm a sonoridade
> do canto dos pássaros
> e o meu riso a suavidade das espumas...
> E é porque eu sou um poema humano
> escrito com a água dos rios.

Campus de Irati, 28 de novembro de 2000.

A CABOCLA I

Almir Diniz



Como ela é

Rija – da áspera lida, a tez morena,
esbelta, brônzea, bela, esbraseada,
espontânea em requintes e adornada
do fascínio nativo, da açucena.

Andar de musa, jeito de falena,
sorriso vago, voz aveludada;
nos meneios de fêmea, descuidada,
sutil borbulha, mística terrena.

Andar ingênuo, leve, puro, elástico,
possui inato perfil aristocrático
e um jeito de ser mulher fatal.

Nas curvas delicadas, nas planuras
do ventre liso e chato, sem ranhuras,
esplende, árdega, a mágica carnal.

Viagem ao Rio Purus
Lago do Paricatuba, Beruri, AM, em 06.10.00

A CABOCLA II

Almir Diniz

Livre pelos campos

Quando vai pelos campos, tão bonita!
cabelos soltos, face afogueada,
lábios abertos, de mulher beijada;
como tiara um laço azul de fita.

A vestimenta é simples e restrita
a poucas peças, poucas, - quase nada... –
a saia curta, alguém diria: ousada!
A blusa, sensual, de juta ou chita.

Sem entender de moda essa caboca,
por si, e só, valoriza qualquer roupa,
o tecido não importa, nem modista.

Vale, nela, isto sim, a formosura,
o seu jeito de ser bela escultura
que encanta, atrai, inebria e que conquista.

07.10.2000

A CABOCLA III

Almir Diniz

Cavalgando

Cavalgando se impõe, é a predileta
dos amantes dos sonhos e da lua,
entre deusas impera e se insinua
no imaginário de qualquer poeta.

Não corre porque voa, e bela e esteta
em esplendores mágicos flutua;
a saia ao pé das coxas tumultua
a sóbria castidade, até de asceta...

Ao vento a blusa, livre dos botões,
revela montes tersos de vulcões
em secreto trabalho... e natural.

Essa amazona de armas pontiagudas,
fascinantes assim, prontas, desnudas,
para entrar em erupção, basta um sinal...

07.10.2000

A CABOCLA IV

Almir Diniz

Canoeira

Vista ao remo, em passeio solitário,
singrando igarapés, lagos e rios,
vejo em seus modos mansos desafios
povoando meu cárneo imaginário.

Vai, lânguida, compondo um estuário
de desejos sutis, mas fugidios,
os seus gestos gentis, como cicios,
são pétalas de luz beijando aquário.

Seus braços de cor pálida e morena
têm a harmonia de asas de falena
e a magia de belas corredeiras.

As coxas livres, onde pousa o remo,
de tão belas que são – pecador – tremo,
envolto de um fragor de cachoeiras.

08.10.2000

A CABOCLA V

Almir Diniz

Indo ao banho

Indo ao banho, à tardinha, a roupa leve,
generosa, dançando, sensual,
sobre as curvas do corpo escultural
atiça o visual, incita a verve.

A aragem sopra, fresca em tempo breve
no caminho do porto – é natural! –
e a batinha, cobrindo o essencial
um roteiro de sonhos circunscreve...

Abre um muxoxo a linda, e, bela, ralha
com o vento ébrio, e, lépida, agasalha
no corpo tenso a peça traiçoeira.

Mas os seios pululam, livremente,
e eis que ela aflita e casta, de repente
entra no flutuante e no banheiro.

08.10.2000

A CABOCLA VI

Almir Diniz

Luzência Astral

Mas, a melhor visão que se tem dela
gravada, eternamente, na retina
é a de maga mensagem vespertina
– flagrante, algo astral, de mulher bela.

Era um cromo nativo, essa donzela,
de rara perfeição – quase divina! –
do seu corpo de mística hialina
resplendiam fulgores próprios dela.

Ao longe, - épica Vênus bronzeada –
esbelta, sinuosa, desvendada,
vai banhar-se no rio, puro e limpo.

É crepúsculo! E o ocaso é quem se banha
de tanta humana luz – tanta e tamanha –
só crível no salão nobre do Olimpo!

09.10.2000

MIRANTE DO COLÉGIO

Carmen Novoa Silva

Do colégio, era o seu
mirante que tocava o infinito!
Mirante-das-horas-máximas,
mirante dos largos horizontes.

Não bastavam pátios floridos
e a capela das sacras imagens.

Não bastavam ave-marias, autos,
ribalta, aplausos, nem o piano da Ivete.

Tínhamos de ganhar as alturas
e divisar sonhos, e ideais, e valores, e o eterno
que as salas de aula indicavam.

Lá no topo do colégio,
éramos labaredas alcançando estrelas.
E conjugar juventude-poesia
dava aos olhos a luz dos grandes momentos.

Não bastava Madre Oliveira
com seu poder de animar barro com um sopro.

Não bastava o telém-telém da sineta
anunciar risos e alvoroço
sob o verão do meio-dia.

Lá do alto - transfiguração de Tabor -
um halo de entusiasmo, de crença
em futuro de glórias, resplendor de dorotéias.

No mirante do colégio,
tínhamos o sol nas mãos...

(Em homenagem aos noventa anos do
Colégio Santa Dorotéia - 1910-2000)

ODE À RIMA

Elson Farias

Adorno da palavra, vigamento
o poema,
espelho mágico a mostrar o rosto
do poeta se ele está bem ou mal
no mundo,

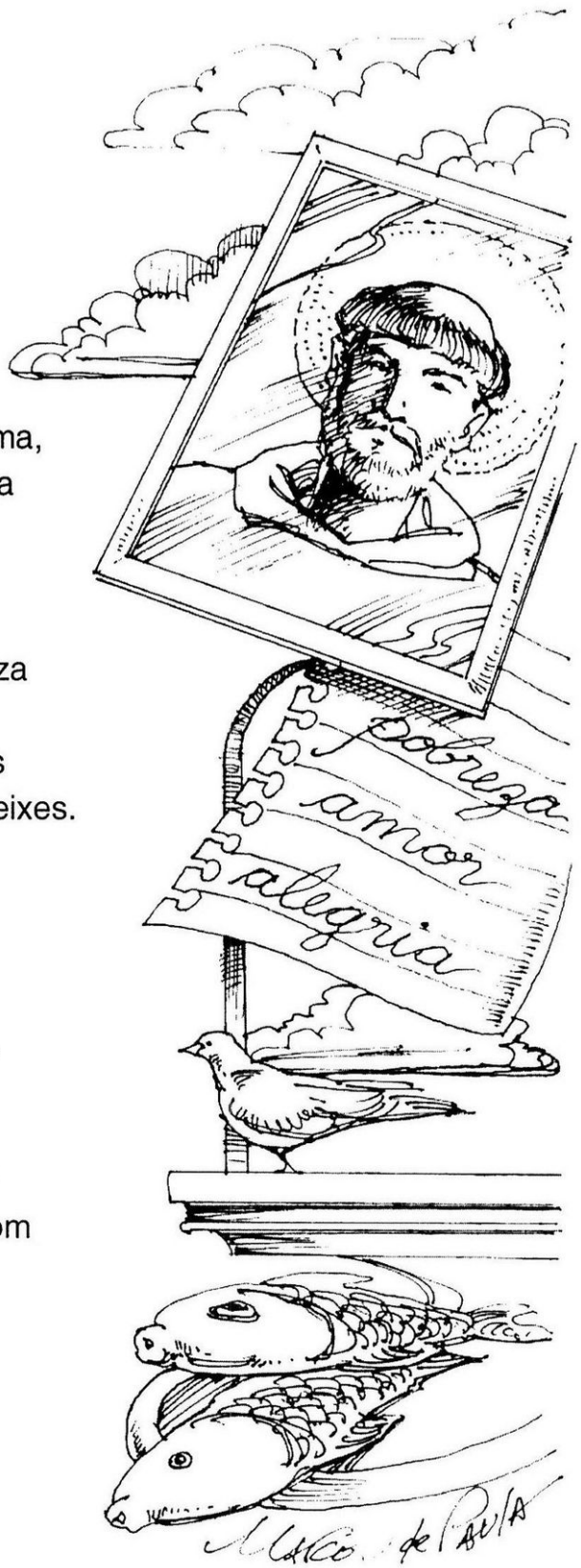
nem sempre o som informa a boa rima,
sim o sentido que lhe infunde o artista
ao montar os vocabulos no verso
com teor da sua ideologia.

Para São Francisco de Assis, pobreza
não rimava com tristeza, alegria
era a luz que brilhava nos seus olhos
quando falava aos pássaros e aos peixes.

No mínimo alegria com pobreza,
concebida a questão ao pé da letra,
possuem aliterações discretas,
jamais a fonte oral da mesma pedra.

Pobreza rimaria com tristeza
não fosse a concepção do *povorello*
que incorporou ao termo um novo som
limpando-o das mazelas da miséria.

Para o santo a pobreza é alegria,
rosa no peito para ser doada,
despojamento, leveza do corpo,
o eterno amor guardado na palavra.



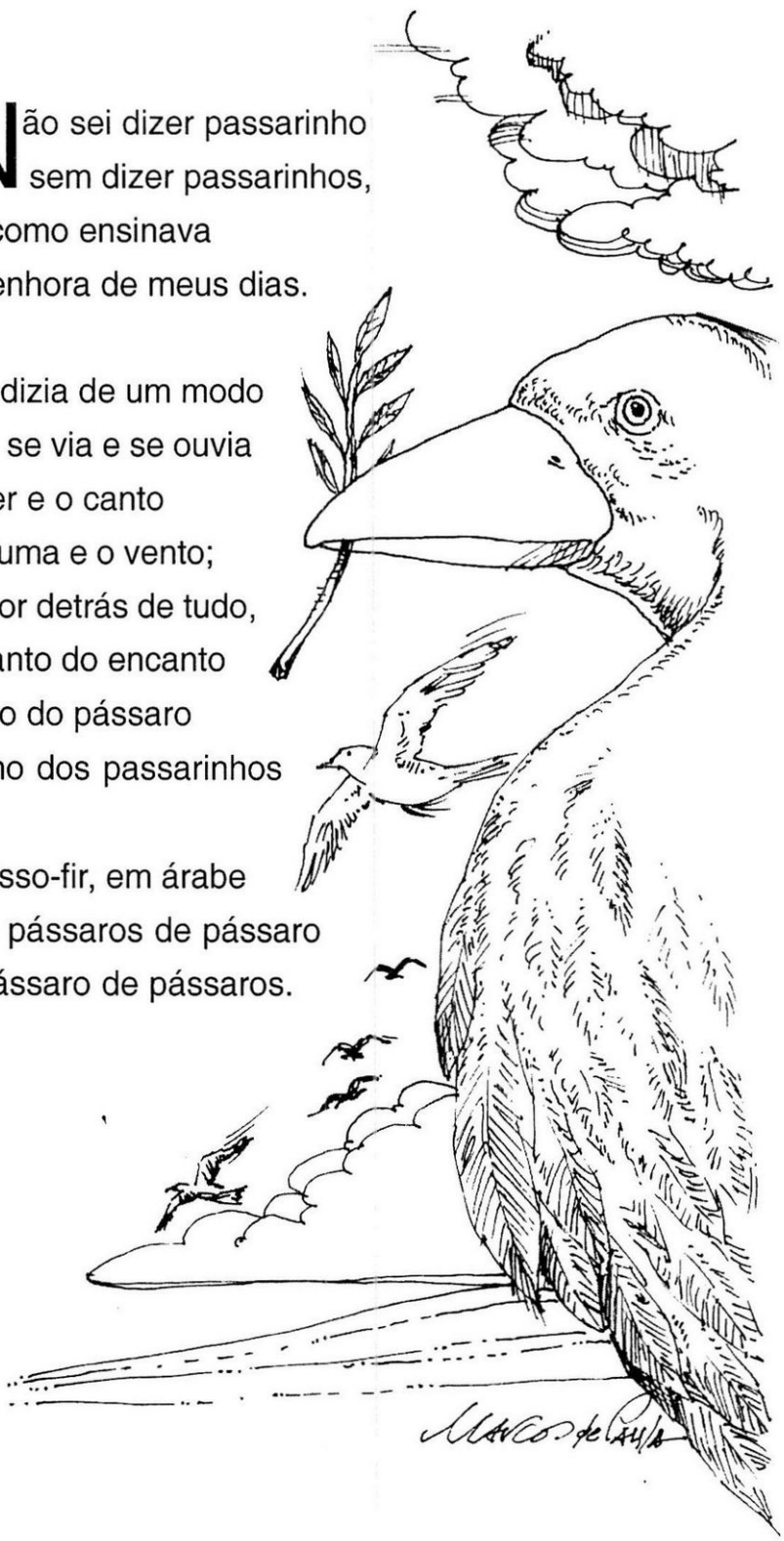
O NOME DOS SONS

Jorge Tufic

Não sei dizer passarinho
sem dizer passarinhos,
tal como ensinava
a senhora de meus dias.

Ela dizia de um modo
que se via e se ouvia
o ser e o canto
a pluma e o vento;
e, por detrás de tudo,
o canto do encanto
tanto do pássaro
como dos passarinhos

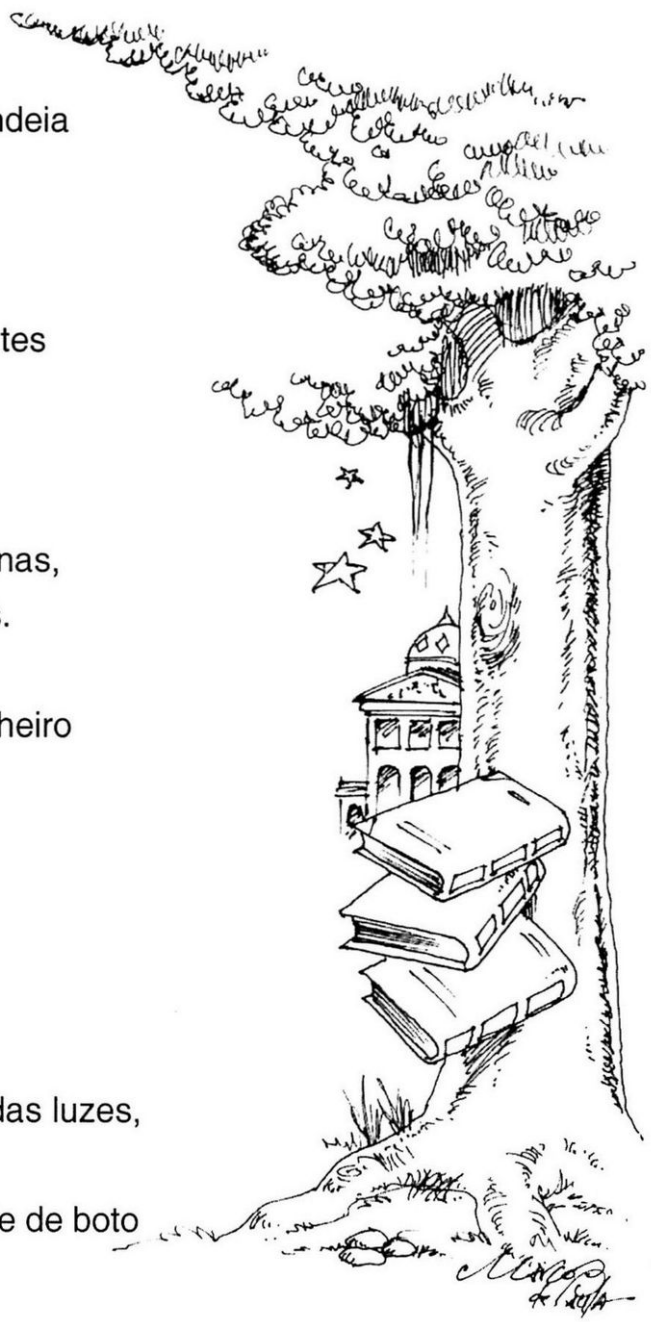
A'sso-fir, em árabe
são pássaros de pássaro
e pássaro de pássaros.



PELO CINQÜENTENÁRIO DA "CARAVANA"

Jorge Tufic

Aos pioneiros do Clube da Madrugada



Eras, tempo, a resina,
o salmo distante, a candeia
das rugas de meu pai.

Eu voava a galope neutro
qual tantos e plenos habitantes
de uma única estrela.

Éramos eu, por enquanto,
somado ao plural das esquinas,
ao traçado boêmio das ruas.

Sem relógio de pulso ou dinheiro
para ir ao cinema.

2

o cais flutuante
a torre da hora municipal
o teatro eclético do século das luzes,
desciam e subiam comigo
entre a calha do rio com pele de boto
e a Praça do Congresso.
Ali, as papoulas bordavam
seus faunos de repuxos monológicos.

O garoto azul destas paisagens
ainda não tinha amigos
nem um banco de cimento armado
onde pudesse aprender a cartilha dos bosques,
o ritmo seco da terra
na fluidez dos insetos.

Valia-se, contudo, das aberturas
que lhe davam janelas e matizes dourados
pela escolha dos ventos.

3

Por força da vida, entretanto,
seus olhos cruzaram as fronteiras do livro,
ele foi descobrindo: o Aluísio Sampaio
na Biblioteca Pública;
o Farias de Carvalho, na Miranda Leão;
o Alencar e Silva, na Esquina do Quintela;
depois vinha Guimarães de Paula
e vinha o Antísthenes Pinto.

Através de suas vozes, a cidade
também foi-se mostrando:
na rua Dr. Moreira, o porão do Anísio Mello,
a oficina artesanal, o prelo idem.
E na praça do Ginásio,
o lugar assinalado para ser madrugada:
encontro fortuito
movimento
clube
laboratório
rosa
cometa

solidão e
claridade.
Canhões adormecidos pela História,
apontavam a miragem de todas as conquistas
no vazio das tardes sopradas de longe
para o aterro dos igarapés,
a fuga do Curupira.

4

Se não fizemos o século, porém
fizemos o meio-século.

Azinhavrou-se, porventura
o discurso que detonara, ao mesmo tempo,
400 anos de nojo e covardia?
Claro que não.
foram três gerações que se deram
para que o mundo, enfim,
soubesse que a madrugada não ficou sendo,
apenas,
este silêncio de peixes brancos
e paz carbonizada.

DISCURSO DE POSSE

Armando Andrade de Menezes*

Senhores Acadêmicos:

Permiti inicialmente uma invocação de amor.

Nesta data, nos idos dos anos de 1895, nascia, na cidade de Parintins, no Médio-Amazonas, DELFINA ANDRADE DE MENEZES que, ornada de peregrinas virtudes, se tornaria Santa em vida.

Por todo o correr de sua preciosa existência, jamais deixara de ser um armazenamento de boas causas, um verdadeiro sacrário da humildade, da bondade, do carinho, da honradez, da paciência, mas da obstinação também, instrumentos de que se valera para, ao lado do marido – TUDE HENRIQUES DE MENEZES –, ajudar na criação e educação dos dez filhos, fazer amigos e admiradores, muitos dos quais se transformando até em parentes e que foram, para seu conforto pessoal e alegria dos irmãos MENEZES, seus "sobrinhos" e "netos".

Aqui mesmo, nesta Augusta Casa, defronto-me com eminentes acadêmicos que dela se tornaram familiares ou a ela se afeiçoaram pelo coração.

Todos os filhos do erudito professor de Direito e admirável escritor que é Oyama César Ituassú da Silva a tratavam carinhosamente por "Vovó Santa"; o amigo de infância Amadeu, que outro não é senão o festejado e aureolado poeta Thiago de Mello, sempre afirmara que por suas ternas mãos bebera leite e tomara mingau; do jornalista de escol e renomado escritor Arlindo Porto, todos os MENEZES guardamos, com sublime emoção, a repercussão da primorosa entrevista que com ela fizera e publicara no "Dia das Mães", em página inteira do jornal "A Crítica", no domingo de 14 de maio de 1989, sob a sugestiva e enobrecedora titulagem: "SANTA MENEZES – Uma Mãe que é SANTA até no Nome"; do historiador percuciente, orador primoroso e talentoso homem de

* Armando Andrade de Menezes ocupa a cadeira n.º 30 da Academia Amazonense de Letras, cujo Patrono é Tristão de Alencar Araripe Júnior. Tomou posse em 12 de maio de 1998.

letras Robério Braga, ainda dispomos, nos nossos corações, a candura de seus conceitos contidos em crônica que dera a lume a 17 de fevereiro de 1992, no jornal "A Crítica", após o seu falecimento, ocorrido a 13 daquele mês e ano, no qual, levando o título de "SANTA MENEZES", encerra tudo aquilo que dela estamos tentando sintetizar com estas afirmativas:

> – "É hora de romper este ciclo e rompê-lo com quem viveu em amor, construindo uma família exemplar, atuando como símbolo de uma época e do seu tempo, sem exercer o poder temporal de mando mas catalizando atenções e honras pela dedicação com que se houve sempre para com os seus, para com a cidade, com a Igreja à qual devotava sua fé, reunindo amigos e herdeiros em derredor de sua bondade e de sua mansidão amiga, aliada à presteza de sua memória e ao estímulo de seu carinho maternal para com todos que dela se acercavam: Dona Santa Menezes".

Da amada SANTA em vida, tão pródiga no bem-fazer, nos ficara, por seu trespasse, a convicção de que continuava santificada, pois essa certeza mais aflorara pela manifestação de acatado religioso, o saudoso Pe. Raimundo Nonato Pinheiro, vernaculista excelso e ilustre membro deste Silogeu, que, em registro também no jornal "A Crítica", de 21 de fevereiro de 1992, comentando o seu desaparecimento, ressalta:

> – "Nunca vi um apelido tão bem adequado, porque na verdade ela foi uma verdadeira SANTA, já canonizada em vida pela legião de amigos que muito a estimavam".

E mais adiante, depois de outras formulações:

> – "Não apresento pêsames à família porque todos sabemos que a matriarca está com Deus: mais uma SANTA no Céu!"

Obrigado, Senhor Presidente Robério Braga, pelo atendimento a pedido meu, para que a sessão de minha assunção neste Sodalício se verificasse na data de aniversário de minha Santa Mãe.

A caminhada até a Academia

Dou, de mim, alguns dados indicativos do conhecimento amealhado no percurso de uma vida construída sob

sacrifício, como acontece com os filhos pobres oriundos do interior que aportam à Capital na busca de melhor escolaridade.

Acadêmico de Direito, militei, com desenvoltura, na atividade política estudantil, como dirigente maior, por dois mandatos, da União dos Estudantes do Amazonas, e, na partidária, como Presidente do Departamento Estudantil da União Democrática Nacional, no Estado.

Por esse tempo e como acontecia com colegas universitários, trabalhei como repórter de jornal, o que me ensejou um relacionamento amadurecido com autoridades, políticos, pessoas gradas, comerciantes e industriais, além da facilidade e do aligeiramento redacional.

Ao depois, já com rumo definido, exerci, por longo tempo, o magistério secundário, como professor de História do Brasil, no Instituto de Educação do Amazonas, e, também, por mais de quatro décadas, o Ministério Público e o Colegiado, como Juiz, ambos no Tribunal de Contas do Estado.

Resultante do exercício consciente e responsável dessas obrigações funcionais, que me levaram ao estudo, a pesquisas constantes e a produções delas decorrentes, mereci, sempre por amável deferência, participar de dois outros Templos do saber de nossa terra: o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e a Academia Amazonense de Letras Jurídicas.

Ao tomar posse, a 25 de março de 1981, da Poltrona n.º 39 do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, da qual é Patrono o inesquecível Mestre Vivaldo Palma Lima, que daqui também foi parte cintilante, era seu Presidente o Dr. Robério Braga, preclaro dirigente desta Arcádia, sendo que o atual titular daquela Instituição – o IGHA –é o ilustrado acadêmico Arlindo Porto.

De outro lado, a Academia Amazonense de Letras Jurídicas, com atividade a partir de 08 de dezembro de 1987, tem-me como seu sócio fundador, ocupante da Cadeira n.º 03, da qual é Patrono o meu sempre lembrado e pranteado irmão Prof. Aderson Andrade de Menezes que foi, em vida, integrante deste Silogeu. Era então seu Presidente, por sinal com exercício continuado até o presente momento, esse espírito luzido de professor e de juiz que é o Dr. José Braga, também eminente participante desta Casa. Valendo ainda registrar que muitos dos fundadores daquela organização jurídica aqui têm assento: os doutos professores e escritores Áderson Pereira Dutra, Jauary Guimarães de Souza Marinho, José Bernardo Cabral, Mário Ypiranga Monteiro, Oyama César Ituassú da Silva, Paulo Herban Maciel Jacob e Plínio Ramos Coêlho.

Estaria eu preparado para galgar os umbrais deste Cenáculo? Penso que para dar-me acesso, tivestes, Senhores Acadêmicos, paciência e atenção para com alguém que, embora despido das qualidades intelectuais e literárias que exornam as vossas personalidades, se apega à diretriz de produzir seus trabalhos sob o ângulo intensivo e rigoroso da pesquisa.

À vossa gentileza, manifestada a 29 de dezembro último, por decisão unânime, para trazer-me a este convívio, hei de corresponder com a promessa de ser útil à Congregação, fazendo espelho no vosso saber em tudo que tiver de criar, a serviço da cultura, e, ainda e sobretudo, para tentar responder àqueles que tanto torciam para que eu adentrasse este Templo, como, por exemplo, três amigos que já não mais fazem parte do mundo dos vivos: o publicista e contista Arthur Engrácio, que não só me incentivava, como chegava a comentar, com amigos, entre estes o eminente e culto escritor e acadêmico Antísthenes Pinto que, de certa feita, me passara ao conhecimento aquele desejo do saudoso amigo; o professor brilhante e também cultor do direito acadêmico João Chrysóstomo de Oliveira que, vez por outra, se indagava diante de amigos sobre a razão de não haver ainda eu ingressado neste Sodalício; o beletrista e acadêmico Pe. Raimundo Nonato Pinheiro que – nos nossos encontros, o último aqui, na noite festiva de 03 de dezembro de 1993, por ocasião da posse do acadêmico Arlindo Porto – sempre usava o mesmo argumento de que era chegado o momento para vir compatilhar deste agradável ambiente, pois, assim, não só haveria de substituir a meu irmão Aderson como, e mais que isso, estabelecer a continuidade, na Casa, da representação da Família MENEZES, generosamente conceituada no seio da comunidade amazonense.

As cadeiras n.^{os} 29 e 30

Foi na residência de Benjamim Lima, na rua Monsenhor Coutinho, que, a 1.º de janeiro de 1918, nascera a Academia Amazonense de Letras, primeiramente nominada de Sociedade Amazonense de Homens de Letras.

A denominação definitiva somente ocorreria dois anos depois.

Foi seu primeiro Presidente o médico Adriano Jorge, figura alcandorada de orador e intelectual, muito festejado e admirado pela sociedade amazonense, motivo propiciador a que, após sua morte, o bairro onde morava tivesse seu nome, que era Municipal, alterado, em sua homenagem, para Adrianópolis.

Por ocasião da fundação desta Instituição, a Cadeira n.º 29 ganhara Araripe Junior como seu Patrono, mais tarde substituído por Capristrano de Abreu, porém retornando, anos depois, ao

primitivo Araripe Junior, situação que permanece até os dias atuais, apenas com uma alteração: a Cadeira patrocinada, no momento, por Araripe Junior não mais é a n.º 29 e sim a 30, sobre cujo assunto voltarei mais adiante.

A Poltrona 29 tem, agora, conforme o Estatuto de 1968, o patrocínio de Castro Alves, da qual é titular o poeta Thiago de Mello.

Alcides Bahia

Foi fundador e, assim, o primeiro ocupante da Cadeira 29.

Era negro, nascido possivelmente no Pará, fora ali jornalista de oposição.

Transferindo-se para Manaus, aqui não só continuara militando no jornalismo como, também, na política. Foi eleito deputado estadual em diversas legislaturas, tendo sido também deputado federal durante um mandato.

Tribuno primoroso, participara, quando ainda estudante no Rio de Janeiro, de comícios em prol da libertação dos escravos ao lado de, dentre outros, José do Patrocínio.

Sendo orador oficial deste Silogeu, vejamos o que dele e do Presidente Adriano Jorge dissera Mestre Agnello Bittencourt por ocasião de sua posse.

> – "Foi um dos fundadores da Academia Amazonense de Letras, tendo sido orador do Sodalício. Lembro-me do dia 19 de outubro de 1932, em que fui recebido pela Academia, em um dos salões do Ideal Clube de Manaus, transformado em sede do areópago, sob a presidência do saudoso Adriano Jorge, uma das inteligências mais cultas e rútilas do Amazonas. A elite da sociedade ali estava para ouvir o presidente e o orador. Ambos improvisaram seus discursos. Não sei qual o mais empolgante. O de Alcides Bahia equivaleu a uma chuva de pétalas de rosas. A imprensa, do dia seguinte, disse-o veementemente. Ambas as saudações recordavam as de Ruy Barbosa" – (*in* "Dicionário Amazonense de Biografias – Vultos do Passado" – p. 44-45).

Alcides Bahia foi casado com Antônia Bahia. O casal, como não tivesse descendência, adotara Moacyr Bahia como filho.

Faleceu em Manaus, a 03 de outubro de 1934.

José de Castro Monte

Com a vaga aberta, por morte de Alcides Bahia, a Academia preenchera-a com a eleição de Arthur César Ferreira Reis que, não se tendo nela investido,

possibilitou ao Sodalício eleger um novo substituto, recaindo a escolha no intelectual e advogado José de Castro Monte.

Arthur Reis, somente mais tarde, alçar-se-ia a este Silogeu, ocupando a Cadeira n.º 13, de patronato de Estelita Tapajós, com recepção do grande cientista e renomado intelectual Djalma Batista.

Nascido em Fortaleza, no Ceará, a 09 de agosto de 1893, José de Castro Monte diplomara-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará no dia 09 de janeiro de 1919.

Vindo para Manaus, aqui contraíra matrimônio com a Senhora Marieta Paiva Monte, filha do grande causídico Bernardino Paiva, integrante de uma das famílias mais representativas da cultura jurídica do Pará, com realce para seu sobrinho – Lourenço Paiva, que se destacara na magistratura, chegando ao exercício do cargo de desembargador. Bernardino Paiva projetara-se em Manaus, como um dos mais renomados advogados do seu tempo. Dedicava seus serviços profissionais principalmente a empresas e firmas inglesas como: a Manáos Harbour Limited, concessionária dos serviços portuários; a Manáos Tramways, concessionária do serviço energético e do transporte coletivo da capital amazonense, feito pelos famosos e confortáveis bondes; e, ainda, a Higson e Cia, que operava no comércio exportador e importador.

Aqui nasce o seu primogênito – Paulo, já falecido.

Retirando-se para o Sul do país, trabalhara em São Paulo e no Rio de Janeiro, sendo que nesta última cidade lhe nasceram as duas filhas – Maria Lúcia e Maria Helena, ambas vivas e residentes em Manaus, sendo a primeira casada com o Sr. Milton César de Araújo Lima.

Essas respeitáveis Senhoras, descendentes de José de Castro Monte, guardam duas preciosidades: uma carta manuscrita, muito amável, datada de 15 de março de 1931, sendo seu autor o já, ao tempo, ex-presidente da República Epitácio Pessoa, compadre de Castro Monte, como padrinho de Maria Helena; a outra, igualmente carta, também escrita a mão, de 14 de setembro de 1922, de autoria de Clóvis Beviláqua, autor do Código Civil que, promulgado em 1916, entrara em vigor a 1.º de janeiro de 1917, correspondência que identifica, pelo relacionamento, a alta qualidade de jurista de Castro Monte.

O retorno de Castro Monte para o Norte deu-se após sua nomeação para Juiz de Direito no Território Federal do Acre, cargo que ocupara até aposentar-se, quando, então, viera em caráter

definitivo para Manaus, onde se tornaria apenas o advogado.

Eleito para a Academia, na vaga deixada por Alcides Bahia e não preenchida por Arthur Reis, Castro Monte pedira, sendo atendido, que o Patrono da Cadeira 29 passasse a ser Capistrano de Abreu.

Castro Monte tomara posse neste Silogeu a 25 de setembro de 1952, sendo seu Presidente João Leda, um dos maiores e mais afamados conhecedores da língua portuguesa em nossa terra. Recebeu-o o ilustre acadêmico Mário Ypiranga Monteiro.

José de Castro Monte, que morrera em Manaus a 23 de julho de 1956, foi Sócio Correspondente, no Amazonas, da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará.

Carlos Alberto de Almeida Barroso

Filho de José Antônio Barroso e Sebastiana de Almeida Barroso, nasceu em Manacapuru a 15 de novembro de 1918, vindo, logo cedo, para Manaus, onde fizera o aprendizado secundário e os cursos Complementar Pré-Jurídico e de Direito, bacharelando-se pela Faculdade de Direito do Amazonas, no ano de 1944.

Moço pobre, mantendo-se, na Capital, com recursos enviados do interior pelo chefe do clã, até que, formado, conseguisse seu primeiro emprego, que foi de professor contratado. Vejamos o depoimento que a respeito Almeida Barroso dá e que consta do seu livro "FIGURAS – IDÉIAS – OPINIÕES", exatamente em um dos dois artigos que escrevera e publicara na imprensa sobre Aderson de Menezes, meu irmão, após seu falecimento, no ano de 1970.

Leiamo-lo:

> – "No final do Complementar e com a entrada para a Faculdade de Direito, a mesma a que ele, mais tarde, prestaria inestimáveis serviços como seu professor e diretor, um fato começou a preocupar-lhe. E a respeito, certa vez, desabafou em tom irônico para mim: – "É, Barroso, você não acha que essa história de ser brilhante, de receber elogios continuados, mas sem um emprego e com os bolsos vazios é agradável, mas desconcerta e até cansa"?
> Concordei com ele e externei-lhe também minhas queixas, que eram as de toda uma geração que estudava com parcos recursos, cada família dependendo de minguados caraminguás percebidos pelo chefe, geralmente como funcionário

público. Era época em que todo estudante andava *duro*, em Manaus, mesmo como acadêmico. O dinheiro que corria era pouco e os empregos que serviam, os públicos, só se conseguia com forte pistolão. Felizmente, houve um momento em que foram abertas muitas oportunidades, trazidas pela Lei das Desacumulações. E a primeira e expressiva chance para um grupo, a que eu também pertencia, veio com o Colégio Estadual do Amazonas, novo nome do velho estabelecimento padrão de ensino secundário, sob a direção do então também líder jovem Machado e Silva. Muitas cadeiras vagas foram nessa ocasião preenchidas com professores contratados. Ao Aderson coube a de Geografia" – (p. 62-63).

Dou destaque a essa informação de Almeida Barroso, porque foi igualmente em decorrência da Lei das Desacumulações que não só Aderson se empregara, como professor de Geografia Geral, no Colégio Estadual, mas, também, ele – Almeida Barroso, como contratado para reger a cadeira de Filosofia e, mais, ao que lembre: Nicodemus Braule Pinto, para História do Brasil; Elmacino Araújo, para História Geral; e Ulisses Bittencourt, para Geografia do Brasil.

Por essa altura, estudante no Colégio Estadual, fui aluno apenas de Nicodemus e Elmacino. Conquanto moços, como os demais contratados, foram professores atuantes e talentosos na ministração de suas aulas.

Guardo de Almeida Barroso a melhor impressão sobre sua conduta exemplar, como professor e amigo, sobre quem só ouvi elogios. Foi espécime raro na maneira de escutar e transmitir, o que combinava inclusive com a mansidão do seu caminhar. Educado e atencioso, foi um verdadeiro *gentleman* no trato com as pessoas.

Além de advogado militante, Almeida Barroso foi ainda, no campo da educação, professor de Psicologia e Secretário da Escola de Serviço Social; professor de Noções de Economia Política e de Direito da Escola Técnica Rui Barbosa e da Escola de Contabilidade Brasileira de Manaus; Assessor Técnico de Educação da ex-Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia; membro da Comissão Regional para o Ensino Secundário, a convite do Diretor do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura, Dr. Armando Hildebrand; e Diretor do Colégio

Estadual do Amazonas.

Foi Juiz de Direito no nosso Estado, após concurso de títulos e provas com aprovação em primeiro lugar.

Sua atividade literária iniciou-se quando bem jovem nas redações dos jornais "A Tarde", nos da Empresa Archer Pinto, principalmente em "O Jornal", no "Jornal do Comércio" e depois, durante 15 anos, em "A Crítica", onde manteve, em destaque, a coluna "Fatos Gordos e Magros".

Foi fundador da Revista do Amazonas e da Revista Municipalista do Amazonas.

Tornou-se articulista dos mais brilhantes na imprensa, criticando posicionamentos que entendia incorretos da parte de autoridades, defendendo interesses da coletividade ou, ainda, cuidando de personalidades que, pela cultura e/ou bons serviços prestados ao Estado, merecessem seu apoio e admiração.

Exatamente decorrente dessa contribuição jornalística/literária é que nasceu o livro "FIGURAS – IDÉIAS – OPINIÕES", editado em 1975, sob os auspícios da Fundação Cultural do Amazonas.

Essa obra de Almeida Barroso, rica na forma e conteúdo, mereceu as mais encomiásticas e aplaudidas críticas da imprensa e dos homens de letras de nossa terra.

Do autor e do livro – o seu apresentador – amazonólogo, educador, cultor das boas letras e insigne membro desta Arcádia – Arthur César Ferreira Reis, diz:

> – "O autor deste livro, hoje faturando sucesso nos meios intelectuais do Rio de Janeiro, onde representa a inteligência amazonense na Federação das Academias de Letras do Brasil, não é um principiante que busque, nos primeiros trabalhos, criar-se nomeada, investindo para o futuro. Sua produção intelectual, publicada na imprensa diária de Manaus, revela o homem de espírito em permanente renovação, na linguagem escrita do escritor sadio e voltado, fundamentalmente, para as coisas de sua terra natal".

E na finalização dos conceitos emitidos:

> ... "Na lição dos fatos e dos homens de ontem, aqui evocados com tanta simplicidade, mas com tanta fidelidade, há uma lição pura, valiosa, profunda, que se faz necessário bem conhecer e assimilar" – (p.9-10).

Ex-Presidente desta Academia, beletrista dos mais notáveis de nossa terra, João Mendonça de Souza – a quem

Almeida Barroso credita a edição do seu livro – autor da matéria de orelha da obra, afirma que Almeida Barroso já tinha prontos para futuras edições: "POLÍTICA – A luta de um livre atirador"; "EM DEFESA DA GLEBA – I"; "EM DEFESA DA GLEBA – II"; "EU E OS OUTROS"; "PROBLEMAS EDUCACIONAIS"; e "CRÍTICAS E COMENTÁRIOS". Além de um outro, em preparo: "TEMPOS DE ONTEM EM MANACAPURU E MANAUS".

Foi, pois, com a construção, antes e depois, dessa bagagem literária que, com a vaga da Cadeira n.º 29, pelo falecimento do seu anterior ocupante José de Castro Monte, Almeida Barroso fora eleito para preenchê-la.

Sua assunção deu-se no ano de 1962, sendo Presidente da Academia o jurista e orador consagrado Leôncio de Salignac e Souza. Recebeu-o o jornalista e acadêmico Aristóphano Antony, proprietário do vespertino "A Tarde", no qual o recipiendário atuara como redator e colaborador.

No ano de 1965, aposentou-se no cargo de Juiz de Direito e, em seguida, mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde voltou a advogar e prosseguiu na sua atividade literária, principalmente a partir do ano de 1974, quando assumira a representação da Academia Amazonense de Letras junto à Federação das Academias de Letras do Brasil, distinção essa resultante de aclamação e por proposta do então Presidente do Silogeu, acadêmico Djalma Batista.

Do resumo biográfico de Almeida Barroso que me fora cedido gentilmente por seu filho Carlinhos Barroso, anoto, com satisfação, que aquele nosso saudoso e ilustrado conterrâneo tivera destacada atuação naquela Federação: Secretário, Vice-Presidente entre 1983 a 07 de março de 1986, quando fora eleito Presidente, para o biênio 1986/1987, com empossamento feito pelo acadêmico Aldemir Cabral Neiva.

Foi casado com Maria Carolina Barroso, de cujo matrimônio resultaram os filhos: Carlinhos Barroso, músico popular e poeta; Maria José, advogada; Ana Amazonas, juíza de Direito; e José Evandro, profissional da área de comunicação, todos amazonenses.

Faleceu a 20 de janeiro de 1993 no Rio de Janeiro, onde seu corpo foi sepultado.

Araripe Junior

Cabe-me, agora, discorrer sobre o Patrono da Cadeira que assumo.

Antes, porém, e como prometido em passagem anterior, o indispensável esclarecimento em derredor da troca na numeração da Cadeira patrocinada por Araripe Junior e, ainda, a razão da substituição do seu primitivo patronato por Capistrano de Abreu.

Araripe Junior foi Patrono da Cadeira n.º 29, desde a criação da

Academia Amazonense de Letras a 1.º de janeiro de 1918, quando se tornara seu titular, como fundador, o jornalista Alcides Bahia.

Por morte deste, em 1934, anos depois foi escolhido para substituí-lo Arthur César Ferreira Reis que, não se tendo dela apossado, ensejou a escolha de José de Castro Monte que, então, pedira fosse o nome do Patrono da Cadeira, Araripe Junior, trocado por Capistrano de Abreu, sendo atendido.

Não me foi possível colher informação a respeito do motivo que levara o cearense Castro Monte àquela solicitação, pois que ambos – Araripe quanto Capistrano – eram cearenses e, assim, seus conterrâneos, além de dotados de grande potência intelectual e literária.

Desse modo, a Cadeira n.º 29 passara ao patronato de Capistrano de Abreu, a partir, portanto, de 1952, quando da posse de Castro Monte, situação que alcançara 1962, também da assunção de Almeida Barroso, indo até 1968, ano da entrada em vigor de um novo Estatuto do Silogeu, mas com outra nomenclatura, no particular: Araripe Junior retornara à condição de titular, porém da Cadeira n.º 30, enquanto, com a exclusão de Capistrano de Abreu, a de n.º 29 passara ao patrocinato de Castro Alves, a qual vem sendo ocupada pelo poeta Thiago de Mello, como, anteriormente, já esclareci.

Vou, pois, na qualidade de ocupante da Poltrona n.º 30, tentar falar de Araripe Junior, cujo nome completo era Tristão de Alencar Araripe Junior.

Filho de Tristão de Alencar Araripe e de Argentina de Alencar Araripe, nasceu em Fortaleza, no Ceará, a 27 de junho de 1848 e faleceu a 29 de outubro de 1911, no Rio de Janeiro.

Rico em informações sobre Araripe Junior é o "Livro de Bolso – Edições de Ouro Culturais", de Afrânio Coutinho, editado em 1967, no Rio de Janeiro.

A obra enfeixa estudo em torno de "Os Sertões", de Euclides da Cunha; a formação de Capistrano de Abreu como crítico; e o nacionalismo literário de Araripe Junior.

Ainda muito jovem enveredara pelos caminhos da vida literária, juntando-se a outros mais novos até, nessa busca.

Deve-se a Rocha Lima, de apenas 15 anos, a criação em 1870, na então província do Ceará, na companhia de rapazes de idade aproximada, de uma sociedade denominada "Fênix Estudantil".

Logo depois, em 1872, levados pelo entusiasmo de que se encontravam possuídos com a sociedade antes criada, Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Araripe Junior, Lopes Filho, Tomás Pompeu, Xilderico de Farias e outros fundaram uma nova associação: a "Academia Francesa".

Sua duração foi de apenas três

anos, pois seus integrantes, quase todos, viviam fora de Fortaleza ou, como acontecia na época, estudavam no Recife, cursando, principalmente, Direito.

Afrânio Coutinho não estranha que rapazes tão jovens, conquanto estudantes de escolas públicas, despertassem tão cedo para a vida literária, e credita essa volúpia pela literatura ao bom ensino então ministrado, no plano elementar quanto secundário, muito superior ao que atualmente se destina à juventude brasileira.

Todos eles estudaram nas escolas Liceu e Ateneu Cearenses, ou, ainda, no Colégio Educandos e no Seminário Episcopal.

Diplomando-se em Direito no Recife, no ano de 1869, Araripe Junior mudou-se, depois, para Santa Catarina e ali exercera um cargo oficial (1871), e, a seguir, para o Ceará (1872), tendo sido Juiz Municipal em Maranguape e deputado provincial, até transferir-se, em 1880, para o Rio de Janeiro, onde cumprira o exercício de realçados empregos públicos, como: Oficial da Secretaria de Estado dos Negócios do Império; Diretor da Secretaria do Interior; Diretor Geral da Diretoria do Interior do Ministério da Justiça; e Consultor Geral da República (1903), cargo que exerceu até o seu falecimento, em 1911.

Foi jornalista, romancista, crítico, contista, biógrafo e grande pesquisador, sendo de sua autoria: "Carta sobre a Literatura Brasileira" (1869); "A Casinha de Sapé" (1872); "O Ninho do Beija-Flor" (1874); "Jacina, a Marabá" (1875); "Um Motim na Aldeia" (1877); "Luisinha" (1878); "O Reino Encantado" (1878); "O Retirante" (1878); "Xico Melindroso" (1882); "Perfil de José de Alencar" (1882); "Contos Populares do Ceará" (1884); "'Gregório de Matos" (1894); "Don Martin Garcia Merou", prefácio (1895); "A Literatura Brasileira. Movimento de 1893" (1896); "Miss Kate" (1909); e "Cajueiro de Fagundes" (1911).

Diante da sua extraordinária e resplandescente atividade literária, foi fundador e membro proeminente da Academia Brasileira de Letras, onde, por sua morte, fora substituído por Félix Pacheco.

Sua literatura crítica foi nacionalista e naturalista, partindo do "indianismo para um largo americanismo ou americanidade brasileira. Esse pensamento é uma constante de sua obra", na definição de Afrânio Coutinho.

Polemicou por muitos anos com Sílvio Romero que defendia a primazia do elemento negro na formação do nosso povo, enquanto ele pensava que tanto o negro como o índio influíram no processo.

Na ficção, enfrentou restrições dentre uns poucos, como José Veríssimo, Jacinto Prado Coelho e Ronald de Carvalho, mas teve, no mais, o aplauso

da unanimidade do pensamento literário de nosso país.

A fala do poeta

Designastes, Senhores Acadêmicos, para receber-me neste Silogeu o "poeta de expressão universal", no dizer de Carlos Heitor Cony, esse bravo e brilhante jornalista que nos delicia, diariamente, a nós brasileiros, com a contundência de suas verdades esculpidas nas crônicas que edita nos principais jornais do país.

Tem razão o cronista admirável, pois, ao assim definir o vosso representante nesta recepção, poderia seguramente, e com sobrado juízo, enaltecê-lo, ainda mais, como dos maiores do mundo.

E se até este momento não consegui dar brilho à solenidade pelo que disse, irá ela engalanar-se, agora, diante do pronunciamento desse extraordinário vate que é Thiago de Mello.

Bem sei, tudo que de mim disser estará amparado no nosso amoroso convívio de amizade, construído desde a nossa infância, no interior do Estado como aqui em Manaus, de quando, para todos da Família MENEZES, era ele, como ainda o é, apenas o amigo Amadeu.

Nunca nos distanciamos desse bem-querer, valendo aqui ressaltar, para justificá-lo, a invocação desse príncipe do jornalismo glebário e que foi dos mais refulgentes membros desta Casa, o saudoso acadêmico Aristóphano Antony, que, no seu livro "EVOCAÇÕES SENTIMENTAIS – (Os meus 184 dias de prisão)", lançado a 18 de fevereiro último, para refletir o sentimento da amizade recorre, com felicidade, a Salas y Quiroga como definidor de que a "amizade é um bem raro e delicado. Unicamente são capazes de senti-la aqueles que são capazes de inspirá-la" (p. 37).

E assim há sido, entre mim e Thiago de Mello, o sentimento "raro e delicado" na constância da nossa amizade.

Por isso mesmo, espero seja ele compreendido na sua generosa manifestação a meu respeito, mas, de qualquer maneira, só tenho a agradecer à Academia o prêmio que me conferira, elegendo para receber-me o alcandorado talento desse vulto ímpar de altas e qualificadas letras e insuspeitado poeta maior deste nosso tempo.

Nascido na encantadora terra das arirambas, onde também vivi parte do meu início de existência, dali – da sua querida Barreirinha – o condoreiro alçara vôo pelos céus do mundo, pregando, e sendo ouvido, o encanto e a força da sua poesia dourada como o sol brilhante e abrasador na defesa dos mais humildes,

da cidadania e da liberdade do homem.

Felizmente que, para o encantamento dos nossos corações, vez por outra, como está acontecendo agora, faz pouso ao lado de quantos lhe queremos bem.

Alegria repartida

Solenidade abençoada

E para encerrar, consenti, Senhores Acadêmicos, que reparta a alegria deste momento de luzimento com minha amada mulher – Ivette, companheira de mais de 45 anos de vida em comum; com minhas filhas Luíza Eneida e Tatiana; com os netos Thiago e David; com os netos/filhos que Deus e Armando Filho nos legaram: Luana Luzia, Armando Neto e Tude César; com os irmãos Albery e Aladia, Almir e Edocine, Alberto, Aurélio e Lindalva, Adherbal e Nelly, Adalberto e Luíza, Maria Luíza e Tude Filho; e ainda em espírito, porque presentes, com os amigos Arthur Engrácio, João Chrysóstomo de Oliveira e Pe. Raimundo Nonato Pinheiro; e, mais, no Reino do Céu, com a sobrinha Amazonina Maria, com as cunhadas Eneida e Lúcia, com o irmão Aderson, com o meu primogênito Armando e, por fim, com aqueles a quem tudo devo – do nascimento à formação moral e intelectual – meus inesquecíveis e queridos genitores: Tude Henriques de Menezes e minha Mãe que, na sua qualidade de SANTA, aqui se encontra risonha, bela e esvoaçante a patrocinar esta noite memorável, abençoando o Sodalício e a seus ilustres integrantes, as excelentíssimas autoridades e a todos os distintos amigos e amigas que nos alegraram com o enlevo de suas amáveis presenças.

A todos, obrigado pela ternura e paciência em ouvir-me!

LOUVAÇÃO PARA ARMANDO DE MENEZES*

Thiago de Mello

Inauguro o meu dia com a luz da antemanhã. É o instante em que os pássaros noturnos da floresta cantam mais alto para se despedir das estrelas. Na mesa de itaúba, que se debruça sobre as águas brilhantes do Paraná do Ramos, graças ao gênio amoroso de mestre Lúcio Costa, abro as janelas do peito, o frontão da inteligência, para receber as palavras. As palavras, que vivem comigo e que vivem de mim, sabem da missão que me espera, e chegam contentes para me ajudar, para cantar comigo.

Voando rasante às escamas de prata do meu rio amanhecido, eu as vejo chegando e as reconheço de pronto. Vindas das lonjuras do tempo e da distância, escorregando pelos barrancos do Igarapé de Manaus, resvalando pela proa da canhoneira colombiana chamada *Cartagena*, agarradas ao balaústre do *bonde* Sete de Setembro, rolando pela nobre escadaria do Ginásio Amazonense Pedro II, espantadas com a formosura da Maria Amália Ferreira, tangidas pela abençoada voz de Orlando Silva, que nascia dos alto-falantes do cinema Politeama, mas sobretudo banhadas pela candura que florescia, a qualquer hora do dia, em certa e querida casa da rua Jônathas Pedrosa: a casa do seu Tude e da dona Santa. Perdão, dona Santinha.

De tantos outros lugares amados, derruídos em nome de uma modernidade de lantejoulas, lá vem vindo as palavras. Na frente de todas, distingo as três principais: Infância, Amizade e Milagre. Juntas, elas erguem, como um pendão de luz, o nome de Armando Menezes. E dizem que posso começar a construir, não o elogio, como a praxe designa, mas a louvação do educador, do homem público, do homem de leis e de letras, do meu amigo de infância, que hoje ingressa nesta Casa.

Pois então vou começar. Querido presidente, escritor Robério Braga, quero contar com a sua tolerância: me dispense do tratamento majestático. Peço porque

* Discurso de recepção ao Acadêmico Menezes, em 12.05.98.

tenho motivos singulares. Longe de mim o intuito de magoar o protocolo. Logo eu que tenho por cuidados a ninguém fazer dano. Quem me freqüenta a casa da floresta sabe que lá até caranguejeira é respeitada: livre e lampeira, faz até amor pelas paredes.

Sucede que não me dou bem com a segunda pessoa do plural, porque ela cada dia fica mais feiosa, e bastante *rampli de soi même*. Por amor à beleza do nosso idioma, barro e alma do meu ofício, prefiro a segunda do singular, a mais bonita, carinhosa, de íntima pavulagem e também a mais querida do povo da floresta, pela qual, de resto, me tratam as crianças de Barreirinha.

Como já então, presidente, tenho a sua licença?

Celebro, em primeiro lugar, o poder da infância que ilumina a vida de Armando Andrade de Menezes. Reparto com os meus confrades o entendimento que tenho desse poder. A infância é um dom que a vida entrega a todo ser humano que chega a este mundo. Com ele no coração, a criança cresce, nesse rito de passagem, até chegar à adolescência, ponte de difícil travessia entre a meninice e o começo da juventude.

Dependendo do amor, do respeito, que mereceu dos pais e educadores, o moço atravessa a ponte e o seu dom, ou cai no rio ou chega ao outro lado, mantendo intacto e radioso, para nunca mais se apagar, o poder mágico da infância.

Qual é esse poder da infância que se prolonga e floresce a cada amanhecer na vida do homem maduro, dono do seu ser, do seu estar-no-mundo, o *Dasein* do filósofo alemão Martin Heidegger? É o poder de acreditar, de querer saber a verdade das coisas, de gostar de repartir, e sobretudo de confiar: o poder de confiar no homem como o menino confia noutro menino.

Canto e celebro no nosso novo confrade o seu poder mágico da infância, que o leva a viver a serviço da vida. E não temo em afirmar que este poder foi a frágua na qual se forjou o espírito de toda a sua ação de educador, escritor e homem público a serviço do Amazonas.

Chega feliz e cantando à minha mão, viajando pelo rio do Tempo, a palavra amizade, de mãos dadas com outra voz encantada: milagre! A amizade, que considero a mais alta forma de amor, chega neste fim de século, arranhada pelas garras da indiferença, degradada numa virtude humana ameaçada de extinção. Tal como o peixe-boi, como o galinho-da-serra e a ararinha azul.

Como o nosso majestoso mogno, madeira de altíssima nobreza, cujos troncos centenários vêm sendo derrubados, impiedosamente, e com permissão do IBAMA, pelos madeireiros da Malásia, onde já devastaram uma

floresta inteira e agora se empenham na destruição do que o filósofo japonês Deisaku Ikeda considera o mais rico patrimônio da humanidade para o século 21: a floresta amazônica.

A amizade se tornou instrumento de interesses pessoais, financeiros e políticos. As pessoas se aproximam por motivos de toda ordem, menos os do coração.

Pois o meu Armando, o nosso acadêmico Armando de Menezes, foi capaz do milagre – a terceira palavra principal que atravessou o meu rio: o milagre da amizade que perdura no tempo. Falam pela minha boca todos os seus amigos que me ouvem, e muito profundamente os seus irmãos, que no convívio com ele aprenderam que apenas o vínculo do sangue não é garantia de amor.

Desincumbido estou da exigência das palavras mágicas que me chegaram carregando o pendão de luz da vida deste filho de Parintins, caboclo suburucu, popa de lancha e bandeira azul, como sempre repete quando nos encontra, outro portador do milagre, o querido Jari Botelho, cuidadoso vigilante de nós dois.

Quero festejar agora a nossa Academia. Porque está recebendo um escritor, homem que lida e ama as palavras, das quais se serve para dar testemunho. Acho que estou sendo feliz: o Armando tem o dom do testemunho.

Sempre me intrigou, desde que muito moço penetrei no reino misterioso das letras, as várias inclinações do talento criador com as palavras. Cada escritor pende naturalmente para o seu gênero literário predileto. Pode até incursionar por outro, por mais de um. E até com êxito. Mas sempre tem um gênero autenticamente seu, através do qual, alcança sua plena expressão artística.

Machado de Assis, o mais respeitado escritor da pátria, foi romancista, contista, ensaísta, dramaturgo, cronista e até poeta. Verdade que a poesia não lhe tinha grandes amores, mas nos deixou o soneto *Carolina*, obra prima da criação poética brasileira. Foi, porém, na ficção, nos seus três últimos romances e sobretudo nos contos que o "Bruxo do Cosme Velho" atingiu a genialidade.

No Brasil, país onde se lê cada dia menos, contam-se nos dedos os criadores que vivem e sobrevivem dos seus direitos autorais. Precisam de outras funções, empregos públicos, têm outras profissões. A mais acessível é a de jornalista, atividade para-literária. Mas que favorece, ao escritor de qualquer gênero, o domínio de uma linguagem que, sem despedir o bom-gosto, seja acessível ao leitor comum.

José Lins do Rego, amigo entranhável, era romancista, mas publicava artigos diários em três jornais

cariocas: um sobre futebol, outro sobre livros, outro sobre os assuntos do dia; Graciliano Ramos, o já famoso mestre Graça, com quem trabalhei na mesma sala, era revisor de artigos de colaboradores no Correio da Manhã. Completamente deslocado do seu talento criador. Confesso que me estremecia, de acanhamento, diante do criador de *Vidas Secas*.

Volto ao fascínio dos gêneros literários.

Rubem Braga, tirante alguns versos de poeta bissexto, só escreveu crônicas a vida inteira. Mas o "Sabiá da Crônica" há de permanecer cantando enquanto houver literatura neste país.

Pablo Neruda, vate por excelência, poemas traduzidos em todos os idiomas cultos, escreveu um livro de prosa poética na juventude e outro de memórias no fim da vida. Por sinal, prosa de primeiríssima água. A propósito, Manuel Bandeira, poeta do meu coração e meu imenso mestre, me dizia que desconfiava do poeta que na prosa parece cavaleiro desmontado.

Caso raro o de Pedro Nava. Autor de alguns versos na sua juventude mineira, só se revelou prosador, e dos notáveis, com as memórias que começou a escrever depois dos sessenta anos. Vale a pena contar que dele ouvi, um dia, ao lado de Carlos Drummond de Andrade, pouco antes de sua morte: "Não sei se o que eu conto é a realidade ou se é a vida que eu gostaria de ter vivido".

A maioria dos historiadores faz ficção. Otávio Tarquínio de Souza, o admirável estudioso do Brasil-Império, nos revelou numa roda na sala do saudoso editor José Olympio, com a maior naturalidade deste mundo, que se achou no direito de atribuir a Pedro I mais de uma frase que o Imperador não pronunciou. E justificava, impávido: "Ele não disse porque não quis, não disse mas pensou." Pura ficção.

O Imperador Adriano, pela mão de Marguerite Yourcenar, confesa: *os historiadores nos apresentam as imagens do passado através de sistemas excessivamente completos, com uma série de causas e efeitos demasiado exatos e demasiado claros para serem inteiramente verídicos. Recompõem a dócil matéria morta e tenho certeza, de que mesmo a Plutarco escapará Alexandre.*

Faço questão de trazer para este capítulo dos gêneros literários, porque nos pode servir de advertência, um fragmento precioso de conversa que mantive com Jorge Luis Borges, o genial argentino, no seu apartamento de Buenos Aires. Perguntei a Borges, poeta, contista, ensaísta: "Por que você não escreve um romance?" O bruxo me respondeu:

– *Porque conosco mís límites.*

Na nossa terra, temos o caso exemplar de um fundador desta casa: Péricles de Moraes, que só escreveu ensaios, deixou três livros magníficos; Agnelo Bittencourt, o mais querido mestre dos ginasianos do meu tempo, foi geógrafo de renome, mas viveu seus últimos anos escrevendo sobre os homens ilustres de sua terra; Arthur Reis e Mário Ypiranga, exclusivamente historiadores por vocação maior, ganharam o respeito mundial, sendo que Mário viajou por diversas outras águas culturais e científicas, algumas até poéticas; o poeta Álvaro Maia, enriqueceu a ficção amazônica com a sua *Gente dos Seringais*; Paulo Jacob agarrou-se à ficção, no que fez muito bem para prêmio de todos nós; Anthístenes Pinto, sempre navegou à vontade na prosa como no verso; Elson Farias, o poeta do *Romanceiro*, surpreende seus leitores publicando três romances depois dos sessenta anos; Áderson Dutra, constitucionalista sempre consultado; Robério Braga, Arlindo Porto, Ulysses Bittencourt, Jefferson Peres e o próprio Armando, memorialistas, entre os quais, quem sabe, eu mereça um lugar; Max Carphentier, o poeta do *Sermão da Selva*, conquista um prêmio nacional de contos. Márcio Souza é forte na ficção, fino de estilo no ensaio; Milton Hatoum banhou o seu Relato com a água da poesia. O nosso querido Moacir Andrade, pintor mundialmente reconhecido, vai mais longe: põe as cores na tela e as palavras no papel, como quem dança na flor da água.

Arthur Engrácio, quem atravessou o rio sem receber o colar acadêmico, escreveu sobretudo contos e romances, porém publicou livros de impressões literárias. E de colar quero ver, hei de viver para ver, Luiz Bacellar, Aníbal Beça e Aldísio Filgueiras, fiéis a vida toda aos afazeres da poesia.

Assumo sereno o pecado da omissão. Agora chegou a vez do Armando.

Armando preferiu dar testemunho: dom e vocação. Ele acaba de nos dizer que se inclinou pela pesquisa. Aceito se ele se refere à História que ele escreveu sobre o Tribunal de Contas, do qual ele foi conselheiro e presidente. Aceito no documento histórico que todo estudante e todo oficial das leis devia ler e ponderar muito, sobre a vida luminosa de Aderson Menezes, o primogênito da família, um dos amazonenses mais respeitados de sua geração. A quem eu próprio, que não sou de leis, muito devo porque Aderson era acima de tudo um humanista.

Quando Armando tomou posse no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, o tema do seu discurso, fruto de carinhosa e demorada pesquisa, foi a

vida e a obra de Vivaldo Palma Lima, aliás fundador daquela instituição e de quem tanto me lembro de suas aulas de Química no velho Ginásio. O discurso está incluído no livro *Destaques e Vidas*. Faço uma recomendação: quem quiser saber, com verdade e minúcia, como viveu e o que realizou no Amazonas o Dr. Vivaldo Lima, não pode prescindir do trabalho magnífico do Armando. Eras! O meu amigo é mesmo bom de pesquisa.

Mas discordo quando viajo feliz pelas páginas, tantas vezes relidas, do livro em que ele conta os fatos, acontecimentos, coisas, quero dizer a vida de seus pais, manos, filhos, netos e amigos. Com tudo o que a vida tem de estrelas e de sombras, de alegrias e dissabores, de orvalhos e asperezas, que dão grandeza e graça à condição humana. É obra de criador literário.

Convém distinguir a importância sociológica do livro *Família Menezes*, quando o autor dá testemunho dos hábitos, costumes e práticas sociais das populações das várias cidades do chamado Baixo-Amazonas, onde os Menezes moraram, em mudanças devidas aos atos de transferência do patriarca Tude para exercer o cargo de coletor de rendas nesses municípios. Parintins, Nhamundá, Maués e até Barreirinha, pátria minha e de mestre Áderson Dutra.

Mas o olho sociológico e até antropológico do Armando, olho comovido que sabe comover os outros, não ficou perdido no interior da floresta. Quando a família se instala definitivamente em Manaus – integrando o lado fecundo do êxodo interiorano que o sábio Samuel Benchimol (uai... o Samuel ainda não está aqui não?) considera a força principal da hegemonia da cultura cabocla – Armando Menezes de olhos e sentidos agudos para a vida da capital, recolhe matizes e expressões da alma da cidade, através da qualidade de vida, do convívio humano, da seriedade do ensino, do gosto da conversa, dos divertimentos da criançada e da gente grande: uma alegria de viver muito manauense, em pleno período da decadência econômica (santa decadência, tive a coragem de dizer em livro) conseqüente ao debacle da nossa borracha.

Em muita página deste livro querido, interrompo a leitura e me demoro no aconchego da memória. É quando Armando fala de seus irmãos. Fico relembrando a minha convivência com os cinco maiores, quatro mais idosos do que eu, e no entanto me abriram a intimidade alegre e generosa. A atenção sorridente que me concedia Aderson, quando eu era ginasiano, o professor magistral de quem recebi sugestões inestimáveis, na última vez em que eu o vi, para um roteiro de

amplo trabalho sobre a vida no coração da floresta. A inteligência estrelada do Albery, o seu talento para narrar histórias fantásticas; o Almir com seu riso de alvorada e a sua famosa mão-de-gato do time de voley do ginásio; o bondoso Alberto no salão do Rio Negro e ao pé do piano da Marilia Palhano.

O carinho poderoso, a meiga solidariedade, uma espécie sadia de orgulho com que Armando fala de seus irmãos e de sua mana Maria Luiza, me leva a confessar na noite de hoje: sempre que tenho a felicidade de vê-los reunidos, todos madurões e contudo tão crianças, o carinho, o cuidado, o contentamento que os une me faz sentir um tanto irmão deles, e ao mesmo tempo me fortalece a segurança de que, apesar de todas as ferocidades deste mundo, a índole do homem se inclina para a fraternidade.

Armando conseguiu um jeito próprio de contar. Sabe dar o seu testemunho, reunindo as três virtudes indispensáveis a um escritor: a clareza, a simplicidade e a propriedade de expressão. Observa e pondera, narra e comenta, descreve casos e histórias, ora com leveza, ora com gravidade, mas sempre com a linguagem própria dos que têm o que contar. E sabem como contar.

Em certas passagens percorridas de ternura, dei comigo lembrando o livro de minha mãe, dona Maria, *Um pouco de minha vida*. No qual me vejo melhor do que nos meus próprios livros.

Quero contar uma história. *Uma* vez, acho que em 58, reuni em minha casa no Rio de Janeiro uma turma da pesada, para celebrar o aniversário de Pixinguinha. Ari Barroso, Elisete Cardoso, Caymmi, Jorge Amado, Eneida, Donga, Manuel Bandeira, João da Baiana, João Condé. O choro da velha guarda não teve descanso. No dia seguinte, Manuel Bandeira, na sua crônica semanal no Jornal do Brasil, comentou: *O saxofone do Pixinguinha é um apelo irresistível à prática do bem*. Pois eu quero, eu devo dizer, que o livro de Armando é uma exortação à bondade humana.

Duas personagens especiais me levam a uma opinião mais singela. Uma ternura banhada de admiração (que era dele e de todos os seus irmãos) perfuma docemente o livro quando ele recorda instantes da gloriosa vida e o próprio momento da morte muito altiva de dona Santinha, sua linda mãe. Dona Santa, a quem eu tomava a bênção. Quando dona Santa perdeu o seu Tude, ganhou nove zelosos e constantes companheiros e uma irmã menor, sua única filha, Maria Luiza.

E um afeto penetrado de respeito, enriquecido pela harmoniosa e festiva convivência com seus filhos e netos, que em filhos se transformaram, comove o

coração do leitor quando ele fala enternecido de sua esposa Ivete. A mãe, a sua santa; a esposa, o seu anjo.

Presidente Robério Braga, entrei para a Academia, com menos de trinta anos e só dois livros publicados. Um menino aprendiz do ofício. Era um tempo em que não se exigia inscrição de candidaturas. Não havia eleições. Fui surpreendido na redação de *O Globo* com telegrama do velho Péricles que me dizia membro da Academia Amazonense de Letras. E, no entanto, ao longo de quase meio século, só três vezes subi a esta tribuna. A primeira, de paletó e gravata, no dia da posse, memorável pela beleza da saudação do meu amado Djalma Batista; a segunda, em 65, de férias diplomáticas em Manaus, uma palestra sobre a necessidade da integração cultural da América Latina. Ao final, virei menino espantado, quando Waldemar Pedrosa e Álvaro Maia pediram a palavra para dar um agrado a este caboclo de Barreirinha.

Esta terceira, e porventura derradeira vez, me fortalece de juventude (não de mocidade, que anda longe) pela força da minha fé na beleza criada pelo homem, fonte da alegria que o poeta Keats celebrava – *A thing of beauty is a joy forever:* a alegria que nunca se acaba. E porque cresce a minha convicção de que o trabalho e o respeito pela cultura ajudam a edificar o futuro de um povo, que se quer nação, orgulhoso de sua cidadania.

Robério, faço questão de reconhecer publicamente, que a Academia, sob teu comando, pela primeira vez passou a participar, força atuante, da dinâmica cultural do Amazonas.

Armando, escreveste um livro que é uma cristalina lição de amor.

Só me resta reparar um equívoco, conquanto generoso, do nosso novo confrade, quando me diz poeta dos grandes. Posso até ser o seu poeta predileto. Mas não sei se sou grande ou se pequeno, porque ainda não descobri a unidade para medir a poesia. Não encontrei a fita-métrica para medir o inefável. Não creio na importância de minha obra para a História da nossa literatura. Nada inventei de novo. Sei, sim, que importo para os meus muitos leitores, de cuja vida participo através dos meus livros. Talvez porque neles encontrem a força da ternura, o arco-íris da esperança e um ramo da luz da minha floresta. Confrades meus, mulheres e homens que nesta noite se reúnem na Casa de Benjamim Lima e Adriano Jorge, guardem este recado: vale a pena trabalhar pela utopia. Quero dizer que vale a pena ajudar, com a nossa vida e a nossa arte, na construção de uma sociedade humana solidária.

Fica o dito pelo dito.

E fique o meu coração.

SAUDAÇÃO PRESIDENCIAL*

Robério Braga

Se há olhos encrustados em cristais a contemplar o silêncio austero deste sodalício – e creio que contemplam em silêncio de contrição –, nest'ora há também um manto de bênçãos que agasalha. É que podeis vir, Acadêmico Armando Andrade de Menezes, pelo voto unânime dos imortais, sob o pálio do poeta símbolo e o encanto de seu proclamar, tendo perlustrado uma vida com valores do coração, da inteligência e do espírito.

Não é festa inaugural. Antes de vós, tomou lugar permanente nesta Casa, Aderson Andrade de Menezes e há fulgor de sua trajetória eternizando-se nos tempos e honrando a história.

Se a obra literária recomenda, é a vida em si que vos consagra.

O gesto mais solene, a palavra mais erudita, acabastes de ouvir da luz que clareia barrancos, esteve nas montanhas, sofreu nas masmorras, defrontou-se com a miséria da censura e da opressão, mas fez caminhos pela relva, singra os rios, beija os igapós e contempla os céus com o seu canto, e muitos outros povos dizem o seu verso e falam de sua canção e a carregam como símbolo, faz muito, porque representa a liberdade.

Esta Casa o escolheu, quarenta anos são passados, e desde então somente hoje concede-lhe a tribuna para o ofício da recepção acadêmica. E ele purifica o altar da oração. Assim ouvistes o discurso de Thiago de Mello, o acadêmico ao qual conferistes o grau de irmão.

A fala presidencial, depois da consagração da imortalidade que a Academia pode conceder aos que conheceram a luz e a transformaram em sóis, digo-vos, não é imposição do protocolo, veste-se de gala para purificar na poltrona que acabais de ocupar o sentido da eternidade. Sois Acadêmico. As vestes lustrais de azul e ouro vos pertencem e com elas deveis romper os tempos, cultivando, como bem sabeis fazer, os vínculos de convivência e de

* Fala presidencial por ocasião da posse do Acadêmico Armando Menezes, em 12.05.98.

trabalho que mantêm a Academia Amazonense de Letras, e para o sempre, na hora em que a vossa luz se fizer majestade estelar, deveis transformar-vos em olhos encrustados em cristais para permanecer nesta Casa que é de Adriano Augusto de Araújo Jorge, Aderson Andrade de Menezes e vossa.

Por mim, que conheço os jardins do amor pelo encanto de rosa, confio que tendes da vida a grandeza de viver e que nada deveis temer. O paraninfo dirá os caminhos, e aos que acolheram vosso convite para esta consagração somos gratos.

A Casa floresce em novas irradiações.

DISCURSO DE POSSE*

Gebes de Mello Medeiros

Ao entrar e galgar os oito degraus que me trouxeram a este sodalício, senti a inebriante beleza da Saudade, Saudade que, no entender de Olavo Bilac, assim se define: "SAUDADE! PRESENÇA DOS AUSENTES".

E, nesta hora, fixo-me justamente naqueles que fundaram este templo do saber, pois certamente eles aqui estarão comungando, como no passado, as noites deslumbrantes das primeiras tertúlias literárias, elevando o padrão da inteligência dos homens e mulheres desta amazonicidade de verdes esperanças e de maior saber para os que nela convivem.

Aos presentes ausentes, minhas primeiras homenagens, transformadas em LÁGRIMA, pois LÁGRIMA é o *sentimento da alma*, conforme sentenciou Santo Agostinho.

Meus Imortais:

Não vos direi que nesta noite ventaneja de portas adentro desta Casa uma corrente de ar renovadora, porque em verdade, nunca medrou neste ambiente o bolor das coisas paradas, cujo bafio entontece e nauseia. Aqui, tudo é dinâmica, historiando a cultura do passado, do presente e, certamente, do amanhã, pois as Letras são os pilares que educam e renovam a história do mundo.

Aqueles que desconheceram, na *via crucis* de sua formação mental, o amparo de recursos e estímulos materiais, profícuos à fundação e ao erguimento de sua cultura, eles, unicamente, podem compreender a tragédia do homem só, renunciando com a alma ferida, mas temperada, aos mais legítimos prazeres e sabores da vida gregária, para se entregar, obcecado e escravizado, ao amanho da própria inteligência.

E eu, senhores, que vim de tão longe, não posso esquecer a imagem de minha terra mãe, tão pequenina e contemplativa rodeada de lagos de alumínio, lagoas que amainam a fome dos mais carentes.

E aqui aportei em janeiro de 1942, nesta terra indomável para os céticos,

* Discurso de posse do Acadêmico Gebes de Mello Medeiros, na cadeira nº 25, cujo patrono é Araújo Lima, em 13 de setembro de 1994.

mas que para mim é a nascente da crosta territorial do universo. Por isso, escrevi com denodado amor o romance FIM DE MUNDO SEM FIM, e uma névoa sutil vestiu-me a alma, e uma voz interior, suave e mansa, sussurrou-me bem dentro do coração: - Isto é o Amazonas! Amazonas, sim, hoje o meu maior amor!...

A Academia Amazonense de Letras, com todos os seus Imortais, foi extremamente generosa ao conceder-me tal honra. Aliás devo confessar que nesta hora me invade um misto de gratidão e receio.

Gratidão, por saber que a honra a mim conferida veio pela unanimidade da aprovação a uma indicação de um de seus membros que, em seus arroubos de pureza, sempre me concedeu estar muito próximo do seu coração magnânimo.

Receio, por não ter a certeza de corresponder à importância da missão que me é concedida.

Certamente, o sentimento de muitos de meus confrades prevaleceu sobre o mérito recipiendário de hoje.

É, porém, uma honra de duas caras, como a de Jano mitológico.

De um lado, a graciosidade da benemerência e, do outro, o austero imperativo do dever que me impusestes, de cooperar convosco, dentro da hulmanidade de meus esforços, pela perpetuidade e grandeza deste Silogeu, compromisso que assumo prazerosamente, nos limites de minha fraqueza intelectual, já bem avançado na estrada sinuosa de minha vivência – não sei se pura ou impura – mas alicerçada no sadio companheirismo de meus queridos irmãos amazonenses. Firmo irmãos, porque hoje sou um cidadão titulado pelos representantes do povo.

Meus generosos e nobres ouvintes.

Ocuparei na Casa da Imortalidade uma cadeira para mim grande demais; nela ficarei como criança assentada em móvel alto, deslocada no espaço sem tocar no chão.

Ocupar a cadeira de Raul de Azevedo e de José Lindoso, saudosos mestres da arte incomparável de fazer das letras o grande veículo tradutor das emoções, das idéias, do saber, transcende a tudo a que até hoje me foi dado realizar. Mais ainda é ter como patrono desta cadeira o maior sociólogo da Amazônia, o grande mestre Araújo Lima.

Quando, precisamente, há 53 anos – mais de meio século, portanto – enfrentei Manaus, capital dos sonhos imigratórios dos brasileiros bem sofridos, não me permitia sequer pensar na possibilidade de viver um dia como o de hoje.

Um dia em que estou adentrando o salão onde pontificavam e pontificam os luminares da Arte, da Cultura, da Ciência, dos Saberes, de todas de todas as exigências do intelecto humano, que é a nos-

sa Academia Amazonense de Letras, hoje tendo como Presidente Oyama César Ituassú, notável entre os notáveis da intelectualidade glebária.

E então, graças à Divina Providência, aconteceu comigo o que tem ocorrido a tantos outros que vieram também do nada: o milagre do esforço, da tenacidade, da persistência, que remove com o tempo todas as dificuldades e os óbices aparentemente impossíveis.

Foi assim que, de etapa em etapa, nos momentos permitidos, consegui neste vale clorofílico, engendrar-me na seara da advocacia com pequenino êxito, graças à generosidade de coração de um punhado de amigos que consegui, numa irmanização que o tempo consolidou e nem mesmo a morte fará fenecer.

Todos nós devemos amar a vida, restituir à vida, para a honra da própria vida, enquanto vida tivermos, tudo que a vida nos der em proveito de nossa gloriosa Academia Amazonense de Letras, honra dos nossos antepassados, para servirmos a nós mesmos e aos pósteros.

Meus Imortais.

Permitam-me, agora, modestamente, refazer um pouco da memória dos que, com tanto brilho, com verdadeiro esplendor, honraram antes de mim a cadeira número 25, patrocinada por Araújo Lima, fundador deste Silogeu.

Nasceu José Francisco de Araújo Lima em maio de 1884, na Ilha de Marajó, no Pará, chegando em Manaus com um ano de idade. Estudou as primeiras letras com a professora Maria Amélia de Mendonça Lima e depois no Ginásio Pedro II.

Formou-se em Medicina pela Faculdade da Bahia, especializando-se em Medicina Tropical na Universidade de Paris e em Microbiologia no Instituto Pasteur, da capital francesa.

Foi emérito Professor, Inspetor de Ensino, Diretor Geral da Instrução Pública e Prefeito de Manaus.

Quero ainda destacar *"A Amazônia, a terra e o homem"*, uma das maiores obras escritas em nosso século. Nela, Araújo Lima faz um estudo criterioso das relações do homem e do meio. Diz o saudoso Mestre e meu patrono: *"O homem e o meio – assim devemos compreender – não se isolam nem se opõem: formam um sistema de interações, de interrelações, de relações recíprocas e dependentes."*

E o que somos nós, nesta Academia, senão um grupo que busca agir sobre o meio para melhor obtermos resultados positivos em prol da nossa Amazônia?

O nosso saudoso Arthur Cezar Ferreira Reis, historiador e sociólogo de fama universal, instituiu uma série de publicações valiosas com artigos, estudos e conferências, e intitulou "Coleção Araújo Lima", isto quando na direção da SUDAM.

Nesta coleção coordenada por Clóvis Barbosa encontramos também trabalhos de Cosme Ferreira Filho, Samuel Benchimol, Sócrates Bonfim, Agnelo Bittencourt, Péricles de Moraes, Alberto Rangel, José Veríssimo, Raimundo Moraes, Huscar de Figueiredo e tantos outros gigantes da literatura nacional.

Citar o vasto currículo do Dr. Araújo Lima seria como tentar percorrer todos os rios da Amazônia, sem nunca chegar ao fim, tal a potencialidade dos seus conhecimentos sobre a nossa terra.

Como Prefeito de Manaus, Araújo Lima, além dos inquestionáveis acertos administrativos, deixou uma verdadeira relíquia para Manaus e para o Amazonas – o Relógio Municipal, o Big Ben do Amazonas, hoje ainda moderno, a apontar as horas aos menos avisados no cumprir de suas obrigações.

José Francisco de Araújo Lima edificou um patrimônio de relevância para a nossa História, e ela não está na distância do tempo, mas na contemporaneidade do fato passado em virtude do seu valor permanente.

A história deste imortal deve ser feita para que os ideais dos homens amazônicos não se apaguem, e suas boas ações sejam enaltecidas e imitadas.

E o que dizer de Raul de Azevedo?

Nordestino, como eu, veio do Maranhão, com escala demorada em Belém do Pará, onde fez seus estudos e iniciou-se nas atividades de funcionário público como Amanuense dos Correios, onde fez longa e respeitável carreira.

Com dedicação paralela ao jornalismo, brilhou como redator da "Província do Pará" e no "Amazonas Comercial", órgãos dos mais prestigiados do Norte, naquela época.

A lavra literária de Raul de Azevedo teve suas primeiras luzes acesas com *Artigos e Crônicas*, livro editado pela Livraria Chardron, de Porto – Portugal, aos tempos em que militava na imprensa paraense.

Mas foi em Manaus que se transformou em grande autor, de vasta obra literária, cuja trajetória mereceu considerações de escritores e pesquisadores os mais diversos.

Ao analisar a contribuição de Raul de Azevedo para as letras, o luminar João Mendonça de Souza afirma: "*Cavalheiro universal de todos os padrões e conquistas da inteligência, fez ele da sua cultura e liberalidade, como raridades vocabulares, sua cidadela de artista, pessoal e definitivo. Romancista, contista, crítico, conferencista, paisagista, cronista e jornalista, ele é bem uma colisão da ansiedade humana, que se aprofunda em nossa consideração, à medida que se revela.*"

Em umas das suas obras mais expressivas, o livro *Roseiral*, Raul de Aze-

vedo traduz, com enorme autenticidade, o conflito do humano, do cotidiano, do dramático.

Outro trabalho muito festejado foi *Pretos e Brancos*, do qual disse Péricles de Moraes: *"Brilhante revelação do permanente estado evolutivo de seu grande espírito".*

Raul de Azevedo foi, ainda, diretor dos jornais Rio Negro, A Federação, Diário de Notícias, Comércio do Amazonas; foi secretário da Folha do Amazonas e fundador do jornal O Globo, de Manaus. Colaborou nos jornais A Pátria, Amazonas, Diário da Tarde, O Jornal e nas revistas Amazônida, A Ilustração, Equador, Archivos da Universidade de Manaos, da Academia Amazonense de Letras e da Federação das Academias de Letras do Brasil.

Para narrar todo o patrimônio cultural deixado por Raul de Azevedo, seriam necessárias milhares de laudas mas, no pouco que acabo de expor, pode-se notar o quanto significou esse maranhense para a glória literária do Amazonas.

Como sucessor de Raul de Azevedo nesta cadeira para a qual hoje estou indicado a ocupar, tivemos um dos homens mais estudiosos de nossa época. *José Bernardino Lindoso* revelou seu pendor para as Letras desde criança.

Desde o Grupo Escolar Marechal Hermes, onde fez o primário, passando pelo Ginásio Amazonense Pedro II, até a Faculdade de Direito do Amazonas, José Lindoso brilhou como poucos.

Como jornalista, mostrou uma capacidade ímpar no repercutir dos fatos nas páginas de O Jornal do Comércio e Diário da Tarde. Firmou-se na carreira política, naquela em que, ou se aprimoram as qualidades de cidadão, ou se corrompem, para toda a vida, os caráteres menos avisados ou ambiciosos.

Viveu exclusivamente para o estudo, a política e as lides forenses, onde venceu brilhantemente, graças à sua competência e, sobretudo, às suas qualidades morais.

Um coração de ouro, depositário fiel da honradez e da bondade, José Lindoso teve a estatura moral e intelectual dos gigantes amazônidas. Esta é a minha síntese sobre o ilustre Consócio que esta Casa perdeu há bem pouco tempo.

Meus Imortais.

Agora permitam-me mencionar Robério dos Santos Pereira Braga.

Aqui está, no esplendor de sua mocidade, um menino-homem que jamais "inchou de orgulho" ou "secou de egoísmo", porque a diretriz que este jovem imortal desconhece – e sempre desconhecerá – é a "estreiteza do eu", praticando sempre a "largueza do tu".

Robério nasceu com o dom de

saber fotografar, com sinceridade, os aspectos da vida de sua cidade e de seu povo, registrando fatos, acontecimentos, tragédias, sem as reservas protocolares da história.

É um pesquisador emérito, um homem culto e amante das belezas espirituais; e quando fecha os olhos, deixa que sua imaginação palmilhe a trilha extensa e predileta dos espíritos plenos do gosto clássico de Fídias e Praxíteles, consentindo que sua alma escale a coluna de Ares, onde pontificavam os expoentes máximos da intelectualidade da vetusta Helíade.

Travou conhecimento com Heródoto, sorvendo-lhe os ensinamentos e, dos ensinamentos que bebeu, não faz alarde e nem pratica exaltações.

E é assim que ele vai vivendo, abraçado ao seu Instituto Histórico, amando a sua Academia de Letras, fazendo política para interesse do seu povo, construindo amizades e prestígios pessoais, uma das características da família Braga, onde também pontificam JOÃO, JOSÉ LOURENÇO, MARIA JUSTINA e ANA MARIA.

A Grei de Robério nasceu do fecundo amor de Lourenço e Sebastiana, ele *"um baiano que amou a Amazônia no palmilhar de seus rios e igapós, encantado com a beleza exuberante que conheceu na intimidade, e abençoado pelo sorriso aberto das crianças dos seus barrancos"*, no dizer afetuoso de Sebastiana.

Peço vênia ao meu padrinho Robério, para dizer que o clã dos Braga forma uma potencial Sociedade Anônima do Saber.

Meus Imortais.

Agora, neste final de evocações, quero destacar o sublime amor de meus entes queridos, de minha família, que tanto se sacrificaram para me garantir o bem-estar e a paz de cada momento do meu passar pala vida.

Peço perdão aos presentes, e lhes digo que estou estático, voz embargada, pensando em Deus, mas sentindo no âmago uma ordem de meu saudoso filho Gebes dizendo: "*Meu querido Pai, meu velho arigó, escute o rufar do tambor e o toque do clarim conclamando que perfile-se e fique em posição de sentido para receber, em silêncio, nesta bendita hora, das mãos dos homens do Amazonas, o Colar da Imortalidade da terra que você tanto Ama*".

Sim, meu filho, é justamente no silêncio que devemos meditar, e é no silêncio que devemos rir e chorar.

Muito Obrigado!

DISCURSO DE RECEPÇÃO*

Robério Braga

Sr. Gebes de Melo Medeiros

Entrai.

Não precisais inclinar-vos ao ultrapassar o portal desta Casa, para demonstrar respeito e admiração por ela. Demonstraste-os esperando a conclamação para nela ingressar, namorando-a, contendo os impulsos da paixão que vos poderiam ter conduzido noutra hora, não tão pleno quanto chegais.

Tendes por isso que lhe devotar amor, e amar o sagrado convívio. Chegais manso, liso, sereno, maduro, entregue à contemplação de um passado que vos enaltece. E chegais em plena primavera, porque tendes vivido, continuadamente, uma eterna primavera espiritual.

Podeis ouvir coros de louvores sendo proclamados. Em um, ouvís pela minha voz o aplauso acadêmico à vossa chegada. Em outro, ressoam sentimentos gratulatórios que se espargem em luzes – puras luzes azuis – a ocupar os corações, na transmissão magnânima do reconhecimento dos de antanho. Sim, aqui tendes os que podeis ver pelos olhos da carne, os olhos que contemplaram ainda verdes, os belos mares da terra do nascimento, os que se deram às leituras, cultivaram as letras, vislumbraram as belezas do mundo por onde tendes andado; e tendes os que vos podem ver desnudo, sentindo por completo a emoção que vos domina. E vós podeis pressenti-los.

Deveis ouvir os dois cânticos. Deixai-os vir e dominar esta hora de tantos prazeres para o coração e para o espírito.

Vinde. Sentai entre os vossos iguais. Nada deveis temer. A casa é vossa.

Não receeis a imortalidade que vos conferimos – ousada imortalidade – a que perpetuará vosso nome, vossa obra literária e vossas idéias, no templo que se constrói hoje como no passado, entre benção, graças e luzes.

* Discurso de recepção ao acadêmico Gebes de Mello Medeiros, proferido pelo acadêmico Robério Braga, no dia 13 de setembro de 1994.

O que se dá convosco, repete-se desde tempos imemoriais. O homem que edifica, permanece.

O que vos digo, em cântico de reconhecimento e louvor? Digo-vos que edificastes no jornalismo, no teatro, na advogacia, na literatura, neste fim de mundo sem fim, a vossa permanência.

E pareço ver-vos, beca sobre o corpo, assomar a tribuna do júri e mais do que construir teses e defendê-las, alcançar o íntimo dos julgadores e convencê-los. E convencê-los numa ação retumbante, crescente, inebriadora muitas vezes.

E tenho para mim que ainda vos posso ver, cortinas abertas, ribalta iluminada, tipos bem concebidos, dirigir o sucesso de quantos conheceram o aplauso, depois de longos dias de enfadonhos ensaios. Ali, o teatro repleto, poucos recursos cênicos, muitos esperavam a palavra de orientação e técnica que haveria de vir. De um lado a vossa experiência, de outro o senso de Américo Alvarez e em tantos, o talento que soubestes estimular.

E neste mundo de água de que nos falou Ramayana – luz refulgente deste templo – que o nordestino procura ocupar nos beiradões e seringais mais distantes, haveria de ter razões que exigissem uma comunicação que representasse a sua identidade. E o fizestes. Na *Baricéia* fostes um elo neste entrelaçamento de vida, ao tempo em que tudo era ainda muito empírico nas paragens amazônicas.

Sob a linha do Equador fizestes chegar, com o suave encanto das magias mais belas, ao homem ribeirinho, do jeito que ele é e gosta de ser, sotaque ritmado, quase em melodia, muito do que ele precisava para manter-se no amanho da terra, confiante no país.

Não houve injuridicidade nas vossas confissões de amor ao Amazonas, jamais.

O mundo que tendes visto nesse rincão que escolhestes para fazer família e, por certo, deitar o corpo no reencontro com o silêncio que apazigua e eleva, vós o retratastes com a precisão dos que observam com paciência, em dois títulos que publicastes. Esse mundo no qual debruçastes o talento, vistas inteiras por sobre o horizonte virgem, do nascer do sol ao beijo do luar, não mereceu retoques mágicos que o conformassem, num mundo de sonhos. Dele fizestes o retrato, expondo-lhe a rudeza com que conduz o homem e as fraquezas que este ser, semelhante ao Criador, não consegue vencer.

E o mundo que retratastes é verdadeiro e bravio. Recolhendo estórias, fatos, coisas contadas e lembranças, tecestes um romance amazônico em que o homem e o seringal, o rio e as madei-

ras, o barco e as intemperanças, o sal da vida e as pragas que os consomem, são, em tudo, o fim. Se há encantos de orgias, há impregnação de febres, tortura nos troncos, graça das mulheres, agressão dos coronéis, miséria desesperadora, e a esperança que nunca – ou quase nunca – se esvai. É o homem posto nas estradas de seringa, nas calhas dos rios, nos igapós, no fundo das redes, no vazio que contempla e não mais se assusta.

Fim de mundo, este em que o homem é como um intruso de que falou Euclides, intrometido, audacioso e frágil, ou mundo por construir? Mundo sem fim que continua a sangrar bem fundo a maior obra da criação. Mundo sem mais ilusão em que tudo foi prometido pelos homens fortes, cheios de razão, que esmagam e silenciam.

Ouvistes muitas coisas contadas e delas construístes a tecitura da obra, na linguagem própria do homem do beiradão em que se fundem palavreado nordestino e cantiga cabocla. É romance e é expressão de muita vida de gente que se perdeu na imensidão destas plagas.

E o mundo que pudestes ver, rio acima, rio abaixo, continua a existir. De coronéis e barrancos, esperança e solidão, nos lugares mais distantes e até onde a fé é a razão.

E em outro cântico, que vos pode dizer em palavras, o acalanto que agora recebeis das luzes que refulgem neste cenáculo?

Que tendes sido justo, bom, amigo, companheiro, trabalhador incansável, apaixonado, febril? Não. Não vos proclamarão os valores desta vida, mas reconhecerão tão somente que tendes vivido e que tendes feito desta vida entremeada de percalços e vitórias, uma consagração à terra que vos acolheu.

E nest'ora de júbilo vos convidar a rever as praias alagoanas e ouvir os coqueiros sob o vento, na harmonia dos sons que parecem aqui chegar. Beijando e balançando as palhas dos coqueiros, trazem o sabor do mar e seus mistérios, no ar puro que carregam, pedindo perdão às matas para vararem os igarapés, romperem os paranás e, diante do rio-mar, no encanto solene deste instante, lavar os pés do velho menino que se há de benzer pelo sinal da cruz, com os dedos salgados recolhidos da espuma que avançou... Que se há de benzer, e orar. E orando, agradecer.

Foi assim que se deu convosco, como sucedeu com Adriano Jorge – o augusto por todo o saber – vindo das Alagoas, embrenhou-se nesta imensidão e fez-se filho da terra e da água, e como tal a amou e dela merece, ainda hoje, as honras jubilares.

E acaso tereis sonhado com a Academia? Aqui viestes, conhecer os sa-

raus iluminados pelas figuras excelsas de antes? Os olhos mágicos, belos, fatigados, sedutores, ardentes, de que nos fala Ramayana em brilhantíssima peça que adorna a história do sodalício, impressionantes, vivos em ideal, muitos que em verdade conhecestes e que plainavam o olhar sobre a grandeza do saber. Viestes vê-los? Por certo que sim. Pés firmes no solo do rio Negro desde os tempos de calmaria e conversas de compadrio, deves ter sonhado e sonhado muitas vezes, com a glorificação de uma das poltronas encimadas d'ouro da Academia.

Sentar-se entre os escolhidos, tomar do colar, respirar os ares benfazejos que traduzem a perenidade do ideal que os reuniu no nascer do novo ano santo de 1918, e contemplar o azul dos páramos mais puros, há de ter sido uma das vossas aspirações, podeis confessar, e não deveis recear fazê-lo, porque neste cenáculo o que muito se cultiva é este desejo ardente de eternizar-se pela obra e pelo saber.

É hora de vos deixar recolhido no encantamento desta vitória. Nada precisais dizer. Nada deveis fazer. Tudo está dito e tudo está feito na vida que construístes para aqui chegar.

Peço-vos licença para retirar-me. Devo recolher-me à cadeira abençoada por Farias Brito, a que me coube no 25 de setembro de 1982, no viço dos trint'anos, pela afoiteza com que bati à porta apresentando-me para este convívio, pelas mãos de mestres que me souberam conduzir e não recearam a mocidade. De lá, ao contemplar-vos na poltrona de Araújo Lima, por certo hei de reconhecer ainda mais os méritos que vos consagraram e ouvir, como desejo ouvir, os afagos de carinho e os aplausos de felicidade daqueles que, luzes e puras luzes azuis, mereceram ao tempo desta vida, antes de nós, a glória excelsa da imortalidade acadêmica.

Entre eles, religiosos, magistrados, professores, jornalistas, médicos, só um não deverá trazer o medalhão acadêmico e, quase acanhado, pelas companhias e pelos hinos, sem vestes solenes, trazido pelo amor que o mantém unido aos vossos, tendo cumprido a missão que lhe estava reservada entre nós, deitará sobre vós o beijo filial e dirá ao coração do pai, como em verdade desejastes ouvir na consagração de agora,

> *"velho arigó, perfile-se para receber, em silêncio, das mãos dos homens do Amazonas, o colar da imortalidade da terra que você tanto ama."*

E tendo ouvido e recebido a homenagem maior, bendizei o silêncio da paz que esta verdade oferece ao vosso espírito.

E o mar volta às Alagoas e o velho arigó veste-se Acadêmico.

DISCURSO DE POSSE*

Áureo Nonato dos Santos

Senhor Presidente
Senhores Acadêmicos

Assomo a esta tribuna a vosso chamado.

Eleito por Vós para compor esta Academia Amazonense de Letras aqui estou para assumir a Cadeira nº 17, patrocinada por Francisco de Castro e tendo como seu último ocupante o acadêmico Leoncio Salignac e Souza, falecido em 22 de junho de 1988.

De início digo-vos que sou avesso a discursos.

Disso Vossas Excelências e a distinta e elegante platéia estão livres.

Mas, assim o exige o regulamento e o protocolo desta Casa,

O que fazer então?!

Diante disso alinhavei algumas frases para dizer-vos de minha incontida alegria e prazeirosa honra de vir a pertencer ao restrito e honroso quadro desta Academia.

Em assim sendo volto-me para o passado, para a minha infância, e vejo-me envolvido pelo desejo de conhecer novos mundos. Lendo e relendo, no bairro de São Raymundo, os livros de uma razoável biblioteca amealhada por um amigo de infância, que para minha felicidade encontra-se aqui neste recinto. Ali está ele, o hoje Comendador Junot Carlos Frederico, atualmente presidindo o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

Lembro-me de que a maioria dos livros faziam parte da coleção *Terra, Mar e Ar.* Li-os todos.

Um dia, de repente, dou de olhos num livro grande e grosso.

Comecei a folheá-lo. Meus olhos depararam logo com um subtítulo que de pronto me interessou: *O Inferno.* Avidamente comecei a sua leitura e fui até o final. O livro, como todos já perceberam, era a *Divina Comédia,* de Dante.

Aquele menino amazonense, lá no bairro de São Raymundo, leu todo o livro

* Discurso de posse, no dia 16 de dezembro de 1993, do Sr. Áureo Nonato dos Santos na cadeira nº 17, cujo Patrono é Francisco de Castro.

em uma semana, pois não era todos os dias que visitava aquele seu amigo, sempre ao cair da tarde.

A impressão causada em mim desde logo deu-me uma visão do mundo e das coisas do espírito e um elevado gosto pela leitura. Li, posteriormente, lá mesmo em São Raymundo, o Tesouro da Juventude e quase toda a obra de Shakespeare, ali contida.

Depois viajei para o Rio de Janeiro onde vivi proveitosos cinqüenta anos, mas sempre com o meu espírito voltado para esta cidade de Manaus e o meu bairro de São Raymundo que me viu nascer num primeiro de abril, no início dos anos vinte.

Lá tornei-me jornalista e escritor.

Meu primeiro livro *Os Bucheiros,* premiado pela Academia Brasileira de Letras, refere-se a minha infância. Em seguida escrevi *Porto das Catráias* que relata a juventude. Nesse ínterim fiz duas canções: *Manaus,* que se tornou a canção-oficial da Cidade e *Tarumã,* um poema-canção para solista e coro, apresentados, no Rio de Janeiro, em salas de concertos e na televisão.

Em 1988, voltei a Manaus e acabo de publicar *Pitombas & Biribás,* uma coletânea de crônicas que publiquei em jornais de Manaus, e algumas canções até então inéditas.

Eu tinha que dizer isso, neste momento.

Agora, atendente ao regulamento da Casa, passarei a fazer referência ao patrono e ao último ocupante da Cadeira nº 17, que ora assumo.

Francisco de Castro, nascido na Bahia em 17 de setembro de 1857, faleceu no dia de seu aniversário em 1901, antes de assumir a Cadeira nº 13 na Academia Brasileira de Letras, onde seria recebido por Rui Barbosa.

Seus estudos foram *iniciados* no Ateneu Baiano e depois na Faculdade de Medicina da Bahia, transferindo-se depois para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Competente em seu mister foi médico de Rui Barbosa e outras ilustres personalidades. Entre seus amigos figurava Machado de Assis e outros luminares da política e das letras.

Francisco de Castro estreou na literatura com um livro de poemas intitulado *Harmonias Errantes,* prefaciado por Machado de Assis. Cientista e prosador, Francisco de Castro lia grego, inglês, latim e alemão. E também foi autor de um livro de clínica médica, muito bem escrito, segundo os críticos da época. Eram muito comentados à época os seus discursos literários.

O meu antecessor, na Cadeira nº 17, foi o Desembargador Leoncio Salignac e Souza, nascido no município de Coari, em 8 de janeiro de 1905 e faleceu, em

Manaus, no dia 22 de junho de 1988.

Leoncio Salignac e Souza fez seus estudos preliminares no Rio de janeiro e na Bahia onde iniciou seu curso de Direito. Vindo a formar-se em bacharel na Faculdade de Direito do Amazonas.

Casado com Dona Maria José Oliveira, Salignac e Souza teve seis filhos dos quais estão vivos quatro: Cláudio Leomar, Leonie Marieta, Marília e Leomir Myriam.

Como professor lecionou latim, francês, inglês, filosofia, história universal, literatura pátria e regional. Fundou ainda o Ginásio Noturno Duque de Caxias.

Jornalista, Salignac e Souza colaborou com *A Tarde* e o *O Jornal.*

Foi escrivão e promotor público e serviu como Juiz nas comarcas de Manacapuru, Parintins, Humaitá, Coari, Manicoré, além de outras. Integrou ainda a Delegação Brasileira na Conferência da Hiléia Amazônica, patrocinada pela Unesco, em Belém. E por três vezes foi eleito presidente do Tribunal de Justiça do Estado.

Entre outros escritos publicou *num* volume as teses "Da periclitação da Vida e da saúde" e "Da aplicação provisória de interdições de direito e medidas de segurança", defendidas por ele no 1º Congresso Nacional do Ministério Público, em São Paulo, realizado em 1942.

Assim era e assim foi a figura exemplar do acadêmico Leoncio Salignac e Sousa.

Cabe a mim sucedê-lo, por eleição desta Academia de Letras.

Agradeço aos senhores acadêmicos tamanha honra, principalmente, por ser recebido, nesta Casa de Péricles de Moraes, pelo ilustre acadêmico Paulo Herban Jacob, consagrado autor de *Chuva Branca* e duas vezes merecedor do famoso *Prêmio Walmap,* na categoria romance.

Que Deus me proteja a fim de corresponder a tanta responsabilidade.

TENHO DITO.

DISCURSO DE RECEPÇÃO*

Paulo Herban Maciel Jacob

Senhor Presidente
Senhores Acadêmicos
Minhas Senhoras, Meus Senhores

Falar na Casa dos sábios das letras, exulta-me, orgulha-me, máxime à honrosa sublime missão de vir por recebê-lo noviço companheiro Áureo Nonato.

Dentre tantos mestres desse Ateneu, cultivo da bela doce agreste Flor do Lácio, melhor tantos outros o fariam com mais fulgor e arpejos de luz, o pórtico dessa colméia de literatura, abri-lo ao ingresso de mais um cultor das letras.

Mas a mim, por glória tanta, o encargo difícil, a distinguida honra de saudá-lo, Áureo Nonato, a quem muito mais e muito merece.

Recepcioná-lo é encargo difícil. Não sei se o faça à sonata da função do poeta, ou à sinfonia das letras literárias. Artífice que és, cantor amazônida de profusão de sons e belezas gorjeantes do canto mandingueiro dos uirapurus.

Tuas palavras, Áureo Nonato, teus escritos de sons, são baladas argentinas de letras acadêmicas, tão imensas de saber, tão vastas do conhecimento da vida.

E muito falar, e muito dizer de Áureo Nonato, nem precisa tanto, porque *opus artificem probat* (a obra mostra o artífice).

E dizê-lo melhor ainda do compositor das letras literárias para aportar ao cume da glória, *ad augusta per angusta* (para chegar aos pontos mais elevados é preciso passar pelos lugares mais estreitos).

Dessas paragens apertadas de vida humilde, subiu, esvoaçou alto buscando outros horizontes mais fartos de cultura da ciência do saber. E *hoc opus, hic labor est* (e esse é o trabalho, essa é a fadiga).

E de Áureo Nonato podemos dizer só um tanto pouco, do tanto da tecedura de seu trabalho intelectual.

Teve início no jornalismo como

* Discurso de recepção ao Acadêmico Áureo Nonato, em 16.12.93.

noticiarista, em 1945, em São Paulo, no jornal "A Noite", à direção de Menotti Del Picchia.

Secretário do Teatro do Estudante do Brasil, fundado e dirigido por Paschoal Carlos Magno.

Assessor da presidência da Fundação Casa do Estudante do Brasil, presidida pela escritora e poetisa Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça.

Organizou e promoveu um curso de férias de teatro, realizado na Biblioteca Municipal de São Paulo, em combinação com o escritor Sérgio Millet.

Diretor de publicidade da Companhia Dramática Nacional do Ministério da Educação e Cultura.

Redator de teatro do jornal Diário Trabalhista e da revista Vida.

Redator e colunista do jornal Última Hora, assinando a coluna Conversa da Madrugada.

Publicações várias se houve fazê-las, reportagens, críticas e poesias no jornais: A Manhã, Tribuna de Imprensa, Diário Carioca, Correio da Manhã, Diário de Notícias e nas revistas O Mundo Ilustrado e Revista da Semana.

Se houve com talentoso desempenho como delegado da Casa do Estudante do Brasil no 3º Congresso Nacional de Teatro, realizado na sede da ABI, no Rio de Janeiro, participando de suas comissões e autor de duas teses, aprovadas em plenário, sobre teatro amador e direitos autorais.

Se tanto brilhou em sua terra, como filho das barrancas de São Raimundo, muito mais alto se elevou em outros chãos mais distantes.

Em Manaus, em 1960, promoveu e realizou o 1º Salão de Arte Moderna, com o adjutório da imprensa e rádio amazonense, com a participação do professor da Universidade do Brasil, doutor Mário Barata.

E Áureo Nonato, ei-lo novamente a esfuzilar luzes de conhecimento e cultura, quando idealizou, em 1963, e esteve encarregado da coordenação geral do 1º Forum sobre a Amazônia, promovido pela Fundação Casa do Estudante do Brasil, à sábia direção do velho e saudoso mestre Arthur Cezar Ferreira Reis.

Em 1966, compôs o poema-canção *Tarumã,* para solista e grande coral, hoje incluído no catálogo internacional de música sobre folclore, pela Pan American Union, órgão cultural da O.E.A., com sede em Washington e publicada, em São Paulo, pelas Edições Arquimedes.

Anos depois, o poeta cantou novamente a sua terra, ao escrever a canção *Manaus,* aprovada pela Comissão Artística do Serviço de Educação Musical e Artística da Secretária de Educação e Cultura da Guanabara e incluída oficialmente no repertório escolar do Estado.

Exerceu a função de assessor de imprensa e da coordenação geral do 5º Festival Nacional de Teatro de Estudantes, no Rio de Janeiro.

Coordenador do 2º Forum sobre a Amazônia, promovido pela Fundação Casa do Estudante do Brasil, em co-autoria com o Ministério do Interior, também à direção do professor Arthur Cezar Ferreira Reis.

Mas as cintilações literárias de Áureo Nonato precisavam brilhar mais distante, mais fertilizadas e conhecidas de cultura acadêmica.

E foi assim mais longe, no Rio de Janeiro recebeu o prêmio literário Osvaldo Orico da Academia Brasileira de Letras, com o livro *Os Bucheiros,* no ano de 1982.

De tão real, tão pura história de uma criança pobre, um homem humilde, um sábio em crescimento, Áureo Nonato reverberou, resplandeceu luzes em sua obra, galardoada.

E ao completar a vivência de subir mais longe, como a velha águia que só vê distantes, escreveu Áureo Nonato *O Porto das Catraias.*

E a visão poética do escritor, quem a descobriu e quem poderia melhor sê-lo que não o exímio poeta Menotti Del Picchia, ao publicar, em a Revista Universal, o poema "Triste Narração".

Quem mais nobre poderia a Áureo Nonato apresentá-lo como poeta, senão o artífice do som e das letras que foi Menotti del Picchia.

Chegaste a outras terras como peregrino irrequieto da arte do saber, tão igual como proclamou o mesmo Rui Barbosa, em seu discurso "Visita à Terra Natal":

> "Eu vinha só com a minha fé, a única força que a natureza não me recusou, a companheira fiel das minhas provações, o viático de um caminho acidentado".

E di-lo ainda o mestre baiano, que bom e acertado será repeti-lo a Áureo Nonato, porque voaste longos e distantes infinitos.

Como "essas aves de grandes travessias, que seguem as naus de oceano em oceano, e viajam sobre as ondas, em vastos grupos rumorosos, desaparecem, arrastadas pelo invisível".

Tua vida, Áureo Nonato, revelou-se em embaraçados tropeços, depois em alcances altos, como sonharas ainda criança, pisando descalço o chão de barro do subúrbio onde nasceste.

A ti, noviço companheiro, o ajuste certo da bela estrofe da canção popular:

> "Foi então que lá em cima apareceu
> alguém que lhe disse a sorrir

que descendo à cidade ele iria subir".

Aqui, o poeta, o jornalista, ali o assessor, o timoneiro seguro, o compositor vibrante, o cantor da lira, o romancista de verdades e ficções.

Em todos os expoentes de luzes da arte, dos lugares exercidos, ainda redivive o rastrear das estrelas, recamando de luzes a tua gloriosa caminhada.

As tuas obras são gotas plangentes de saudades, sonhos de criança, na esperança maior de subir, vencer, crescer sempre e muito.

E subiste, e cresceste, alcançaste os astros mais altos da glória literária.

Teus escritos são sonoros de arte, são imensos nostálgicos, fantásticos de saber da vida.

Os remos das catraias são saudades, distantes que os olhos choram e marcaram a retina do menino, criança ainda, pés no chão, sentindo o barro molhado do teu querido bairro da Colina, o Mercado do Bucho, as agitações das manhãs nas vendas de vísceras, são também saudades, são distantes que os olhos de criança nunca esquecem.

Vivências e passados que o poeta Áureo Nonato soube com maestria bem descrevê-los, ao som das letras acadêmicas e à beleza da arte.

Miríades de estrelas arpejaram a lira na tua caminhada de subida aos astros das letras.

Tuas obras, Áureo Nonato, são pedaços da infância em chãos humildes de um bairro da velha Manaus, ao tempo *ainda* moça e imaculada.

As águias e os condores também nascem no sopé das montanhas, mas um dia se lançam em altos vôos ao infinito.

O teu destino era crescer, voar muito além, pairar em outros mundos

Tuas obras, Águia da Colina, são restos de saudades da Manaus antiga, que ainda lembro com os olhos chorados de tristezas, passados e lembranças.

O belo igarapé de São Raimundo, as catraias, famílias que conheci e com as quais convivi na mocidade, os bravos e valentes filhos do professor Rebelo.

Jairo, que o tempo consumiu pela morte e que me lembro tanto, me fez saudades do velho amigo e colega do Ginásio Pedro II.

A Casa Dias, de tantas vidas passadas e recordações de infância, ainda vive velha, cansada e corroída pelos anos. O casarão sobrevive, resistiu ao tempo, com as paredes descoradas, esmaecidas de vida.

Nas linhas literárias de Áureo Nonato, o sabor da poesia do passado, recriada em sonatas de padecidos e saudades.

Um dia no tempo, a Águia da Colina criou-se, cresceu, agigantou-se, subiu ao cume da cultura.

E foi além, muito além, que nenhuma outra voz de seu bairro falou tão alto, tão cheia de gorjeios de sons e palavras fartas de beleza literária.

Desde criança Áureo Nonato desejava voar destinos, longos distantes.

A sua alma poética bem revela os sonhos de subir, muito além do humilde bairro onde nasceu.

E essa vontade do poeta, na ânsia incontida de voar, crescer, havemos de vê-la nas páginas de sua obra *Os Bucheiros.*

> "Meu espírito de aventura, porém,
> se ia desenvolvendo... mais e
> mais... minhas ânsias... meus
> sonhos... e propósitos... de co-
> nhecer outros e novos mundos..."

A mesma aflição irrefreável de subir, vencer, voar longínquos horizontes, se vai por vê-la nas páginas de *Porto das Catraias*:

> "Os sonhos... e propósitos do me-
> nino amazonense, de conhecer
> outros e novos mundos, outras
> gentes, borbulhavam em seu cé-
> rebro com maiores ímpetos"

Se tantos e muitos cantaram a terra onde nasceram, os muitos e diversos foram poucos a se igualar ao valor da sinfonia do canto da terra de Áureo Nonato.

Na alma do escritor poeta, explode, se agita como remansos, rebojos, escumados banzeiros, a falação dos rios, a sonata das águas.

No poema-canção *Tarumã,* da autoria do recém-vindo, chegado a esta assembléia de cultores das letras, a sintonia de águas agitadas, o coração do artista flutuando imagens de belezas.

> "Sem parar...
> envelhecendo de noite
> reflorindo de manhã
> a minha vida Tarumã
> é igual a tua Tarumã...

Aí, a revelação de tormenta do artista, realçada de belezas, na sinfonia das águas que rolam, vivem na vegetação verde das barrancas, oscilando adeus aos matupás que passam, a natureza viva caminhando nas asas das ondas.

No *Porto das Catraias,* Áureo Nonato olhava a vida embalada pelo rio, serenada pelas voltas indecisas e endoidecidas dos remansos.

Pensava em distantes, longos distantes, voar, vencer, subir, desaparecer nos horizontes da vida.

> "Novas terras... paisagens, lugares,
> gentes... iam se mostrando
> diante dos olhos ávidos e quentes
> daquele menino amazonense".

Tuas obras, Áureo Nonato, são relicários de poesia, belezas, gotas de saudades, pedaços de tristezas.

Disse o escritor, em seu livro *Os Bucheiros*:

> "...Minha testa batendo nos postes das calçadas da Casa Dias, pela manhãzinha cedo ,indo, cheio de sono, de São Raimundo para o mercado levando às costas sacos de tripa seca para lingüiça.
> ...Salmoura de miúdos-de-boi escorrendo por entre as frestas dos velhos caixotes de leite Moça sobre a minha cabeça e descendo pelo rosto como se fossem lágrimas".

As imagens literárias de Áureo Nonato, vezes tristes padecidos, são poentes engrinaldados de belezas, são manhãs festejadas de vida e suaves sonoros de pássaros em revoadas cantantes.

Dentre outras tantas poesias, esta se houve compilar na obra *Os Bucheiros:*

> "...Entreluzindo por entre nuvens
> multicoloridas, sob as mais diversas formas,
> compondo
> um estranho mundo encantado
> de luzes, cores e imagens".

Em outro lance de beleza, canta o poeta:

> "Espetáculo do pôr-do-sol, onde o vermelho predominava numa explosão mágica de cores e luzes".

Ao divagar olhando a cachoeira grande do Tarumã, fala o poeta:

> "...O cair de suas águas douradas pelo sol sobre as enormes pedras do rio lá embaixo, para seguir em seu destino de ir rolando, rolando, sem parar".

À sinfonia da música de tuas canções, ao som da literatura beleza da arte, eu te saúdo, Áureo Nonato.

A ti, águia dos filhos da Colina, que, com tantas saudades e lágrimas, elevaste as alturas das letras literárias e do saber.

A ti que a estrela matutina clareava o caminho das manhãs em direção ao Mercado do Bucho. A ti, Áureo Nonato, que voltavas caminho com os risos da noite da estrela vespertina, iluminando o teu roteiro de regresso de regresso à felicidade do lar.

Eu te saúdo, ainda, com o ósculo da flor que os colibris beijam ao abrir das manhãs cheias de sol da Amazônia.

Quando os silfos embalam no ar o

riso da noite, os uirapurus calam o canto, a escutar a voz do poeta, lírios abertos nas madrugadas orvalhadas de sons.

Nesta hora, as flores bailam ao som dos silfos, com o beijo dos guanambis fecundando vidas no cenário verde das terras.

Bem-vindo sejas a esta Casa de cultura, Áureo Nonato, com as saudações acadêmicas e muito mais do Amazonas que elevaste com glória e saber, vencendo os extremos verdes coloridos dos chãos do Pindorama, a bela agreste florida imensa terra das palmeiras.

DISCURSO DE POSSE*

Arlindo Augusto dos Santos Porto*

Senhores Acadêmicos,

Ao iniciar o preparo desta fala, por determinação estatutária da Academia, a fim de dizer a que vim e porque me candidatei à cadeira nº 35, que tem como patrono a figura excelsa de Dom Frederico Costa, confesso que hesitei longamente sobre o que deveria dizer a este plenário.

Sabia eu que embora fosse encontrar aqui apenas amigos prontos para relevar e perdoar as eventuais falhas decorrentes dos meus apoucados méritos literários, a responsabilidade a mim atribuída pelas circunstâncias era muito grande, imensa mesmo. A condescendência dos ouvintes não poderia servir de argumento para me fazer esquecer o fato de que aqui me encontraria por uma decisão unânime de pessoas letradas e notoriamente sábias, que acreditaram em mim e de cuja constelação logo estaria eu participando.

Admito que a transcendência da responsabilidade, a mim atribuída pela empreitada, chegou por alguns momentos a entibiar-me o raciocínio, na busca de palavras que expressassem tudo quanto desejava eu dizer, com a ressonância a que este vetusto plenário está acostumado. Sentí-me até momentaneamente inapto, com os pensamentos tartamudeando expressões que o meu senso crítico dizia estarem aquém, muito aquém, das exigências solenes deste ato.

Foi quando um espírito bondoso, dos muitos que hoje habitam o castelo das minhas amadas recordações, soprou-me ao ouvido, em súbita inspiração, a lembrança da fábula de Apelles, aprendida ainda na infância. E lembrei-me então do que o escultor grego dissera ao sapateiro anônimo que, diante de um trabalho seu, na véspera, criticara alguma coisa em uma das sandálias esculpidas por ele e que, naquele instante, tentava expender uma opinião a respeito da toga envergada

* Discurso de posse do Sr. Arlindo Augusto dos Santos Porto na cadeira nº 35, cujo patrono é Dom Frederico Costa, ocorrido em 03 de dezembro de 1993.

pelo personagem reproduzido em mármore: *"NÃO SUBA O SAPATEIRO ALÉM DAS SANDÁLIAS".*

Por que então deveria eu, que sempre tive na aceitação da filosofia apelleana um meio de tocar a vida sem os alvoroços criticáveis de querer ser quem não sou, pretender alçar-me pretensiosamente ao patamar de onde promanam lições de rara beleza e irreparável lirismo literário prelecionadas entre estas quatro paredes, por luminares que ainda hoje aqui se encontram e por muitos outros que as Parcas já convocaram para a travessia do Estige?

Refleti, então: quem sou eu, além daquele rapazola bisonho que em 1945, em dia qualquer, entrou destemerosamente na redação do "Jornal do Comércio", pedindo um emprego ao grande mestre do jornalismo amazonense que foi Herculano de Castro e Costa, e ali iniciou uma caminhada que perdura até hoje? Nada além de um homem que chega aos 64 anos de idade com a plena sensação do dever cumprido, desprovido de qualquer ambição, alguém que galgou e procurou honrar os postos públicos que lhe foram confiados, sempre buscando servir ao estrito cumprimento do dever e da honra, e que fez do jornalismo a sua vida, o seu amor, a sua profissão, a sua alegria, os seus queixumes, os seus momentos palpitantes, o seu destino profissional sobre este orbe de resgates, sofrimentos e premiações.

Um homem comum, afinal, como tantos outros.

Falaria, pois, apenas como o jornalista que sempre fui e sou, com a honrada franqueza dos bons repórteres que escrevem para o público e sabem que serão cobrados por ele, se mentirem.

Escreveria, sim, apenas uma grande reportagem, onde o personagem seria eu próprio. E assim o fiz.

Parti da minha crença de que, ao se aproximar do ápice de sua existência, o homem não tem o direito de mentir, nem mesmo para se mostrar modesto. Assim, posso lhes dizer, queridos amigos, que devo tudo quanto conquistei na vida à minha condição de homem de imprensa, porta por onde ingressei em variados setores da vida pública na terra em que nasci, enriquecido daqueles conhecimentos hauridos na experiência de dias e noites transcorridos nas redações dos jornais em que trabalhei neste quase meio século de labor profissional, tanto em Manaus como no Rio de Janeiro, onde passei um sofrido decênio de minha existência, auto-exilado do meu torrão natal.

Foi nesse cadinho borbulhante de idealismo que fundi o entranhado amor que dispenso ao meu País, ao meu Amazonas e à minha gente e onde, em longo e cotidiano aprendizado de civismo, recebi

as lições de dignidade, decência e respeito aos direitos alheios, que sempre nortearam a minha vida.

Não abrigo, nem de leve, a estultice de imaginar a minha pessoa obtendo outra projeção que não seja aquela nascida dos méritos a mim atribuídos em função dos textos que elaborei e que foram publicados nos muitos jornais pelos quais passei, sempre buscando oferecer aos que me liam a essência de um caráter e de uma moral plasmados na forja de uma educação que me ensinou: *respeita o teu semelhante como gostarias de ser respeitado.*

Foi com esse conhecimento da vida que me permiti buscar, na Faculdade de Direito, as luzes de uma carreira jurídica que nunca deslanchou, pois a nau dos meus sonhos jamais navegou além das águas, ora mansas, ora procelosas, do mar de Gutemberg, do qual não me afastei nem mesmo quando a amizade fraternal de um companheiro de juventude e de estudos, o iluminado a quem Deus e o povo entregaram, por três vezes, o nobilitante encargo de conduzir os destinos do Amazonas, o meu amigo e irmão Gilberto Mestrinho, convocou-me para funções outras que pouco tinham a ver com a vivência febricitante das redações.

Ainda na vida pública ascendi por algumas vezes – e posso dizer, sem deméritos –, à suprema curul governamental, em substituição àquele amigo, o que foi um até hoje inesquecível deslumbramento para o menino nascido no Alto de Nazaré, que teve como pai um homem que carregava bagagens alheias no cais do porto e como mãe uma heroína que ajudava no sustento dos filhos lavando as roupas de outras famílias, o menino que só conseguiu estudar à sombra protetora de um padrinho generoso que se tornaria seu pai adotivo.

Na Assembléia Legislativa do meu Estado, eleito e reeleito por três vezes, até ver o meu mandato interrompido pela decisão atrabiliária de um momento nacional de arbítrio, ocupei todos os cargos possíveis de um representante popular, inclusive a presidência da Casa, o que fez de mim, à época, Vice-Governador constitucional do Amazonas. Também passei pela Câmara Federal, nesta de modo efêmero, pois apenas cumprindo convocações regimentais, na minha condição de suplente. Honro-me, no entanto, em proclamar sem qualquer vitupério, estar convicto de que jamais poderia ser encontrado no meio da matilha faminta de hienas, como a que nesta hora rafeiros a serviço de uma moralidade que parece despertar no Congresso, tentam acuar nas malhas de uma C.P.I.

Contudo, não são apenas registros motivadores de alegrias que povoam a existência que tracejo nesta reportagem

quase autobiográfica, numa tentativa de estabelecer melhor comparação entre as minhas origens modestas e o salto qualitativo que este Silogeu me proporciona, alçando-me às culminâncias da companhia de homens e mulheres que honram, pelo talento, pela inteligência e pela cultura, as letras das terras glebárias. Sofri também momentos de amargura, felizmente logo transformados pela minha sólida formação espiritualista, em lições de bem-viver e razões a contribuir para o que hoje chamo de plena conciliação comigo mesmo.

Certa ocasião, após os eventos de 1964, alguém me perguntou se eu não pretendia escrever a respeito dos dias por mim vividos em uma prisão militar, aqui mesmo em Manaus, após a perda do meu mandato de Deputado Estadual e do meu apeamento da presidência de um partido político então majoritário no comando da administração do Estado. Respondi àquele amigo que "memórias do cárcere" havia muitas, mas que Graciliano Ramos só existira um. Daí quase nunca haver tocado nisso em meus escritos.

Não que eu considere aquele período de minha vida como indigno de ser recordado. Pelo contrário. Carrego comigo, daqueles 128 dias amargados em uma prisão, por ordem de militares, sob a jamais comprovada acusação de ser eu um subversor da ordem pública, ricas recordações. Ali convivi com homens de valor, granjeei novos conhecimentos com a ajuda de pessoas cultas e experientes, e reforcei a minha hoje inabalável crença de que tudo quanto ocorre em nossas vidas tem a sua razão de ser nas determinantes traçadas em existências anteriores.

Foram dias de aprendizado, um período que, longe de envergonhar, dá-me cada dia que passa, a cada ano vivido, a certeza de que Deus quis ali me proporcionar lições para que eu me fizesse mais humilde, suportasse as ofensas sem odiar o ofensor e – supremo benefício –, aprendesse a perdoar.

Perguntareis: foram 128 dias de vida perdidos? E eu responderei que não. Nada mais eles significassem e ainda assim seriam para mim galardões existenciais, confirmados pela posterior absolvição unânime por um tribunal militar, atestando que minhas ações como jornalista e político, desde 1945 até o ano da chamada revolução militar, nada tiveram de subversivas e foram, isto sim, posicionamentos corretos, comprobatórios da minha seriedade, do meu idealismo e do meu desejo de dar a minha participação à melhoria da vida nacional. Para mim aqueles dias são condecorações apostas em meu peito, como reconhecimento pelas lutas coerentes das quais participara, nos meus tempos de estudante, catando metais para a guerra; apoian-

do a remessa de tropas brasileiras às lutas na Europa; pugnando pela redemocratização no após-guerra; quebrando lanças em favor do monopólio do petróleo; trabalhando pelo advento da Petrobrás; enfrentando batalhas em defesa dos minerais radioativos que se pretendeu entregar a preços vis; brigando pela salvaguarda dos direitos dos trabalhadores; escrevendo em defesa da sobrevivência dos povos submetidos a selvagens explorações pelos países mais ricos; pelejando pela maior participação do Brasil no campo democrático, todos aqueles atos, enfim, que compõem a saga de uma geração que se entregou de corpo e alma à defesa de causas que, pela ousadia de seus postulados, chegaram a ser confundidas com ações extremistas, mas que vistas hoje, à distância, mostram que eram posicionamentos corretos e concorreram para melhorar este país em algumas coisas.

O Patrono

Cumpre-me, pelas normas estatutárias, discorrer sobre a figura de Dom Frederico Benicio de Souza Costa, Pastor católico que, na condição de Bispo do Amazonas, nos primeiros quartéis deste século, na sucessão de Dom Lourenço da Costa Aguiar, veio para Manaus e aqui iniciou uma vivência de grande fulgurância, tanto no campo eclesiástico como no das letras.

Faço-o com o espírito animado pelo desejo de que as minhas pesquisas a respeito dessa excelsa figura tragam em si a marca da mais honesta exatidão, até porque é aquela vida do conhecimento de vários dos que convivem há muitos anos nesta Casa e que poderão, justamente por isso, detectar senões nesse trabalho em que busquei ser o mais fiel que me foi possível às fontes a que recorri.

Dom Frederico Costa, patrono da Cadeira nº 35 deste Sodalício que doravante terei a honra de ocupar, viu as luzes do mundo pela primeira vez no dia 18 de outubro de 1876, em Vila de Boim, no Estado do Pará, sendo filho de Marciliano Macedo Bahia e Costa e de Tomásia de Souza Gonçalves.

Vencendo as primeiras dificuldades do conhecimento das letras ainda na cidade de Soure, aos 10 anos de idade já se via matriculado, com tanto sucesso que sempre alcançava os primeiros lugares nas turmas a que pertencia, no Seminário do Carmo, em Belém, onde, pela desenvoltura com que lidava na difícil arte do conhecimento da língua mater, ainda aluno seria alçado à condição de professor de Português.

Sob a proteção de Dom Gregório Coelho, Bispo do Pará à época, que lhe percebeu o valor intrínseco, ele seria ex-

pedido mais tarde para a Cidade Luz, onde passou a estudar no Seminário de São Sulpício. Em Paris, Frederico Costa continuou se notabilizando pela sua extrema dedicação aos estudos, o que lhe valeu a admiração de colegas e mestres. Ainda no Seminário recebeu as Ordens Menores.

Quando o século já anunciava os seus últimos anos, em 1896, deixou ele a França, seguindo para Roma, Itália, onde passou a freqüentar o Colégio Pio-Latino-Americano, assim como se tornou aluno da não menos famosa Universidade Gregoriana. Sempre brilhante nos estudos e inteiramente devotado à sua vocação religiosa, ali receberia, no ano de 1899, aos 23 anos de idade, o título de Doutor e a sua ordenação como Sacerdote.

De volta a Belém, celebrou na Basílica de Nazaré a sua primeira e comovente missa. Sua estrela ascendente continuou com pleno brilho, e ei-lo sucessivamente exercendo as funções de professor de Teologia no Seminário Maior de Belém; de Capelão do Presídio de São José, assim como do Orfelinato Paraense, do Hospital dos Alienados e da Beneficente Portuguesa. Foi, ainda, Secretário da Cúria Diocesana e coadjutor e vigário da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré. Suas atividades, no entanto, não se limitavam à área religiosa, pois vamos encontrá-lo, naqueles anos, como partícipe de várias bancas examinadoras em concursos públicos para postos na vida secular, e revelando destacados dotes de cultura e saber, como membro de um Congresso de Pedagogia realizado na Capital do Pará.

Sua eleição para Bispo do Amazonas foi encontrá-lo como prelado na cidade de Santarém, de onde viajou para Roma e onde foi sagrado Bispo pelas mãos do Cardeal Gotti, assistido pelos brasileiros Dom Francisco do Rego e Dom Antônio Sixto Albano.

Tornava-se ele, naquele instante, com menos de 30 anos de idade, detentor do título de o Bispo mais novo do mundo!

Sua chegada a Manaus, em junho de 1907, foi marcada por grandes homenagens a ele prestadas pelo governo e pelo povo, oportunidade em que lançou, em discurso de agradecimento, as bases do que seria a sua ação sacerdotal.

> "O que devo afirmar é que o novo Bispo desta diocese outra coisa não deseja senão a grandeza e a prosperidade do Amazonas; há de trabalhar para esse fim, procurando seguir os passos de seus gloriosos antecessores."

Durante os seis anos em que permaneceu à frente desta gigantesca

diocese, ele haveria de cumprir a sua promessa, realizando autênticas romarias pias em que buscou conhecer ao vivo como era a existência daqueles que labutavam nos ermos do *hinterland* amazonense. Percorreu, nessa missão humanitária e fraterna, os rios Negro, Madeira e Purus, recolhendo impressões de comovedora acuidade, que registraria em Cartas Pastorais nas quais exaltou o papel que a Igreja Católica deveria exercer, em solidária conexão com as gentes que ali viviam, para a sua melhoria moral.

Cito apenas alguns poucos fragmentos desse trabalho que, pela sua profundidade e extensão, consumiria páginas e mais páginas de análise, se enfocado fosse em sua globalidade, mas que bastam para registrar de forma definitiva, os sentimentos de fraternidade e solidariedade humana que marcam aquelas observações e, por via de aplicação posterior, as determinações de Dom Frederico Costa.

Como, por exemplo, a prova de sua indignação e revolta contra o modo como eram tratados os índios na região do rio Negro, o que, por sinal, diante de fatos recentes, parece ter mudado muito pouco:

> "Alguns negociantes chegam à maloca de rifle em punho, não pedem, e quando não se lhes dá por bem o que querem, tiram à força. Matam os animais, roubam as provisões. São verdadeiros salteadores. E muitas vezes agarram à força as índias donzelas. Embriagam os pais e desonram as filhas. Viajam com um garrafão de cachaça debaixo da tolda da canoa; para ali atraem os incautos, homens e mulheres, e praticam ações que a pena recusa-se a escrever. Exigem serviços forçados aos pobres homens e dão como pagamento bugigangas, ou, na melhor hipótese, uma calça ou uma camisa. Agarram-nos à força muitas vezes, amarram-nos no fundo da canoa e surram-nos tão barbaramente que só nos tempos antigos da escravidão romana podemos encontrar exemplo."

Dom Frederico Costa foi, como se pode ver, um pioneiro neste século, da moderna causa de defesa do desventurado índio amazônico.

Nas Cartas Pastorais do ilustre prelado se inclui o que se poderá, com plena propriedade, chamar-se de sua obra literária, tão vasta e tão escorreita que chegou a ser divulgada no exterior. Como por exemplo a produzida após a sua viagem ao rio Negro, que foi editada na imprensa pontifícia do Instituto Pio IX, de

Roma, em 1907. Chamou a atenção de todos o registro que ele fez, de que a situação naquela área brasileira era tão contristadora que se chegava ao ponto de ouvir ali mais o castelhano do que a língua portuguesa, sendo esta quase desconhecida, até mesmo por parte dos nordestinos ali fixados, que melhor se desempenhavam no idioma espanhol!

Tantos e tão valiosos esforços em prol do cumprimento da promessa que fizera, de se empenhar ao máximo pela "grandeza e prosperidade do Amazonas", lhe valeram não apenas a admiração dos filhos desta terra, que nele tiveram, sem qualquer dúvida, o autor de um riquíssimo acervo de informações sociais de enorme valor espiritual, como também lhe infligiram a infestação física de doenças graves.

Após meia dúzia de anos de abnegado labor cultural e espiritual em favor dos seus semelhantes, Dom Frederico Costa adoeceu gravemente e, desprovido de recursos maiores imprescindíveis à sua cura, prometeu a Deus, em troca do seu restabelecimento físico, a renúncia à sua diocese e às suas naturais honrarias. Sua promessa final foi a de tornar-se monge.

Curado, ou assim pensando que estivesse, procurou cumprir o que prometera, tendo de lutar muito contra a oposição dos seus confrades, que não viam porque devesse a Igreja abrir mão do seu trabalho meritório; porém Dom Frederico Costa resistiu a essas ponderações, partindo em 1913 para Roma, a fim de ali defender, pessoalmente, os seus pontos de vista. O Papa Pio XI, conhecendo o valor moral que a vida ativa da Igreja perderia com a saída do Bispo, tudo fez para dissuadi-lo, o que se mostrou infrutífero, e terminou por aceitar a devolução da Mitra, concedendo a Dom Frederico o título de Bispo de Tubuna *"in partibus infidelium"*.

O ex-Bispo do Amazonas ingressou então na Ordem de São Romualdo, tornando-se monge Camaldulense, sob o nome de Frei Arsênio, num convento em Nápoles.

A vida enclausurada de 14 anos, que então se seguiu, terminaria por minar-lhe ainda mais o organismo e, por ordem do Papa, depois de recusar as comodidades de uma prelazia na Basílica de São Pedro, ingressou no noviciado da Ordem dos Carmelitas Descalços, sendo então designado para atuar em um convento, na Palestina. Como a sua saúde não melhorasse, foi transferido para Barcelona, na Espanha, em 1934, e ali viveria todos os sustos possíveis da perseguição ao clero, que ocorreu naquele país durante a Guerra Civil.

Refugiado na Itália, com a ajuda da diplomacia brasileira, ainda retornaria

mais tarde à Espanha, em tempos mais calmos, para viver, combalido pelas doenças, até o dia 26 de março de 1946, quando sua alma adejou para mais um remígio de aperfeiçoamento no espaço.

O Antecessor

Tivesse eu a versatilidade do dizer feéricamente erudito de Mário Ypiranga Monteiro, que na sua saudação ao acadêmico Agenor Ferreira Lima, quando de seu ingresso nesta Academia, gizou de modo incomparável a figura e a personalidade deste que foi o meu antecessor na cadeira nº 35 deste Sodalício, é claro que daqui resultaria uma similar obra-prima de fino lavor literário.

Meus conhecimentos com aquele a quem sucedo, no entanto, não passara de alguns parcos contatos em que ele, examinador nas bancas de latim do Colégio Estadual do Amazonas, nos arguia, a mim, a Gilberto Mestrinho, a Phelippe Daou, a Raul Mendes, a Roberto Cohen, a Sandoval e José Júlio Oliveira, a Miguel Deolindo Oliveira, a Hélio Silveira, a Jorge Teixeira, a Ramiro Silveira, a Silas Bento Rodrigues e aos demais colegas da nossa velha turma, sobre os nossos vasqueiros conhecimentos da língua latina, a nós ministrados pelo bondoso Cônego Monteiro.

Não lhe desconheço, no entanto, pelas referências escutadas nos meios culturais de Manaus, os grandes méritos de lingüística, calçados em uma sólida cultura, clássica inclusive, adquirida no seminário e esbanjada com munificência em primorosos escritos, como por exemplo o seu maravilhoso discurso de posse. E por isso mesmo, porque admita os meus parcos conhecimentos da vida desse intelectual que tanto deu de si à inteligência amazonense, e que ajudou a preparar tantos que hoje brilham no firmamento da cultura glebária, é que me valerei do próprio Mário Ypiranga Monteiro, meu antigo mestre de Geografia no C.E.A., para repetir, a respeito de Agenor Ferreira Lima o que a sua memória merece:

> "Não é certo ser a tarefa do intelectual desprovida de interesse coletivo nem esquecida ou irrecompensada, a menos que circunstâncias especiais favoreçam o esquecimento, mas nunca a função heróica do gesto. Mesmo que a planta não medre, perdura a solenidade do gesto, o eco da palavra criadora, a emoção interior de haver cumprido uma tarefa, assumindo uma atitude, contribuído para o bem estar de um só ou de muitos. Cabe ao homem, a cada homem em particular, moldar e modelar sua

> vida, eleger seu itinerário, escolher seus caminhos, orientar seu destino. A recompensa virá, a recompensa de toda luta espiritual é a alegria de sermos compreendidos, de sermos lembrados. Uma tradição conta de Homero que ao expirar dissera – "Não morrerei de todo".

Corroborando o brilhante orador que em 1981 saudou desta mesma tribuna o meu saudoso antecessor, eu lhes direi, repetindo, aliás, as palavras do vulcaniano Mr. Spock, no filme "Jornada nas Estrelas": – O homem só está realmente morto quando não é mais lembrado".

O Amigo

Um conjunto de circunstâncias, para mim extremamente felizes, entregou o encargo de tapizar a minha entrada nesta Casa com expressões cariciosas aos meus ouvidos e à minha alma, ao talento cultural e à generosidade de um velho amigo, talvez mais do que um amigo, um irmão sincero e bondoso, capaz de enunciar por todos os votos de boas vindas que os senhores Acadêmicos apresentam a este recipiendário: José Bernardo Cabral.

Meu companheiro de andanças em dias menos calmos e democráticos que os de agora, temos vivido enquanto os anos se encarregam de polvilhar de cãs os nossos cabelos, na comunhão de uma fraterna amizade, momentos comuns de um relacionamento amalgamado por gestos de recíproca lealdade e de profundo respeito mútuo.

Por isso mesmo, brota do mais íntimo do meu ser a alegria de ser saudado por ele e de poder discorrer sobre a sua pessoa, como ora o faço, em traços que falam por mim com a transparente franqueza do meu sincero apreço.

Resultado de uma amizade que começou entre mim e seu pai, o velho e querido Andorinha, pude acompanhar a sua bela trajetória, às vezes próximo, às vezes distante, desde quando ele, muito moço, ainda cursando as etapas finais da Faculdade de Direito, pisou ousadamente na tribuna do júri para auxiliar na acusação ao homem que imolara a vida de um irmão seu.

Ao longo do tempo, vivemos o ombro a ombro de atividades comuns e cotidianas, como as de acadêmicos de Direito e, mais tarde as de deputados estaduais na Assembléia Legislativa de nossa terra comum, o Amazonas, e no mesmo grupo partidário.

Na seara fecunda da advocacia nunca nos encontramos, até porque, engolfado e vivendo com paixão as lides da imprensa, eu jamais senti atração maior pelos encantos de Themis, enquanto que ele, estimulado pela necessidade de sobreviver, após a cassação do seu mandato de deputado federal, em 1968, iniciava penosa, porque pobremente, uma

formosa carreira jurídica que jamais sofreria qualquer desdouro. Nesse *métier* onde triunfam realmente os que fazem da prática da justiça um sacerdócio, ele atingiu culminâncias dificilmente alcançáveis por outro amazonense: membro, como orador oficial, da diretoria do Instituto dos Advogados Brasileiros, Secretário-Geral e, posteriormente, com notável atuação, presidente nacional da Ordem dos Advogados do Brasil, onde deixou marcas indeléveis de sua passagem, num período difícil para a normalidade jurídica do País: relator na Assembléia Nacional Constituinte e, seguidamente, relator da Constituição de 1988, num trajeto de cintilações que teria seu apogeu quando ocupou o alto cargo de Ministro da Justiça.

Tudo isso, diria eu, a estruturar-lhe um *curriculum vitae* magnífico, que lhe assegura plenos merecimentos para aspirar qualquer função neste País, que exija do seu ocupante capacitação, probidade e experiência nascidas do cumprimento do dever além de todas as expectativas.

Tivemos, eu e ele, um grande e saudoso amigo comum, o mavioso poeta J.G. de Araújo Jorge, de quem evoco um belo poema social em que ele diz a um analfabeto e ignorante, estas palavras:

"....

....

Tu que vives à tona e não olhas o fundo
Indiferente à estranha multidão dos seres.
Às tragédias da vida... e aos horrores do mundo...
Tu que estás encerrado numa eterna infância,
– não sei se te aconselhe a ler, para sofreres,
ou se bendiga e inveje essa tua ignorância!..."

E por que fiz essa transcrição? Exatamente para estabelecer uma analogia entre a pergunta do poeta e o crucial momento ora vivido pela cidadania brasileira, diariamente vergastada na cara pelo chicote da revelação de fatos deletérios da mais horrenda e deslavada corrupção, indicadores de que é mais purulenta, do que se pensa, a degenerescência moral que infecta o organismo das estruturas nacionais de governo.

Bernardo Cabral, que chegou a recusar uma acomodação vitalícia no Supremo Tribunal Federal, por lhe parecer isso uma nota dissonante na harmonia da folha de serviços por ele conquistados e prestados à sua Pátria, haverá de compreender o porquê desse meu gesto para com a memória do nosso saudoso J.G. de Araújo Jorge.

Primeiro porque evoca um amigo e, em seguida, porque nos oferece o ensejo de aprofundar reflexões sobre um tema palpitante: é melhor ignorar o mal para não sofrer com ele, ou conhecê-lo

amplamente para melhor poder-se combater-lhe as causas.

Fico com a segunda alternativa, embora com isso o meu dia-a-dia se veja sobrecarregado pela vergonha de saber-me vítima quase inerme de assaltantes do erário público, de homens nanicos de ética e dignidade, que da espécie humana têm apenas a forma, porque capazes de se apossar, sem remorsos, de recursos que minorariam a situação e até salvariam a vida de seres desvalidos e carentes de tudo.

Não devemos vacilar nos protestos contra isso. Calar agora seria cumplicidade. É preciso evocar Disraelli, por sinal muito citado recentemente, segundo quem: "Este país só encontrará seus verdadeiros caminhos, quando os homens de bem tiverem a mesma audácia dos canalhas". É claro que Disraelli se referia à Inglaterra, mas o dito cai a talho de foice no Brasil em que vivemos.

Peço desculpas a este pretório de letrados pela veemência de minhas palavras, manifestada através de algumas expressões que talvez hajam ecoado, em dado momento, em dissonância com os tons harmônicos a que este plenário está acostumado, mas o grito de indignação preso na garganta de todos os brasileiros, neste instante sombrio vivido pela cidadania, precisa ser liberado em toda e qualquer oportunidade que surja.

A tribuna deste Silogeu, bem o sei, talvez não seja adequada para isso, pois não é e jamais será palanque político, mas nesta hora, pela força da indignação que freme no meu peito, eu a vejo transformada em púlpito cívico onde soa uma voz que, espero, não fique isolada, a ela juntando-se outras e outras, formando um clamor que possa retumbar até nos ouvidos de Deus, pedindo-lhe paz para o Brasil e males infinitos para os seus maus filhos que lhe enxovalham a moral e lhe conspurcam a dignidade.

Agradecimento

Encerro estas palavras, ditas com uma eventual inexperiência acadêmica, que em alguns instantes pode ter chegado às raias da inconveniência, pelo que me desculpo perante todos os amigos presentes, com um agradecimento profundo ao presidente desta Casa, acadêmico Oyama César Ituassu da Silva, na pessoa de quem centralizo meu reconhecimento aos senhores acadêmicos pela minha aceitação unânime neste Sodalício, o que honra não apenas a mim, mas também aos meus queridos familiares que aqui se encontram.

Meu acesso à Casa de Péricles Moraes tem para mim o significado de um galardão que conservarei, enquanto viver, no relicário das minhas mais sagradas e inestimáveis gratidões.

DISCURSO DE RECEPÇÃO*

José Bernardo Cabral

Acadêmico Arlindo Augusto dos Santos Porto:

A vida, para tantos, é repleta de muitas coincidências e de um não menor número de acasos.

A afirmativa feita em uma sessão solene como esta poderia ser tomada como uma banal frase feita, não fora a riqueza de acontecimentos que a motivam.

A primeira delas é que me coube a tarefa – bela e fácil de receber-vos como novel Acadêmico nesta Casa em que chegais após terdes atingido o sufrágio unânime de seus integrantes. A seguir, outra curiosa coincidência: está a presidir o Silogeu e a esta solenidade o nosso Professor Catedrático da Faculdade de Direito – já lá se vão mais de trinta anos – o mestre Oyama César Ituassú.

Por que falo em coincidências ou em acasos? É que estou a relembrar o jovem contemporâneo do outrora Ginásio Amazonense Pedro II – o nosso Colégio Estadual do Amazonas – ativo, irrequieto, produtivo, que com apenas 15 anos de idade era o redator-chefe e ilustrador do jornalzinho "O Debate", local em que iniciastes a vossa real vocação.

Relembro, ainda, o colega da Faculdade de Direito do Amazonas, curso que concluímos juntos, para listar mais um ponto do Acaso. Ademais – outra coincidência? – companheiros do mesmo partido político, nos elegemos deputados estaduais, acabando vós por chegar ao mais alto cargo do Estado, o de Governador, pela via legítima da substituição, eis que exercíeis as funções de Presidente da Assembléia Legislativa, consideradas, então, como as de Vice-Governador.

Depois – outro acaso? quem sabe – ambos tivemos cassado o mandato parlamentar e a suspensão dos nossos direitos políticos por 10 anos. Vós, como deputado estadual, por uma decisão que cobriu de opróbio a Assembléia Legislativa do Estado e eu, como deputado federal, por um édito arbitrário, incompatíveis as duas medidas com a chamada dignidade dos direitos humanos.

* Discurso de recepção ao Acadêmico Arlindo Augusto dos Santos Porto, proferido em 03 de dezembro de 1993.

Bem antes – nova coincidência? – já tínhamos selado o pacto indestrutível da nossa Amizade, tombada sentimentalmente no patrimônio afetivo de ser eu padrinho de um dos vossos filhos.

Mais tarde – outro acaso, porventura? – como resultado das cassações e perseguições, acabamos aportando a nossa igarité de caboclos amazonenses no Rio de Janeiro, mas, desde logo, com a antecipada decisão de que não regressaríamos ao torrão natal sem trazermos conosco a glória dos vencedores.

Naquela cidade – denominada de Maravilhosa – voltamos a nos rever amiúde, confidenciando, de vez em quando, um para o outro, as dificuldades que enfrentávamos. Tantas... muitas... imensas, é verdade. Porém, sem confundir dificuldades com necessidades, já que estas não nos atingiram.

É dessa época que guardo o traço mais forte da lealdade que orna o vosso caráter. E ela – desnecessário sublinhar – é uma linearidade constante na vossa existência.

Éreis, então, o representante de uma empresa que explorava o turismo no Amazonas, e o sócio–majoritário havia entregue a vós o mister de propagar no sul as nossas belezas amazônicas e, assim, atrair visitantes para Manaus. Certo é, que ele visara, com o gesto, mais ajudar ao antigo amigo do que necessitar dos vossos serviços, estes prestados num minúsculo ambiente, improvisado de escritório, do modesto Hotel Nelba, localizado na rua Senador Dantas.

Com a induvidosa pluriaptidão que tendes para as mais diversas atividades, vínheis desempenhando a vossa missão com razoável produtividade, mas sem deixar de registrar, vez por outra, com uma ponta de nostalgia, que a paixão era o jornalismo.

Talvez tenha decorrido daí a proposta que formulei para que fôssemos à revista Manchete – de aceitação nacional – onde tinha eu dois grandes amigos e dela eram diretores: os jornalistas Murilo Melo Filho e o saudoso Justino Martins, famoso junto aos astros de Hollywood, porque durante mais de vinte anos consecutivos fizera a cobertura do Festival de Cinema de Cannes. E foi com Justino Martins que conversamos sobre a possibilidade de virdes a emprestar vosso concurso profissional à revista.

Ao indagar ele quando voltaríeis preparado para fazer o teste, a vossa resposta foi imediata: AGORA! E quanto ao tema, a velocidade não foi menor: aquele que for escolhido pela direção da revista.

Impende salientar a perplexidade estampada na face de Justino Martins quando leu a última palavra do vosso texto e a manifestação eloqüente, incontida,

que se lhe seguiu, de sua ampla aprovação. Dias mais tarde, deve ter sido maior a sua surpresa quando recusastes o convite para integrar o quadro dos redatores da revista, sobretudo levando em conta que o salário oferecido era o mesmo pago pela empresa do Amazonas. Vale dizer: em termos financeiros e de identidade profissional, a solução havia chegado.

Por que recusastes? Na resposta, a retidão de caráter e a prática continuada de um exercício que é muito vosso: o da gratidão. A mim explicastes que não poderíeis aceitar porque, ao vosso sentir, seria uma falta de reconhecimento ao amigo que vos ajudara no instante de dificuldade maior. E arrematastes: "no meu dicionário pessoal não existe a palavra ingratidão".

Terrível é que, decorrido algum tempo, o destino desferiu um rude golpe contra vós: vem a falecer o vosso amigo, o majoritário da empresa, e o sócio que o substituiu – apesar de ter conhecimento da mútua amizade e do vosso gesto de gratidão – não titubeou em vos substituir, sumariamente. Assim, desagradável coincidência – estranho acaso – estáveis mais esta vez, desempregado.

O que durou pouquíssimo. A vossa reação altiva a gesto tão pequeno, infame, perverso, foi a volta ao jornalismo diário, em matutino de maior circulação no Rio de Janeiro. A mesquinharia daquela atitude resultou na vossa consagração como profissional, a ponto de terdes sido considerado, de certa feita, como um segundo Stanislaw Ponte Preta, muito embora, como realçavam, tivésseis nascido no Norte e demorado muito a emigrar para o Sul.

Com a vitória, começastes a desenvolver o projeto que sempre esteve na vossa mente: o retorno às plagas amazônicas. E agora trazendo convosco, na vossa fronte, os louros da vitória, a exemplo do que acontecia com os antigos guerreiros gregos.

Recuperados os vossos direitos políticos, destes seqüência em Manaus às lides jornalísticas e voltastes à política partidária, acabando por ficar numa primeira suplência de deputado federal, em misteriosa ocorrência até hoje não satisfatoriamente desvendada, porque a todos era certa a vossa eleição.

Por essa época, mais uma coincidência entre nós: quando recuperei os meus direitos políticos, o desembargador José Jesus Ferreira Lopes, então Presidente do Tribunal Regional Eleitoral, fez questão de fazer a entrega, pessoalmente, no gabinete presidencial, do meu título eleitoral e pronunciar algumas palavras ditadas pelo coração. Ali vos encontráveis, lado a lado, a prestigiar o amigo como em tantas outras vezes anteriores, seja no Instituto dos Advogados Brasileiros e na Or-

dem dos Advogados do Brasil.

Temos estado, pois, desde sempre, cada vez mais unidos, a comprovar que a nossa Amizade tem sido e será suficientemente forte para vencer o tempo, suplantar a distância e não temer o silêncio.

Razão por que sou testemunha, mais do que presente, ao longo da existência, para asseverar que conseguistes ultrapassar os mares do jornalismo e destes seqüência ao vosso idealismo nato, o qual vos levou à participação das memoráveis campanhas em favor da redemocratização do País, após a Segunda Grande Guerra Mundial; do monopólio da Petrobrás, da batalha travada em relação aos direitos humanos.

Fizestes ver a existência no mundo de um fermento político irrepresável e que a América Latina era pioneira em demonstrar às cúpulas governamentais da terra os ângulos de um espetáculo selvagem, onde as massas sociais são coagidas pela cupidez de algumas oligarquias que, por serem tão superadas, equivalem a um velho ossário político.

Conseguistes provar que o Brasil não deixa de ser um latifúndio nacional, que se espraia na imagem de um mapa humano desenhado pelo pauperismo e que as jazidas minerais convenientemente inacessíveis, em termos genéricos, e os escalões de gente descalça e de faces cavadas pela pobreza, compõem a amarga comédia da contradição.

Tivestes sempre a certeza eloqüente de que para se efetuar a desejada mobilização político-social de um povo não basta apelar para seu patriotismo ou para seu interesse pessoal; antes, é necessário, primeiro, formular um ideário de combate em que ele creia; e, depois, convocá-lo a fim de que interprete, na realidade e por seus próprios meios, aquilo em que crê.

Tendes demonstrado, nessa vossa longa caminhada de idealismo, que sociedade sem idéias de impulsão nem capacidade de ação e opção, é sociedade letárgica, mais vencida do que vencedora. E firmastes a convicção de que para se obter uma vitória, a primeira condição é a responsabilidade, e esta se mede tanto pela dignidade das idéias como das ações.

Assim é que jamais vos submetestes a pressões de interesses particulares contrariados nem a de grupos insensíveis ao interesse público, tendo deixado a política porque tivestes consciência de suas alternativas: ou um mandato glorioso ou o recolhimento ao lar.

Ao abandonardes o palco político, a tempo, verificastes que a política brasileira, na sua grande falta moral de hoje, a ninguém causa apenas impressão de assombro, mas também de profundo de-

sapontamento, a ponto de se poder proclamar que, na artificialidade em que está ela transformada, uma minoria acredita no que diz; um mínimo pensa no que faz e poucas realizam o que propõem.

Quanto às vossas credenciais literárias para mostrar o acerto da escolha dos vossos pares, nada mais óbvio do que o discurso de apresentação, há pouco magistralmente pronunciado, onde sobressai o vosso indiscutível talento e se destaca a vossa densa cultura.

A figura excelsa do vosso Patrono, D. Frederico Costa, 2º Bispo da Diocese de Manaus, teve o seu perfil traçado com perfeição, sem quebra da mais leve harmonia e sem concessão de qualquer monta. Dissestes, com acerto, da preocupação que teve ele em percorrer as vastidões de sua Diocese, sobretudo pelo Purus, Madeira e Rio Negro, de cujas viagens resultaram expressivas Cartas Pastorais e, também, infelizmente, uma pertinaz moléstia até o fim de sua vida.

Tão bem esmerilhastes a figura do escritor e do ser humano, que a mim nada restou para tecer considerações e, dessa maneira, prestar-lhe as homenagens de estilo.

Senhor Arlindo Augusto dos Santos Porto:

Acerco-me do término desta saudação. Quero fazê-lo invocando as palavras do presidente Oyama Cesar Ituassú, em solenidade como esta de agora:

> "A imortalidade a que hoje atingís nada é, nada tem com a serena certeza da precariedade da vida humana e ela reflete tão só a presença constante do homem de cultura no corpo de sua coletividade, a apontar o valor de cada um na contribuição que possa dar ao progresso das ciências. Nessa presença, muitas vezes, está a semente de idéias que irão frutificar no decurso dos períodos vindouros e, se não vicejam de pronto, porque a sua destinação tem vastidão maior a percorrer, mais tarde darão ensejo e agasalho para que se concretizem a favor da cultura".

Poderia eu dizer melhor?

Por isso mesmo, ao acentuar que vos receber em nome da Academia é mais do que uma honra e um privilégio, assinalo as duas últimas coincidências: a primeira é que, há dez anos atrás, quando ingressei eu nesta Academia, foi o Acadêmico Oyama César Ituassú quem, em belíssimo e inesquecível discurso, me deu as boas-vindas. E a outra, é que o Governador então recém-eleito, ausente do Estado, enviou um representante à soleni-

dade de minha posse. E quem era ele? – O mesmo que hoje está à frente dos destinos do Estado e presente à vossa entronização nesta Casa, também através de representante: o Governador Gilberto Mestrinho.

Vêde pois: quantas coincidências.

Será mesmo que tudo isso é obra de acasos ou de coincidências, como dizia eu ao começo desta oração e renovo neste instante? Será? Não, por certo que não. Prefiro ficar com a assertiva de que "não existem nem acasos nem coincidências; eles não passam de pseudônimos que Deus utiliza quando não quer assinar suas próprias obras".

Ante isso, quando vós salientastes as vossas convicções kardecistas, tive a sensação nítida de que foi Deus que vos trouxe até aqui, mãos entrelaçadas.

Poderia eu, portanto, finalizar estas minhas palavras com a exclamação habitual em solenidades que tais: Sede ben-vindo, Acadêmico Arlindo Augusto dos Santos Porto.

No entanto, é Nele amparado que corrijo a frase. ELE faz com que eu queira, possa e deva corrigi-la. Direi simplesmente, quebrando o protocolo:

Eu te saúdo, querido Amigo, dileto Compadre e estimado Irmão. A festa é tua, Arlindo.

DISCURSO DE POSSE*

Antísthenes de Oliveira Pinto

Permitam-me tecer umas sintéticas considerações a respeito de meu ingresso nesta entidade de cultura, cuja essencialidade, não há dúvida, tem muito em comum com o que foi dito, de maneira elegante e talentosa, pelo acadêmico Jefferson Péres, por ocasião de seu recente discurso de posse. Realmente, a nossa geração "madrugada", como ficou conhecida em nossa cidade, a partir de 1954, e posteriormente em outras capitais do país, composta de jovens preocupados com a renovação cultural amazonense, notadamente no campo da literatura e das artes, fazia sérias restrições ao academicismo reinante, às vezes com a iconoclastia e os exageros próprios da juventude. Mas, à medida que o tempo passava, que a autocrítica surgia, e que a necessidade da autoreflexão se tornava cada vez mais imperiosa, é evidente que o reconhecimento de certos valores, pertencentes à Academia Amazonense de Letras, alguns dos quais, indiscutíveis e, sobretudo, os sérios propósitos que sempre nortearam esta Casa, exerceram uma força poderosa sobre a individualidade "madrugadense", como diria o saudoso ficcionista Guimarães Rosa. Bastaria, destarte, como complementação a esta afirmativa, relembrarmos o ingresso no silogeu amazônico, em sucessivas oportunidades, dos confrades do Clube da Madrugada, Jorge Tufic, Elson Farias, Max Carpenthier, Alencar e Silva e Jefferson Péres.

Não obstante o exposto, cumpre-me a honra de salientar que, ao longo de minha vida de modesto escritor, fiz amizades muito sólidas com figuras exponenciais da Academia Amazonense de Letras e com as quais os diálogos literários mantidos eram sempre indispensáveis, tais como Américo Antony, Nunes Pereira, Ramayana de Chevalier, Djalma Batista, Ulysses Bittencourt, Pe. Nonato Pinheiro, sendo que este último, até o momento presente, nunca deixou de me

* Discurso de posse do Sr. Antísthenes de Oliveira Pinto na cadeira nº 27 , cujo patrono é Tavares Bastos, em 3 de setembro de 1993.

estimular para que eu continuasse o difícil e, às vezes, amargo labor de escritor.

Em decorrência de tudo isso, e mercê dos votos dos ilustres membros desta nobilitante instituição cultural, aqui estou, nesta tribuna, para cumprir o primeiro dever estatutário; e oxalá possa, com denodo e humildade, ao lado dos meus pares, seguir trabalhando em defesa da cultura brasileira (por que não universal?), notadamente a que vem sendo exercida em nossa terra: o Amazonas.

Senhor Presidente, Senhores Acadêmicos, chegou o instante em que me é dado o dever de falar sobre a personalidade de meu patrono na Academia Amazonense de Letras: Aureliano Tavares Bastos. E eu o faço com grande alegria, pois após a leitura parcial de sua obra, à apresentação deste pálido discurso, eu indagava e repetia a mim mesmo: "foi necessário, então, que o destino me levasse para a Academia, a fim de que eu tomasse conhecimento dessa figura fantástica que tantos e notáveis serviços prestou ao Brasil, na segunda metade do século passado?". É óbvio que sim. Tavares Bastos, nascido em Alagoas em 1839 – terra do grande Graciliano Ramos – e falecido em Nice, sul da França, em 1875, de vida curta, portanto; aos 19 anos concluía o seu curso de direito (1858) na Faculdade de Direito de São Paulo e um ano depois doutorava-se na mesma cidade.

"Não escolheu para sua tese – salienta Carlos Pontes, um dos seus biógrafos – um assunto teórico, de fácil sedução: voltava-se para as questões práticas, de aparência árida, em que se revelavam as inquietações do estadista futuro. Versava ele os seguintes motivos: "Sobre quem recaem os impostos lançados sobre os gêneros produzidos no país? Sobre o produtor ou sobre o consumidor? O que sucede quanto aos gêneros importados e exportados?".

É evidente que a precocidade de Tavares Bastos era realmente incomum. Aos vinte e dois anos, o jovem alagoano, já representando a sua província na Câmara dos Deputados, em plena Corte, e tendo por companheiros José Bonifácio – O Moço, Félix da Cunha e o romancista José de Alencar, entre outros valores, fez-se admirar e respeitar não só pelos seus pares, por toda a imprensa do Império, como, também, dos principais jornais do exterior, principalmente os dos Estados Unidos, da Inglaterra, da França e da Alemanha. Como é notório, Tavares Bastos, ao discursar da tribuna do Parlamento, não despertava só a admiração e encômios, existiam (e quando deixarão de existir?...) aqueles parlamentares, seus adversários, que não entendiam as idéias do orador e só percebiam mesmo o porte físico de Tavares Bastos (que na realidade era mesmo de baixíssima esta-

tura, à semelhança de outros gênios de que a historicidade está cheia). E os adversários medíocres, alguns até mesmo imbecilizados, diziam disparates e grosserias próprios desses tipos que lamentavelmente até hoje formam a grande maioria de nossos parlamentos.

"Imbuído desta certeza de um futuro inevitável, que deveria ser apressado, como o parto do tempo, pela mão do homem – registra Evaristo de Moraes Filho, no seu importante livro *As Idéias Fundamentais de Tavares Bastos* –, faz da imprensa, da tribuna e do livro os seus instrumentos de pregação das reformas necessárias, mas o faz com espírito prático e tanto quanto possível objetivo. O seu método é o admitido por muitos cientistas sociais contemporâneos, o método reiterativo, no qual se empregam, ao mesmo tempo, a análise sincrônica e a análise diacrônica. Como no circunlóquio didático, vai e volta sobre o mesmo ponto, aprofundando-o cada vez mais e o considerando sob ângulos diversos até esgotá-los. É uma repetição necessária, esclarecedora. O fato a ser exposto é analisado em sua formação histórica (diacronia), para logo depois ser estruturalmente analisado na sua contemporaneidade (sincronia). O velho e o novo se cruzam e se chocam, na contemporaneidade dos não coetâneos, daí a presença constante do *ainda,* do *aqui* e do *agora,* na sua análise. Bastam dois trechos bem significativos dessa sua perspectiva: como todas as grandes idéias, essa faz o seu giro à roda do mundo: pertence-lhe o futuro. E depois, antecipando-se a uma frase que viria a constituir um dos preceitos da Escola de Recife, em Tobias Barreto e Sílvio Romero: "estamos caminhando para a época da análise, que é a idade viril das nações."

O extraordinário político e escritor Tavares Bastos, tanto da tribuna, da imprensa (seus artigos eram objetivos e contundentes), como através de seus livros, espalhava suas idéias, tendo a liberdade como peça fundamental, objetivando como resultado último, o bem do povo brasileiro. A emancipação do trabalho servil, dando como substituição o trabalho livre; a reforma da educação em todos os níveis; a descentralização do poder, tanto administrativa como política; a abertura dos portos do Amazonas à navegação das nações amigas; o incremento real da imigração; o incentivo à comunicação através de novas vias; as reformas urgentes da guarda nacional e da polícia; reforma igualmente do processo eleitoral e da magistratura, incluindo a pregação da liberdade religiosa, eis alguns temas que apaixonavam Tavares Bastos no dia-a-dia. Grandes nomes de escritores brasileiros admiravam-no de forma inconteste e disso deram testemunhos para os

pósteros. Eis alguns deles: Ruy Barbosa, Rio Branco, Quintino Bocaiúva, Salvador de Mendonça, José Carlos Rodrigues, Euclides da Cunha, Oliveira Lima, José Veríssimo, Gilberto Amado, Múcio Leão, Rodrigo Otávio, pai e filho.

> "Espírito livre – salienta às páginas 24 ainda Evaristo de Moraes Filho, no livro sob enfoque – adversário do preconceito e do atraso, viveu e consumiu-se Tavares Bastos num só ideal: tirar o Brasil do subdesenvolvimento em que se encontrava, trazendo-lhe uma ideologia de renovação e de esperança. Se pecou foi por excesso de suas virtudes. Hoje, à distância, se compreende melhor a sua mensagem de liberdade e de progresso, quando já não encontram mais propósito as injúrias e as calúnias de que foi vítima ainda em vida, apodos esses que ele próprio se incumbia de difundir para desgastá-los e desmoralizá-los. Nenhum deixou de ser registrado e repetido em seus artigos, livros e discursos."

Senhor Presidente, Senhores Acadêmicos, há poucos dias, conversando com os jovens engenheiros Nelson Neto e Pedro Castro de Albuquerque, meus confrades do Clube da Madrugada e, respectivamente, ex e atual administrador do Porto de Manaus, dizia-me Nelson: "Nós somos portuários e o seu patrono na Academia, escritor Tavares Bastos, foi um dos principais responsáveis para que ocorresse a abertura dos portos em nossa região. Que bom, hein?", concluía ele, bonacheirão. E aí trouxemos à baila várias passagens da vida do grande brasileiro, cuja obra, há muito esgotada, (vejamos os títulos: "Os Males do Presente e as Esperanças do Futuro" "Cartas do Solitário", "O Vale do Amazonas", "A Província", "A Situação e o Partido Liberal", "Reforma Eleitoral e Parlamentar", "Constituição da Magistratura" e "Discursos Parlamentares"), praticamente, é desconhecida da quase totalidade do povo brasileiro. É uma pena, pois trata-se, insofismavelmente, de um trabalho sério, fecundo, de um espírito superior, muito bem escrito, de idéias importantíssimas, muitas das quais aproveitadas e que certamente abriram as melhores perspectivas para a nossa história republicana.

O saudoso amazonólogo e um dos membros destacado desta Academia, Arthur Cezar Ferreira Reis, prefaciando a 3ª edição de "A Província," registra com muita sensibilidade:

> "A literatura que revesasse a existência de pensadores políticos

era, não esqueçamos, muito pequena. Nos debates no Parlamento, encontramos peças magníficas que importavam em reconhecer a existência desses pensadores que, no entanto, não traziam para o livro o conteúdo de suas afirmações e reflexões. Um dos poucos que não se arreceiaram de tornar mais públicas, pelo livro, o que concebia e o que sustentava para o aperfeiçoamento do regime e o melhor encaminhamento dos assuntos nacionais, chamava-se Aureliano Cândido Tavares Bastos".

E prossegue o insigne historiador amazonense:

> "Nas Cartas do Solitário", como antes em "O Males do Presente e as Esperanças do Futuro", e ainda em "O Vale do Amazonas", inscrevera-se entre os poucos que não se arreceiaram de trazer a sua contribuição na análise dos grandes temas que marcavam o processo político-ideológico imperial, abordando-os com largueza de vistas, profundidade, objetividade, não se perdendo em considerações vagas, timidez, hesitações ou preocupação de sensacionalismo. Em linguagem severa, que não admitia interpretações cavilosas, propunha os assuntos, examinava-os e sugeria as soluções corajosamente, indiferente aos que, combatendo-lhe as atitudes, teimavam em não aceitar as verdades que enunciava. Fora assim naqueles livros candentes mas úteis."

Em "A Província" – estudo sobre a descentralização no Brasil, editado em 1870, pela Garnier, posteriormente, em 1939, na coleção brasiliana, da Editora Nacional, e agora em 3ª edição, em coedição com o Instituto Nacional do Livro, vamos encontrar o publicicista-analista, vigoroso, seguro, erudito, realista e, como sempre, com sentimento de brasilidade impressionante.

Na mesma obra, há a crítica a todo sistema em vigor e a exigir modificações. Como prevenira de início: "Os que desejam a eternidade para as constituições e o progresso lento para os povos, os que são indulgentes, moderados, conciliadores, escusem folhear este livro".

Realmente, o livro fora elaborado para propor o que era precioso reformar, de maneira que o Império se renovasse e se realizasse com mais vigor e mais realismo. A tese fundamental era a de autonomia que só poderia ser alcançada, efe-

tivamente, em seu entender, com a adoção do federalismo, portanto, a descentralização, que levaria a uma autonomia essencial, urgente, a ser completada com a redivisão territorial.

Tavares Bastos, nesse particular, compreensivo ao quadro natural e ao quadro humano do país, que ele conhecia porque a ele fora, não sendo assim, um exegeta de gabinete, era um autêntico geopolítico, como seria depois Alberto Torres. Sugeria, como bom geopolítico, a redivisão territorial do Império, criando-se novas Províncias e Territórios. O exame, para simplificar, do que ele denominava "interesses provinciais", em termos de reconhecimento da organização do Brasil, dos problemas de cada Província, da verdade irrecusável de que compunhamos um país marcado pelas diferenças das várias áreas que o integravam e precisavam ser admitidas para que pudesse haver a harmonia nacional, deixando de ocorrer os desníveis prejudiciais e perigosos à própria integridade nacional, é um exame admirável do que importavam, como ainda importam, essas diferenças e esses interesses. Lembrava, então: "dizei se a integridade de um Estado igual a três quartas partes da Europa pode subsistir senão à sombra de uma política, que indenize as Províncias dos sacrifícios que fazem à união. Poderá, porém, resistir muito tempo à ação das duas causas isoladoras, a desigualdade de tratamento e a centralização?"

E conclui Arthur Reis:

> "A edição deste livro é, portanto, oportuna, pelo que ensinou, pelo que propôs, pelo que provocou. Com a implantação da República, sob forma federativa, e a nova política que adotamos, e nos garante potencialidade com o fim dos desníveis regionais, que ele apontara com tanta ênfase, como um dos responsáveis pela ascensão lenta e perigosa do Brasil, reconheçamos, muito do que constitui o pensamento realista de Tavares Bastos está sendo alcançado. Ele foi pensador político, mas pensador político que não se deixava envolver pela temática abstrata, porque suas reflexões surgiram do exame do que era real na vida do Brasil".

Concluindo, Sr. Presidente, Senhores Acadêmicos, cumpre-me em obediência às normas tradicionais da instituição, tecer ligeiro comentário a respeito dos intelectuais que me antecederam na cadeira nº 27. E eu o faço lamentando, sinceramente, a falta total de dados com que me deparei –, é oportuno frisar. E neste particular, permito-me louvar a atitude do

Presidente Oyama Ituassú, que vem exigindo dos novos acadêmicos, os seus curriculuns e as suas obras, para o arquivo da Academia, cuja inestimável valia será, sem dúvida, reconhecida, sobretudo pelos futuros confrades.

Pela ordem cronológica, cito os acadêmicos: Virgílio Barbosa, Washington Melo e João Pereira Machado Júnior. Três ilustres conterrâneos. O primeiro, sei apenas que foi um dos fundadores da Academia. Quanto ao segundo, Sr. Washington Melo, foi tabelião durante muitos anos, exercendo ainda as funções de Chefe de Polícia do estado. Com relação ao terceiro, Sr. João Pereira Machado Júnior, estou informado que foi eleito, mas não tomou posse nesta Casa, por razões que desconheço. Exerceu a magistratura, iniciando a carreira como promotor de justiça em Coary; a seguir, como juiz de direito em Parintins e Humaitá e, posteriormente, aqui na Capital; e desembargador, por merecimento, no final da década de 1940. Foi presidente, inclusive, do Tribunal de Justiça do Estado. Todos eles, certamente, tiveram os seus méritos e participaram da vida cultural amazonense, embora não tenham publicado livros. Viveram nesta Casa e merecem nossa homenagem.

Senhores Acadêmicos.

Ingresso hoje neste sodalício e aqui me ponho pronto a colaborar, dentro de minhas possibilidades, para o engrandecimento da Academia Amazonense de Letras.

DISCURSO DE RECEPÇÃO*

Elson Farias

Senhor Presidente
Senhores Acadêmicos

Militante dos movimentos de agitação artística registrados no Amazonas nos últimos anos, *Antísthenes Pinto* sempre se mostrou trabalhador intelectual incansável, em permanente inquietação criadora, insatisfeito ao elaborar a linguagem artística, descontente com as formas desgastadas pelo uso, recusando-se a admitir o trivial, em benefício do novo, do inédito, do original.

Sua formação deu-se no batente da luta diária na imprensa. Em Manaus, foi repórter de *A Tarde, Jornal do Comércio, O Jornal* e *A Crítica;* no Rio de Janeiro, repórter e redator de *A Noite, Diário de Notícias, Tribuna da Imprensa, Jornal do Brasil e Correio da Manha.* Aí, também, desenvolveu a sua atividade de escritor, colaborando, regularmente, nos suplementos literários dos periódicos amazonenses e nos da *Folha do Norte, de Belém,* e do *Jornal do Brasil.*

Com sua atividade intelectual, tem granjeado honrarias como as conferidas pelos prêmios do Governo do Estado do Amazonas, da Prefeitura de Manaus e da Suframa e o ingresso a instituições culturais como o Clube da Madrugada, de que foi Presidente por três períodos, a União Brasileira de Escritores, secção do Amazonas, a Academia Internacional Pré-Andina de Letras e o Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro.

Exerceu funções em órgãos culturais no Estado, como representante do Instituto Nacional do Livro, em Manaus, Superintendente Cultural do Amazonas, Diretor de Cultura e Promoções da Prefeitura de Manaus e membro dos Conselhos Estaduais de Cultura, de Turismo e do Patrimônio Histórico. No presente momento está investido das funções de Diretor do Museu do Porto.

A obra literária de *Antísthenes Pinto* é numerosa e de ampla fortuna crítica. Está distribuída em dezoito

* Discurso de recepção ao acadêmico Antísthenes de Oliveira Pinto, proferida pelo acadêmico Elson Farias, no dia 3 de setembro de 1993.

volumes, reunindo poemas, romances, novelas e contos, ensaios literários e crônicas, e dois inéditos, um de ensaios, outro com uma peça de Teatro.

Sua prosa pode ser examinada sob três ângulos: a prosa corrente da crônica, a registrar fatos e episódios do cotidiano, destinada à leitura nas colunas dos jornais e dirigida a consumidor eclético; a prosa do ensaio, lavrada em estilo claro, porque a clareza parece constituir a maior virtude do gênero, numa preocupação vocabular mais cuidada, porque dirigida a público, mais especializado e, por isso, mais exigente; e a prosa de ficção, com que construiu os romances, as novelas, os contos.

Em teoria, a natureza do prosear do ensaísta e do cronista está definida, como definida está a do prosear do ficcionista.

Conforme conclui-se da leitura de seus livros, ao defrontar-se com o mistério da folha de papel em branco, *Antísthenes Pinto* dispôs-se, conscientemente, a compor a escrita do ensaio, da crônica e do romance. Porque a postura do ensaísta e do cronista isenta o autor de participar como agente criador do universo abordado. O ensaísta e o cronista como que vêem os acontecimentos de fora e os analisam sem maiores comprometimentos existenciais. Há quem situe a crônica nos domínios do puro jornalismo e não considere o ensaio gênero literário, a não ser pela simples razão de resultar num produto do labor com as letras.

Na prosa de ficção, ao contrário, o criador compromete-se com o mundo criado, e, o texto, em não ser veículo de manifestação de um raciocínio, de um ponto de vista, de um juízo, funda-se na linguagem que passa a existir em si mesma, organicamente. Na prosa de ficção o texto é mais fim do que meio.

Na esfera do ensaio e da crônica a prosa de *Antísthenes Pinto* se confunde. Em *Os quelônios do Carabinani* e *Os garis das alturas,* cuida de assuntos gerais, na maior parte sedimentados nas argamassas da memória, a restaurar pessoas, paisagens e sentimentos que marcaram a sua personalidade; em *Literatura: novos horizontes e Oito poetas amazonenses,* que ele chamou de *impressões de leitura,* o tema é a literatura em si mesma. Afora o *Oito poetas amazonenses,* em que estuda, mais detidamente e em páginas de maior fôlego, poetas contemporâneos, os outros livros situam-se nos limites do ensaio e da crônica, se considerarmos o ensaio na linha de Montaigne, dedicado a oferecer uma reflexão sobre variados assuntos, obras de arte, literatura, pessoas, paisagens e coisas.

Sua produção ficcional

caracteriza-se por temática intermediária entre a vida do homem na cidade e dos que vivem às margens dos rios amazônicos, sem confundir-se, nem aqui, com um autor regionalista, até quando assimila palavras e expressões tópicas, consagradas pelos falares cotidianos do homem ribeirinho.

No bulício das figuras que seus romances enfeixam, surge-nos, de corpo e alma, sangue e espírito, música e sentimento, personagens universais, forjados na veridicidade de uma região rica em beleza humana, excessivamente múltipla e apta a se submeter às ações reservadas aos processos de mudança.

Tal atmosfera perpassa o nosso espírito quando da leitura da novela *Chavascal* e dos romances *Terra Firme, A solidão e os anjos* e *Várzea dos Afogados*. Agora, Antísthenes Pinto aborda a temática de motivos amazônicos, da vida nos seringais dos altos rios e nas cidades e vilas que debruam, de longe em longe, as ourelas que se tecem às margens da calha central do Amazonas e de seus inúmeros afluentes e paranás, igarapés e lagos.

Nas novelas *Os agachados e Porão das Almas* e nos volumes de contos intitulados *Os suicidas* e *É proibido perturbar os pássaros,* ocupa-se em fixar os dramas, pequenos e grandes, que pululam nos aglomerados urbanos, as agonias e as angústias, os sortilégios da deambulação noturna pelas ruas, pelas praças, pelos bares de cidades em que viveu, freqüentemente, Manaus, onde tem passado a maior parte dos seus dias.

Arrisco-me a expender uma opinião mais judiciosa ao considerar a novela *Porão das almas*, o ponto de sua obra destacado, pela tensão da linguagem madura, a fabulação verossímil e os momentos em que logra alcançar as regiões do sublime.

Senhor Presidente,

Senhores Acadêmicos

A prosa de ficção assemelha-se à composição poética, na medida em que exige do autor a transposição da realidade, qualquer que seja ela, a realidade geográfica, a realidade humana, a realidade divina. Se na ensaística o escritor divulga idéias, na prosa de ficção ele cria novos universos, habitados por seres de carne e osso a se confundir com os próprios viventes. Certa vez ouvi a confidência de alguém que ao andar pelas ruas da parte antiga da cidade do Rio de Janeiro de quando em vez tinha a impressão de que iria deparar-se com algum tipo saído das páginas de *Machado de Assis,* tal a magia da pena do maior escritor brasileiro de todos os tempos ao criar os seus personagens.

No ato de recriação da realidade,

o poeta passa a participar dos sistemas de transformação dessa mesma realidade nos rumos de sua melhoria. Enfim, toda obra de arte, qualquer que seja ela, a música, a dança, a pintura, visa melhorar o mundo e aperfeiçoar a engenharia das relações sociais, falando aos arcanos da sensibilidade e da estesia.

A obra poética de *Antísthenes Pinto*, apresenta dois momentos bem marcantes em seu fazer literário: a conquista do verso livre e a libertação da palavra no contexto do poema.

O poeta viveu um período de intensa ebulição cultural, quando um grupo de jovens decidiu aglutinar-se para se exercitar nos afazeres da poesia, abordando, reiteradamente, os temas eternos do amor e da morte, da solidão e da fraternidade, com um toque de humor necessário à realização do bom poema.

Os seus livros de poesia *Sombra e asfalto, Ossuário, A rebelião dos bichos, Angústia numeral* e *Curvas do tempo*, mais tarde recolhidos em *Poesia Reunida,* demonstram os passos de uma caminhada longa, porque de poesia foi o seu livro de estréia e a poesia talvez lhe tenha proporcionado os momentos de maior alegria na existência.

Seus poemas denotam traços da paisagem amazônica, sem, contudo, constituir-se-lhes tais aspectos motivo essencial, porque, em verdade, nos seus versos estão em jogo os rios do próprio destino de homem comprometido com o seu tempo.

Mais do que qualquer outro momento, modernamente, a concepção de poética passou a envolver a todas as formas de concepção da arte. Houve passagens desse tempo em que na literatura predominou o gosto da música na composição de um bom texto, em prosa ou em verso. A esse período da história das letras chamou-se de Simbolismo, em que se valorizou, ao extremo, o sentido do som, da melodia, do ritmo.

Permiti que transcreva o passo de uma página do mestre *Péricles Moraes,* que, ao professar um longo e profícuo ministério nesta casa, foi, também, um dos mais nobres divulgadores do Simbolismo entre nós, sendo, ele próprio, uma de suas mais notáveis figuras na prática da nova estética, nos domínios da prosa. Escreveu ele, na abertura de sua obra de estréia, *Figuras & Sensações,* um belo ensaio sobre *Camille Mauclair,* quando afirma: "A música é uma religião. A mais emotiva de todas, a mais espiritual, a mais penetrante, a mais estética. Sem música não há expressão, sem expressão não há ritmo, sem ritmo não há vida. O ritmo é a alma vibrátil e intangível das essências divinas. Ritmo é medida, ritmo é intensidade, ritmo é movimento, ritmo é

harmonia, ritmo é emoção, ritmo é sentimento. O sentimento rítmico em ação realiza uma projeção maravilhosa – a música, a mais fluida de todas as artes." Mais adiante prega o nosso grande escritor: "O ritmo é a cor, o ritmo é a imagem, o ritmo é a perpétua criação." Proclama, ainda, linhas à frente: "A pintura, a escultura, a arquitetura nascem do ritmo, que é, conjuntamente, uma espécie de transubstanciação íntima e universal que faz toda a poesia".

Pois bem, em passado recentíssimo floresceu um movimento com designações diferentes, que objetivava concentrar o poema no âmbito de suas linhas visuais, aproximando-o, intimamente, das artes plásticas.

O movimento batizou-se de concretismo e neo-concretismo, repercutindo em Manaus, entre jovens do Clube da Madrugada, que, por ser uma instituição liberal, abrigando no seu seio tendências das mais variadas nos terrenos da política, da religião e até da estética, chamou a atenção dos seus pares, destacando-se, entre os mais entusiastas, o poeta Antísthenes Pinto. A maior parte de sua obra poética é marcada pelos princípios da valorização do lado plástico, do desenho gráfico, do espaço em branco, na composição do poema, diferentemente do que ocorrera com os artistas de expressão simbolista, tão celebrados por *Péricles Moraes.* Para estes poetas o verso deveria revestir-se, como diria Cruz e Souza, de "estranhas vibrações sonoras."

O mestre Péricles estava coberto de razão quando, arrebatado, moveu-se de entusiasmo pelo ritmo e pela música, porque a poesia, está comprovado, nos primórdios da história do homem, nasceu junto com a dança e com o canto. Têm razão, também, os teóricos do concretismo, e o autor de *Ossuário* quando projeta no poema o aspecto plástico da palavra e seu contexto na folha de papel em branco, porque, no princípio da história da comunicação humana, as mensagens foram fixadas nos desenhos rupestres, como se fossem poemas concretos.

Poeta Antísthenes Pinto

Esta Casa, ao recebê-lo, em nome de quem tenho a honra de saudá-lo nesta noite, por suas qualidades de cidadão e de artista, cumpre um dos ideais que coroam o sentido, a razão de ser das Academias de Letras, que não têm outro objetivo senão o de reunir homens e mulheres que acreditam nos valores do espírito e crêem no poder transformador da arte.

Muito Obrigado!

DISCURSO DE POSSE*

José Jefferson Carpinteiro Péres

Senhoras e Senhores. Autoridades,

O cenário é o mesmo. Quase não mudou. Por isso, nesta noite, é muito forte, em mim, a sensação de um retorno no tempo, para me ver, adolescente ainda, neste mesmo recinto, que tantas vezes freqüentei, no qual eu ingressava com a mesma unção de um devoto na catedral. Parece que ainda vejo, na presidência, a figura hierática de Péricles Moraes, a imantar a todos com sua palavra, haurida com encantamento pelos seus enleados ouvintes. Já não se viam, a ladeá-lo, outros gigantes, seus contemporâneos, como Adriano Jorge, Leopoldo Péres e Huáscar de Figueiredo, então recentemente falecidos, mas cujos nomes ainda repercutiam em nossa memória com um sentido quase místico. Ainda aqui se encontravam, no entanto, outros nomes consagrados como João Leda, Djalma Batista e Aristóphano Antony, o vernaculista, o cientista e o articulista que nos encantavam com suas lições de bem escrever nas páginas da imprensa local.

Composta de vultos tão eminentes, não é de admirar que esta academia exercesse sobre os jovens da minha geração um fascínio destituído de senso crítico, próximo da adoração. Um deslumbramento que não era apenas da juventude, mas de toda a comunidade, à época.

Em meu livro de reminiscências, dedico ao assunto um capítulo inteiro, do qual me permito transcrever um pequeno trecho.

> "A cidade possuia, naturalmente, seus monstros sagrados. Aliás, chamados pelo povo simplesmente de monstros, termo que, na gíria de então, representava o máximo de elogio. Era aplicado a todos aqueles que tinham uma atuação considerada genial em qualquer atividade, fosse um jogador de futebol ou um cantor. Mas a

* Discurso de posse do Sr. José Jefferson Carpinteiro Péres na Cadeira nº 8, cujo patrono é Torquato Tapajós, em 03 de junho de 1993.

admiração maior, embevecida e respeitosa, ia para os homens de letras. Cultuados como monumentos vivos, eram saudados nas ruas, com reverência, e apontados como celebridades. O anúncio de uma conferência, a ser proferida por um deles, era garantia de sala cheia, e no dia seguinte o pronunciamento era o assunto da cidade. O mesmo acontecia com seus artigos e poemas, publicados na imprensa, que rendiam aos seus autores momentos de glória, ao receberem uma chuva de cumprimentos, partidos até de desconhecidos. Todos eles pertenciam à Academia Amazonense de Letras, o grande templo do saber, no qual entrávamos como se estivéssemos indo participar de um culto religioso. Desde criança me habituei ao contato com aqueles expoentes. De perto ou de longe, conheci-os todos e deles guardo as mais diferentes impressões. (...) O último dos monstros sagrados a desaparecer foi Ramayana de Chevalier, já nos anos setenta, doente e auto-exilado no Rio de Janeiro. Muito antes havia ocorrido o crepúsculo dos deuses, com o fim de uma era em que a sociedade, reverente, cultuava seus intelectuais como figuras do Olimpo".

Não há exagero algum. Era assim que nós os víamos. E não preciso dizer que, para os jovens com veleidades literárias, como eu, constituía um sonho tomar assento ao seu lado, neste plenário. Ou assim foi, durante algum tempo. Porque, passada a fase de encantamento acrítico, a minha geração ingressou, quase sem transição, num período de feroz iconoclastia.

Foi quando surgiu o Movimento Madrugada, com a fundação do clube do mesmo nome, que tinha como bandeiras a renovação de valores e o rompimento com os cânones acadêmicos em literatura e arte. Nascia como reação à apatia e ao conservadorismo prevalecentes em nosso meio cultural, à época, marcada por escassa produção artístico-literária, tradicionalista tanto na forma como na temática. Estávamos em meados dos anos cinqüenta e a maioria dos nossos intelectuais ainda não tomara conhecimento dos movimentos renovadores que predominavam na Europa e nos Estados Unidos desde o início do século e, no Sul do país, a partir da Semana de Arte Moderna de 1922.

Não é este o momento para analisar o importante papel desempenhado

pelo Clube da Madrugada, no processo de renovação das letras e das artes, no Amazonas, em seus quase quarenta anos de existência. Faço a referência apenas para salientar que a mensagem renovadora daquele movimento logo empolgou a maioria dos intelectuais da minha geração, que em pouco tempo romperam com os padrões dominantes. Tornou-se inevitável uma atitude de rejeição à Academia, encarada como símbolo desses padrões ultrapassados e baluarte da resistência à renovação.

Foi assim que passei rapidamente do alumbramento à indiferença quase hostil em relação a esta instituição, ao perder-se o antigo fascínio que exercera sobre mim. Operou-se, assim, uma transição brusca, de um extremo a outro, sem fase intermediária, mas que o tempo foi abrandando até fazer renascer lentamente o interesse pela casa e o desejo de nela ingressar.

Para repetir a indagação machadiana: mudaria o Natal ou mudei eu? Creio que todos mudamos: eu, a Academia e o próprio mundo. De minha parte, o acúmulo de experiências vividas me foi tornando cada vez menos pejado de certezas e mais carregado de dúvidas, por isso mesmo muito mais liberal e tolerante em relação aos outros, rendido à constatação óbvia de que o princípio basilar de convivência em sociedade é o respeito às idéias, aos gostos e às preferências alheias. Chamem a isto amadurecimento ou envelhecimento, o nome não importa.

Por seu turno, a Academia, até pelo processo natural de renovação dos seus quadros, sem perder suas características, também se transformou, tornando-se mais democrática em sua tomada de decisões, menos preconceituosa em suas avaliações, mais eclética em sua composição, e mais aberta e receptiva aos ventos que sopram de todos os quadrantes. Com isso, desapareceram as reservas que eu antes lhe fazia.

Quanto ao mundo, parece-me desnecessário falar das transformações materiais e culturais ocorridas nesta Segunda metade do século, com tal profundidade e velocidade, que permitiram às pessoas da minha geração se tornarem espectadores privilegiados da História. Como não poderia deixar de ser, partes que são do processo histórico, as artes e a literatura sofreram igualmente mudanças substanciais, tanto nos padrões estéticos, quanto nas atitudes e valores de escritores e artistas. Em conseqüência, ao contrário do que acontecia no passado, vivemos num mundo quase anárquico, no qual as fronteiras se diluem e a produção cultural se processa liberta da tirania das escolas, das regras e dos rótulos.

Por tudo isso, estavam

desobstruídos, desde algum tempo, os caminhos que me conduziriam ao seio desta entidade. Este encontro não ocorreu antes pela minha inelutável decisão de não postular o meu ingresso nesta instituição, da mesma forma como procedi em relação a todas as outras a que pertenço. Uma atitude ditada pela relutância, em mim invencível, de pedir em meu favor, ao risco de causar constrangimento a quem recebe o pedido. Nada me incomodaria mais do que tomar assento aqui conduzido por votos dados porventura a contragosto. Era, portanto, uma decisão inarredável: só apresentaria minha candidatura, em cumprimento ao estatuto desta casa, se daqui partisse, previamente, manifestação explícita, a traduzir a vontade consensual dos seus membros na aceitação do meu nome. E foi assim realmente que aconteceu, quando recebi a convocação feita pelo atual presidente, Oyama César Ituassú da Silva, de quem tive o privilégio de ouvir aulas inesquecíveis no curso de ciências jurídicas da minha querida Faculdade de Direito, já lá se vão tantos anos. Num convite formulado em tom irrecusável, me foi sugerido concorrer à poltrona nº 8, que tem como patrono a figura de Torquato Tapajós e, como antecessor, Mavignier de Castro, a respeito dos quais falarei um pouco, a seguir, em obediência à norma estatutária e à tradição vigorantes nesta casa.

O Patrono

O amazonense Torquato Xavier Monteiro Tapajós, hoje quase esquecido, viveu no século passado e se consagrou como um dos maiores engenheiros sanitaristas dos país em seu tempo. Pertencente a uma ilustre família de nossa região, era filho do coronel Francisco Antônio Monteiro Tapajós. Seu pai, genearca do clã, nascera apenas Monteiro, de boa cepa lusitana. O topônimo Tapajós foi incorporado como sobrenome, posteriormente, por concessão do Imperador D. Pedro II, em reconhecimento aos seus méritos conquistados no campo de luta. É que Francisco Antônio, riquíssimo comerciante do Baixo Amazonas, deu considerável apoio material e financeiro às forças legalistas na Guerra da Cabanagem. Foi graças a uma de suas embarcações, convertida em belonave, que as tropas imperiais puderam infligir esmagadora derrota aos rebeldes, na cidade de Tapajós, hoje Santarém, no rio do mesmo nome. Daí a origem da notável estirpe,à qual pertencem tantos descendentes, muitos dos quais ainda hoje enobrecem a nossa comunidade.

Torquato Tapajós não era homem de letras, mas um técnico, formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Não um engenheiro qualquer, entregue às atividades rotineiras de sua profissão, mas

um cientista e pesquisador, que realizou e publicou estudos alentados de natureza tecno-científica. São de sua lavra, dentre outras, as seguintes obras: "Eletrólise das águas do mar", "Limites Pará-Mato Grosso", "Saneamento de São Paulo", "Estudo sobre Campos", "Saneamento do Rio de Janeiro", "A climatologia da Amazônia", "Higiene de Niterói" e, finalmente, "O vale do Amazonas", este último, no dizer de Agnello Bittencourt, de quem extraí estas informações, um trabalho ainda não superado, apesar de todo progresso da ciência geográfica.

Ao se exaltar a obra de Torquato Tapajós, não se está assumindo a postura ingênua e provinciana do passado, na forma de elogio imerecido aos amazonenses que supostamente "se distinguiram lá fora". Longe disso, ele efetivamente se distinguiu, com inegável mérito, como um dos nomes mais eminentes no campo do sanitarismo em nosso país. A tal ponto que, não sendo médico, foi laureado com o diploma de membro da Sociedade Nacional de Medicina. Não deixa de ser singular que, no Brasil do século XIX, no qual as profissões de maior prestígio se localizavam no âmbito das humanidades, um jovem oriundo de longínqua região periférica tenha enveradado, com êxito, por uma carreira vitoriosa nos domínios das ciências exatas.

Um feito realmente marcante de um conterrâneo ilustre, que não se encontra hoje inteiramente esquecido porque batizadas com o seu nome uma praça pública e a estrada Manaus-Itacoatiara, esta graças à iniciativa do historiador Arthur Cézar Ferreira Reis ,quando governador do Estado. Creio, porém, que os governantes locais prestariam um serviço mais útil à sua memória se providenciasse a reedição de algumas de suas obras. Seria a maneira mais correta e inteligente de homenagear um amazonense que inquestionavelmente dignificou a terra em que nasceu.

O Antecessor

Diferentemente do patrono desta cadeira, seu último ocupante, Mavignier de Castro, foi acima de tudo um homem de letras, sem formação científica, dedicado ao ofício de escrever. Conheci-o pessoalmente e tive com ele um relacionamento agradável, não obstante a enorme diferença de idade que nos separava, mas que não impediu uma superficial amizade feita de conversas de bar e de esquina. Trago ainda hoje, bem nítida, sua imagem na retina. Alto ,magro, recurvo, pele terrosa, ar tristonho, sempre de paletó e gravata, cigarro eternamente entre os dedos, relembro-o sem nenhum esforço de memória, mesmo passados tantos anos. Já o conheci aposentado do serviço público,

embora ainda exercendo atividades na imprensa, a ocupar suas horas de ócio, diariamente, no espaço físico predileto dos intelectuais da terra ,à época, um triângulo compreendido entre o Bar Avenida e os Cafés Leão de Ouro e Baratinha, na Avenida Eduardo Ribeiro e ruas adjacentes.

Discreto e reservado, pouco falava de si mesmo. Por informações de terceiros, vim a saber que vivera alguns anos na Europa, mais exatamente em Paris, onde completara seus estudos de humanidades. De regresso ao Amazonas, passou mais de duas décadas no interior, ocupando os cargos de prefeito e promotor de justiça em diferentes municípios, fixando-se mais tarde na capital, onde exerceu o magistério e o jornalismo. Conseguiu, assim, o que me parece a conjugação feliz de um necessário verniz de civilização européia aliado a uma larga e indispensável vivência da realidade amazônica.

Mavignier incursionou, com igual desenvoltura, tanto na poesia quanto na prosa. Na primeira, limitou-se a algumas dezenas de sonetos, de cunho simbolista, publicados em jornais e revistas, esporadicamente. Foi sem dúvida um poeta menor, cuja obra não deu contribuição significativa à poética local. Na intuição desta verdade encontra-se a explicação, quem sabe, para o fato de nunca haver enfeixado seus poemas em livro.

Como prosador, nos deixou dois trabalhos de grande valia. O primeiro, "Síntese da Evolução Histórica de Manaus", ,veio a lume em 1948, no centenário da elevação desta capital à categoria de cidade. São apontamentos históricos sobre as origens de edifícios, igrejas, monumentos, ruas, praças e tradições locais. Sem pretensões a historiador, Mavignier realizou um trabalho de compilação e divulgação dos mais úteis sobre a gênese de boa parte do nosso patrimônio arquitetônico e cultural. Impõe-se igualmente a sua reedição, até como livro didático, para escolas de 1º e 2º graus, como um serviço em favor da preservação de nossa memória, imprescindível numa sociedade sabidamente cada vez mais desmemoriada.

O segundo livro que nos legou, "Amazônia Panteísta", reúne crônicas narrativas e descritivas da natureza amazônica. Ilustrado por Moacir Andrade, nos fala, com emoção e conhecimento de causa, de árvores, animais, lugares e fenômenos da nossa região. Sua linguagem, fortemente adjetivada, talvez soe algo anacrônica aos ouvidos contemporâneos. Nem por isso podemos deixar de admirar a forma escorreita e o vigor descritivo de um escritor que demonstrava completo domínio do seu idioma. Na orelha do livro, Djalma Batista equipara Mavignier aos grandes cronistas da região, como Alfredo Ladislau, e entende que "Amazônia

panteísta encerra uma época: a época dos apaixonados platônicos da grande planície". Eu acrescentaria que ele foi um dos últimos autores impressionistas, que utilizaram a Amazônia como tema para divagações literárias, elaboradas com muita paixão e alguma ingenuidade.

Mas creio necessário registrar ainda, que Mavignier de Castro deu também, indiretamente, notável contribuição ao universo artístico regional, genitor que era de Afrânio de Castro, um dos mais talentosos artistas plásticos de sua geração. Com uma obra fragmentária e esparsa, inferior ao seu talento, graças à falta de autodisciplina, ao espírito dispersivo e à morte prematura, por afogamento, acidental ou escolhida, nas águas da Ponta Negra. Louco, talvez, como um atormentado Van Gogh, a se sublimar nos quadros e nas esculturas, espargindo belezas. Afinal, como descobriu Fernando Pessoa, "sem a loucura, que seria o homem, mais que a besta sadia, cadáver adiado que procria".

Mas não é este o momento próprio para falar de Afrânio, até porque já o fiz, demoradamente, em outra oportunidade. Faço a evocação apenas para lembrar a relação genética entre ele e Mavignier de Castro. Este, se vivo fosse, apesar dos desencontros com o filho pródigo, ouviria a referência orgulhosamente, como homenagem que lhe presto, ao sucedê-lo na cadeira de Torquato Tapajós.

Senhores acadêmicos:

Recebo como honroso galardão a minha escolha para integrar os quadros desta casa, por todos os títulos respeitável. Estou certo de que aqui me aguarda um convivio prazeroso, ligado que sou a todos os acadêmicos, a alguns por laços de amizade, a outros, de admiração. A honraria é tanto mais desvanecedora se considerarmos que, embora desejada, não foi procurada. Ao recebê-la, me despojo da condição de homem adulto, quase sempre movido pela fria razão, para me entregar, sem resistência, à emoçào do infante. Sim, porque neste momento dou um salto no tempo e me reencontro com o garoto sentado no auditório que, de repente, se vê transportado a esta tribuna, para viver a magia da realização de um sonho. Faço-o, no entanto, sem enganos, porque sempre comigo, presentes no espírito, os versos impressivos de Calderón de la Barca:

"Que es la vida?
Una ilusión, una sombra, una ficción
Y el mayor bien es pequeño
Que toda la vida es sueño
Y los sueños... sueños son".

Sras. E Srs.

Ao concluir, abandono o texto, para lhes dizer o que só agora me ocorre. Para

meu infortúnio, a imortalidade acadêmica é meramente simbólica. A dura realidade consiste na finitude das nossas vidas, da qual temos plena consciência. O homem nasce para morrer e sabe disso. Eis aí toda a tragédia da condição humana. E na impossibilidade de fugir a essa contingência, impõe-se a todos nós um esforço contínuo para imprimir algum sentido à nossa passagem neste mundo. Para tanto, o melhor, me parece, será buscar inspiração no fenômeno dos corpos siderais, quando invadem o espaço terrestre, por momentos, deixando em sua esteira um rastro luminoso. Recorrendo a uma imagem ouvida já não sei de quem, nem quando, nem onde, entendo que a única maneira de compensar o aparente absurdo de nossa existência, é cada um procurar fazer de sua vida um meteoro: que seja rápida, fugaz, mas marcada de luz.

DISCURSO DE RECEPÇÃO*

Ruy Alberto Costa Lins

Ilustres e estimados pares.

Minhas senhoras e meus senhores.

José Jefferson Carpinteiro Péres. Eis o cenário preparado pela sociedade amazonense, na sua mais forte, consciente e expressiva representatividade cultural, a Academia Amazonense de Letras, para reconhecer publicamente, aos quatro cantos das fronteiras possíveis, reconhecer – repito – os seus magníficos dotes de professor, de político, de escritor. E mais. Precisamente sessenta e um anos depois da grande data – 19 de março – de São José, portanto José. Estamos constatando, para nosso gáudio, que é um cenário inesquecível, comprovadamente inesquecível pela sua primavera, beleza e justiça. Esforçar-me-ei para corresponder a tão desafiadora missão, representando os meus diletos pares, com o seu nome já gravado ao lado de todos aqueles que continuam, na posteridade, exibindo o brilho das suas inteligências. Esta casa, augusta e veneranda, por todas as razões, abrigou muitos homens extraordinários, que desapareceram antes do nosso tempo. Indivíduos proeminentes e combativos que, não obstante os usos, costumes e preconceitos vigentes à sua época, correram grandes riscos para atingir seus objetivos. Certamente foram vitoriosos com as marcas da vanguarda. O grande predicado desta instituição surge, assim, nítido e cristalino, ao manter perene e viva a chama da sabedoria dessas personalidades excepcionais. Ainda hoje, existem essas pessoas. Representantes proeminentes das ciências e humanidades, cujas paixões eternas os levam a desbravar novos caminhos sempre povoados de razão, poesia, imaginação e criatividade. Igualmente vitoriosos, continuam vanguardeiros no nosso tempo. Essas mentes contemporâneas moldam de maneira indelével o presente e influem

* Discurso de recepção ao Acadêmico Jefferson Carpinteiro Péres, pronunciado no dia 03.06.93.

decisivamente no nosso futuro, deixando indestrutível a marca do seu brasão na nossa sociedade. Assim é a Academia Amazonense de Letras, na qual se integra, agora, José Jefferson Carpinteiro Peres, aqui presente, ocupando a cadeira nº 8, cujo patrono é o amazonense Torquato Xavier Monteiro Tapajós, engenheiro, geógrafo e matemático.

Faz-se, então, a grande indagação: José Jefferson Carpinteiro Peres, quais os seus méritos para fazer parte desta plêiade de excepcionais? É meu dever responder a esta pergunta. Ei-la:

O professor – o espelho da proficiência

Faz muito tempo, no tempo da escala humana. Mais de trinta anos. Trinta e dois longos e serenos anos. Paletó e gravata, assíduo e pontualíssimo. Discreto, disciplinado e disciplinador, seguia rigorosamente o conteúdo programático das disciplinas, sob sua responsabilidade. Conheci, então, o professor Jefferson, lecionando "História das Doutrinas Econômicas", e "Estudo comparado dos sistemas econômicos", na antiga Faculdade de Ciências Econômicas do Amazonas, ostentando, com mestria e isenção, as faíscas do duelo: leste-oeste e os princípios fundamentais do dualismo desenvolvimento-subdesenvolvimento.

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela venerada Faculdade de Direito do Amazonas, já havia concluído seus cursos de pós-graduação, em Ciência Política, no Instituto Superior de Estudos Brasileiros, e, de Administração Pública, na Fundação Getúlio Vargas. Em 1961 lançou, em parceria com o professor Saul Benchimol, a coletânea de conferências "Problemas Econômicos da Atualidade", abordando os temas "Aspectos do subdesenvolvimento", "O processo inflacionário" e "Perspectivas da economia brasileira". Vale a pena lançar os olhos em algumas assertivas do professor Jefferson, neste trabalho:

> "Os desequilíbrios inter-regionais constituem realmente a falha mais grave do desenvolvimento brasileiro, visto que está gerando uma verdadeira colonização interna, através do empobrecimento relativo das regiões não atingidas pelo processo de industrialização".

Em seguida, faz outra observação:

> "A grande falha apresentada pelo planejamento da SUDENE reside, talvez, na ausência de uma lei de reforma agrária, que no Nordeste nos parece imprescindível, dadas

as características de concentração da propriedade fundiária, que em algumas zonas constitui sério entrave à elevação dos níveis de produção agrícola."

Mais adiante, encontramos, à guisa de comentário:

"A SPVEA, que deveria ter uma função promocional do desenvolvimento da região, transformou-se num órgão puramente assistencial, atomizando as verbas em obras e atividades de secundária importância, quando não inteiramente supérfluas."... "Sem obedecer a nenhum plano, essa distribuição de verbas é feita de acordo com injunções políticas e pressões de grupos, sem nenhum critério válido de seletividade".

As suas oportunas observações são completadas:

"Se nos próximos anos os programas de desenvolvimento econômico da Amazônia e do Nordeste não obtiverem o êxito desejado, as disparidades inter-regionais tenderão a aumentar, ao invés de diminuir, gerando sentimentos de frustração e revolta que poderão ameaçar a própria sobrevivência do regime. Que esta advertência, tantas vezes repetida por vozes mais autorizadas, seja considerada seriamente pelos novos governantes deste país, são os votos que fazemos nordestinos e amazônidas".

Como tudo isso foi escrito em 1961, portanto há 32 anos, é realmente fantástica a exatidão do diagnóstico, dos desdobramentos históricos e, de certa forma, a sua atualidade.

Em 1965, com a incorporação da Faculdade de Ciências Econômicas do Amazonas à Universidade do Amazonas, e a necessária atualização do currículo pleno do curso de graduação em ciências econômicas, o professor Jefferson passou a ministrar a disciplina "Economia Brasileira". Qual o nosso caudaloso Amazonas, por entre margens de enormes barrancas ou rasgando a floresta, ora mostrando o amarelo da terra, ora exibindo o verde da vegetação, sempre rigoroso e amado, desfilava o nosso professor com a voz pausada, suave, clara, quase silenciosa como a reclamar o silêncio para o completo e exato entendimento das profundas dificuldades brasileiras, já então existentes e que as focalizava com raro brilhantismo. O seu plano de curso era completo e, em si, já representava a pri-

meira aula. Pretendia dar aos alunos uma visão geral, ampla e profunda dos problemas da economia brasileira, como um todo, e da economia amazônica, em particular, em seus aspectos estruturais e conjunturais, oferecendo as possíveis alternativas de solução. Abrangia, desse modo, das perspectivas históricas à formação do setor industrial e os recursos naturais, passando pela situação demográfica e ocupacional, o desafio da agricultura, análise do setor de transportes, energia e industrial, o conflito da formação de capital, análise dos óbices monetários e do setor externo, a política fiscal, o papel do Estado no desenvolvimento brasileiro, os desequilíbrios regionais e a economia amazônica. Há quatro anos afastado da Universidade, por obrigação do seu mandato popular à Câmara Municipal de Manaus, a sua passagem pela nossa Faculdade foi marcada pelo brilho do trabalho fecundo, traduzido no tripé formado pela seriedade, participação e eficácia, ou numa só palavra, pela proficiência.

Assim foi como professor, diretor de Faculdade, chefe de departamento, coordenador do colegiado de curso, membro do Conselho Universitário e do Conselho Departamental. Simultaneamente, em atividades correlatas com a educação e a cultura, fora da Universidade, participou do Conselho Estadual de Educação e do Conselho Estadual de Cultura.

Tive a honra de ter sido seu aluno, na turma de economista de 1966. Posso então, aqui e agora, desta tribuna, nesta noite de muitas e fortes razões de júbilo e emoções, atestar um depoimento que não pode ser negado. Sei hoje o quanto éramos descuidados. O aluno, sei hoje com muita certeza, será sempre assim. Não dávamos valor à preciosidade que tínhamos a nosso alcance. Estávamos mais preocupados com a austeridade do professor do que com o talento e a segurança da sua exposição. Não gostávamos. Perdemos. Só depois, muito tempo depois, reconheceríamos a magnitude da nossa perda. Preciso e contundente, a sua postura de docente e educador, era a palavra resultante do estudo, da pesquisa, da observação, da segurança, do conhecimento, da exatidão dos fatos e dos fenômenos econômicos, que a história nem sempre registra. As suas aulas não tinham aqueles ornatos supérfluos, sempre apegados como parasitas a cada palavra, quando o expositor é pobre de espírito, mesmo rico em talento. Aquelas palavras que servem só para engano dos ouvidos dos espíritos superficiais, ou de mau gosto. Não, o professor Jefferson positivamente jamais cultuou esse tipo de emprego do seu talento, reconhecido e brilhante talento. Ao contrário, na convivência com este mestre inconfundível, aprende-se, não apenas os aspectos abordados na sala de aula – a formação

nacional – mas, fundamentalmente, como entender o ser humano, descobrir a sua riqueza intrínseca e os valores do espírito.

Tudo isso, minhas senhoras e meus senhores, e ilustres pares, representa para mim um raro e redobrado privilégio. Primeiro, pela honraria da escolha, designado pelo preclaro presidente, desembargador Oyama César Ituassú da Silva para, em nome da Academia Amazonense de Letras, recepcionar o novel Acadêmico. Muito obrigado, senhor presidente, pela distinção e por tão rica oportunidade. Depois, como seu substituto na disciplina "Economia Brasileira Contemporânea", do Departamento de Economia e Análise da Universidade do Amazonas, que o insígne mestre ministrou com tanta capacitação, segurança e entusiasmo, mercê de aulas que representavam o fascinante mundo do espírito, da inteligência e da criatividade. O que mais posso dizer? Apenas registrar a minha perene gratidão.

O político – o estranho no ninho

O perfil político do vereador Jefferson Péres é riquíssimo. Para todos que o conhecem, seus amigos e eleitores, a lealdade, a confiança, a probidade, a generosidade e o respeito ao próximo, são características iniludíveis que brotam do seu coração e da sua mente. Com apenas um mandato na Câmara Municipal de Manaus, como homem público a sua atuação vem sendo, destacadamente, marcada por posições límpidas e coerentes, quer na defesa da dimensão ética e dos valores, das normas e dos juízos morais, quer no comportamento político que sempre assume na defesa da nossa cidade e do seu povo, amparado nesses princípios. É valioso recordar o que escreveu em dezembro de 1989, já vereador, quando apreciava os fatores culturais que determinam a eterna crise brasileira, referindo-se, naturalmente, à cultura política:

> "Por infelicidade, como regra geral, temos uma classe política da pior qualidade, independente de ideologia, e ressalvadas as exceções, os nossos políticos dividem-se em duas espécies: os fisiológicos e os demagogos, o que não impede que muitos sejam as duas coisas ao mesmo tempo. Os primeiros servem ao poder, em busca de vantagens para si, seus familiares e apaniguados. Os segundos se esforçam sempre para agradar à opinião pública, em busca de votos. Raros os que estão imbuídos de um sentido de missão, visando à defesa intransigen-

te do interesse público. São estranhos ao ninho, para os quais a atividade política acaba por se transformara num exercício penoso. Mas, para a grande maioria, essas práticas são rotineiras e normais. É da cultura".

Posteriormente, publicada na imprensa em julho de 1992, respondendo a perguntas de um repórter, dizia:

Sobre a sua campanha política:

"É uma campanha estritamente dentro da lei, sem gastos excessivos, sem clientelismo eleitoral, sem utilização de máquina oficial, quer da Prefeitura nem do governo. Uma parcela do eleitorado me distingue com uma certa confiança e admiração. E há outra que potencialmente pode ser conquistada. Numa campanha discreta – como eu chamo – trabalha-se pela televisão, no corpo a corpo, com visitas, pequenas reuniões familiares, por correspondência e outras formas.

Eu tenho uma base forte nas camadas da sociedade que lê jornais, acompanha os fatos políticos e tem conhecimento da minha atuação na Câmara Municipal. Acredito que parte desse eleitorado pode ser suficiente para me reeleger".

Sobre a sua posição legalista e independente, não fazendo concessões e acordos:

"Na política, quando se tenta ser legalista ou muito ético, sempre se tem problemas. Política e ética são duas coisas conflitantes. A política exerce a anti-ética de resultados. O político busca resultados. Ele quer conquistar ou manter o poder, não importam os meios. E a ética de princípios se choca com a anti-ética de resultados. Se, para atingir determinado fim, se tiver que contrariar os princípios é melhor não fazer. Isso é quase a negação do processo político. A cultura política não entende esse comportamento. Fica-se como um estranho no ninho. Olham você, por vezes, até com hostilidade. Ou pensam que você é hipócrita ou está "fazendo média" para o povo, demagogia. Interessante essa inversão de valores. Claro que isso não é confortável."

Temos, assim, delineada a principal linha do pensamento político do vere-

ador Jefferson Peres, a quem, com demasiada honra recepcionamos nesta noite, nos murais da Academia Amazonense de Letras, para gravar o seu nome com letras, não só da imortalidade, mas também da dignidade. Torna-se, assim, extremamente fácil explicar o seu pensamento político, porque continua sendo um estranho no ninho, ainda que tenha tido a sua outorga de vereador renovada por expressiva votação, duas vezes maior daquela que obteve em 1988.

Sabemos todos nós que, nos tempos atuais, a sociedade brasileira se caracteriza por possuir a maioria da sua população vivendo nas mais precárias condições de saúde, habitação, educação e segurança, portanto com uma produção direta de doenças, invasões e favelas, analfabetismo e violência. Dia a dia e, rigorosamente todos os dias, os meios de comunicação informam os fatos mais tenebrosos a comprovar esta realidade estrutural, que estabelece, naturalmente, fronteiras antecipadas em todos os segmentos da vida social. Na economia, fixa os limites do crescimento econômico, o tamanho do mercado interno pelo volume da produção, a qualidade da mão-de-obra e dos produtos, a reduzida competitividade e o modestíssimo volume de poupança interna.

No campo da política, esta realidade social cria uma cidadania de baixa qualificação. Como a todos é estendido o direito do voto, o sucesso eleitoral se conquista na maioria das situações com métodos fisiológicos e demagógicos, criando expectativas que não poderão ser cumpridas, produzindo, em grande medida, uma seleção negativa de lideranças políticas. Desta maneira, estão formadas as qualificações fundamentais dos principais sistemas que constituem essa realidade estrutural: o *estado,* poder hegemônico, de natureza patrimonial, fiscalista, regulamentador da vida social e econômica, grande cliente de fornecedores privados de bens e serviços, centralizador, produtor de bens para o mercado e dotado de um enorme poder de intervenção sobre a economia e de uma responsabilidade culturalmente determinada com a promoção social da população; a sociedade, com a grande maioria da população sujeita a um nível muito baixo de saúde, educação, habitação, segurança, informação, qualificação profissional; a política, com uma cidadania composta, na sua grande maioria, pela população com as carências mencionadas. Portanto, eleitorado de baixa qualificação cívica, e finalmente, a economia, tutelada pelo Estado e subdimensionada em relação às necessidades do produto e emprego, de difícil acesso aos bens por parte da população e em relação às potencialidades econômicas do País.

É possível, assim, estabelecer os problemas crônicos e graves, sob a forma de conceitos em cadeia, ou seja, uma situação grave atrelada a outra situação mais grave ainda, como se fosse uma corrente em círculo com elos indestrutíveis.

O empreguismo, resultante do desempenho do sistema econômico, produz empregos em quantidade insuficiente e os políticos, uma vez eleitos, ganham condições de obter empregos, sobretudo no setor público. Governantes e legisladores dependem um dos outros para realizar seus objetivos políticos. Desta interdependência, surgem oportunidades de negociações nas quais o emprego é um bem de extraordinário valor.

O inchaço do estado, gerado pelo empreguismo, é resultante das mesmas razões estruturais, estendidas no tempo e no espaço político como práticas permanentes e preservadas às posições pelo corporativismo.

A ineficiência do estado é resultante, por outro lado, das mesmas razões, exemplificada pelo fato de que as funções e cargos públicos, preenchidos desta forma, não provêm de uma real necessidade de o estado recrutar quadros qualificados para o exercício de funções específicas, e sim de uma necessidade social por salário. Desta maneira o empreguismo gera não só o inchaço e a ineficiência, como também o crônico déficit das contas do setor público. Este é, em grande parte, conseqüência direta do superdimensionamento do estado, em matéria de pessoal, e dos direitos e vantagens que se acumulam em razão do sucesso político e da ação corporativa. Portanto, surge a voracidade fiscal do estado, que lança suas raízes na estrutura do sistema social, a luta pela sobrevivência; do sistema político, as condições de elegibilidade; do sistema econômico, a insuficiência de empregos, e do governamental, o exemplo do paternalismo: o resultado final desse somatório é uma despesa sem cobertura financeira correspondente, o reclamado e propalado déficit público. A solução a este problema crucial é o recurso ao aumento da carga tributária para aumentar a receita, já que diminuir a despesa significa dispensar pessoas, o que faria a equação da continuidade do empreguismo funcionar ao contrário. À voracidade fiscal, soma-se, quase sempre, o recurso à emissão de moeda que se potencializam nos seus efeitos desastrosos sobre a economia. Aparece, então, a hidra de incontáveis e devoradoras cabeças, a corrupção e a inflação.

A minuciosa, contraditória e complexa regulamentação deixa espaços suficientes para favorecimentos, por meio dos quais dívidas eleitorais são pagas e enriquecimentos se realizam.

Eis, nas suas grandes linhas, a guerra supra-realista e impiedosa da qual o vereador Jefferson Péres recebe permanentes desafios. As diferentes batalhas das quais tem saído vitorioso, não significam uma vitória final no conflito, significam sim que tem servido sempre às causas e não aos homens.

Sabemos que a temporalidade do comportamento no sentido ético da existência humana é caracterizada especificamente por pensar, saber e fazer o que é certo. O vereador Jefferson Péres, em todos os momentos em que exerce a sua atividade pública, na tribuna ou na cátedra, pensa, sabe e faz o que é certo.

O escritor – o escultor da fidelidade

É missão virtualmente impossível examinar as crônicas de Jefferson Peres, em um tempo tão reduzido como este de que disponho. A consideração e o respeito que devo a esta ilustre e simpática platéia, exigem a simplificação do seu trabalho, realizado por longo, diuturno e invejável desempenho. Afinal, do começo até hoje, muitos anos passados, viajando todos os domingos pelos continentes afora, o resultado não poderia ser outro, senão aquele com a fisionomia das artes, como um autêntico e genuíno escultor da fidelidade. Não se trata, evidentemente, da quantidade, suficiente para bons pares de livros. Este aspecto, embora natural e importante, não deve contar neste momento. Ao contrário, o que de fato impressiona é a exuberância dos temas, a solidez dos argumentos, o estilo inconfundível, sempre fiel aos fatos e princípios balizados por um padrão moral e uma dimensão ética irretocáveis. E mais. Porque se ajusta integralmente com os fatos e princípios da sua personalidade e as práticas do seu comportamento social.

Uma leitura atenta e criteriosa das suas crônicas representa uma viagem fantástica pelos mares da cruel e dura realidade. Igual às caravelas comandadas pelos intrépidos navegadores ibéricos, sozinhos mas atentos a tudo à sua volta e apenas com os recursos da coragem e inteligência, Jefferson Péres, com extremada precisão e sensibilidade, aborda as questões mais tórridas da nossa atualidade, buscando sempre os ensinamentos de ontem, os ensinamentos dos valores éticos e morais, envoltos em um sentimento de humanismo, para nos brindar com a sua visão de homem preparado para as grandes tertúlias, sempre valiosa, precisa, adequada e oportuna. Permito-me deixar de lado as suas crônicas com os temas rigorosamente políticos. Exatamente quando escreve sobre ação governamental, partidos políticos, eleições e voto, desempenho parlamentar. Isto é muito difícil, uma vez que ali estão, sem a menor

dúvida, os seus melhores trabalhos, ferinos, contundentes e arrasadores.

Como deixar de lado o político exemplar para dedicar-me ao cronista fidelíssimo? Vou tentar, pois que, quero apresentar Jefferson Péres com algumas poucas de suas muitas palavras e conceitos, em situações especiais, que merecem a nossa mais profunda e aguda meditação.

Refiro-me ao nosso Amazonas.

Em julho de 1990, no seu trabalho intitulado "Que fizeram de ti, Amazonas", assim se expressa:

> "Viajar pelo interior do Amazonas, hoje, constitui um penoso exercício, ao se deparar o viajante com o violento contraste entre a exuberância do cenário natural e a chocante miséria da paisagem humana. Em quase toda parte o quadro é o mesmo, de estagnação e abandono.
>
> As sedes, com pouquíssimas exceções, modificaram-se para pior, em relação a dez ou vinte anos atrás, com os núcleos centrais estáticos, envolvidos pelos miseráveis cinturões da periferia em rápida expansão. São aglomerados de barracos, alinhados em ruas de infra-estrutura precária ou inexistente, sujas, malcuidadas, sem arborização ,numa paisagem invariavelmente feia e árida.
>
> Mais dolorosas, no entanto, são as chagas da miséria que desfilam aos nossos olhos. Cruzam as ruas ou assomam às portas e janelas rostos soturnos, macilentos, aos quais raramente afloram sorrisos nas bocas devastadas pelas cáries. Um povo sofrido, maltratado, a se queixar e a pedir, seja o que for, dinheiro, camisas, passagens, remédios, enfim, qualquer esmola, sem nenhuma inibição, de forma insistente e às vezes, até agressiva. Despojados de quase tudo, parece que lhes retiraram também a esperança e a dignidade."

Magnífico e realista é o seu artigo "Borracha, cacau e dendê: o fracasso", de maio de 1992. Após discorrer sobre estes três produtos no contexto da região, conclui com estas palavras:

> "Por que que a borracha, o cacau e o dendê representam um brilhante sucesso na Malásia e um rotundo fracasso na Amazônia? A resposta, de tão complexa, mereceria uma tese acadêmica. Mas não vou frustrar de todo os leitores, vou adiantar algumas pis-

tas. A diferença pode ser resumida seguinte enunciado: na Malásia, uma elite modernizante – embora autoritária – usa o Estado como promotor de desenvolvimento; aqui, uma elite parasitária suga ao mesmo tempo o Estado e o autêntico setor produtivo.

Bastam dois exemplos.

Primeiro, na Malásia o governo cobra uma taxa de 3% sobre a borracha e canaliza toda a receita para o setor, inclusive para um magnífico trabalho de pesquisas genéticas e fitossanitárias, enquanto aqui a Embrapa e o Inpa, abandonados, imploram por verbas como mendigos. Segundo, na Malásia o governo financia atividades produtivas, com perdas mínimas, enquanto aqui a união – através do Probor e de outos programas – injetou bilhões de cruzeiros na agricultura, criminosamente desviados para as aplicações no "over". Resumindo, creio que a resposta deve ser buscada muito mais na sociologia do que na economia, porque estou convencido de que o nosso problema é principalmente cultural."

Sobre o projeto brasileiro Zona Franca de Manaus, os seus artigos são realmente proféticos. Não vou reproduzir nenhuma parte. Basta recordar os seus títulos, para que fiquemos conhecendo a natureza do seu enfoque. Assim, tivemos em agosto de 1990, "Um trágico erro de cálculo"; em março de 1991, "Zona Franca: contagem regressiva"; em junho de 1991, "Zona Franca: independência ou morte" e "Um cartel de Manaus? (reflexão angustiada de um manauara impenitente)"; em outubro de 1991, "Zona Franca: perigo mortal"; e em novembro de 1991, "Imprevidência Histórica". Estes trabalhos, ao abordarem tão importante questão, sugerem atitudes e decisões simples, patrióticas, emanadas de um homem com vasto conhecimento da região amazônica, larga experiência no setor público e sólido preparo no campo do desenvolvimento.

No seu livro "Evocação de Manaus – como eu a vi ou sonhei", lançado em 1984, percebe-se claramente que o carinho e o amor que Jefferson Péres devota a Manaus só é superado pelo que dedica a sua esposa Marlídice e aos seus filhos Ronald, Roger e Rômulo, simplesmenrte a sua família. Uma família exemplar e digna.

Ninguém melhor do que Alencar e Silva, o festejado poeta que engrandece esta Academia, para apreciá-lo.

Assim pensa e escreve:

"Que são páginas que se lêem com encantamento e tomam o

leitor pela mão e não o largam mais, mesmo quando chegado ao fim do volume, é fato que logo se constatará, mercê das virtudes do estilo – sóbrio, escorreito, elegante –, da fidelidade aos eventos históricos e da mestria, enfim, com que o autor compõe os amplos painéis do que fora a vida de Manaus, nos anos 40 e 50, com uma variedade de temas e uma riqueza de detalhes que tornam esta "Evocação de Manaus – como eu a vi ou sonhei" um repositório precioso de um passado recente e que, não obstante, estivera, talvez, a ponto de perder-se.

Em suma, são quinze quadros em que Jefferson Péres restaura a memória da cidade e a eterniza em seu instante no tempo. Não importa que hoje já não seja a mesma. Importa, sim, que possamos tê-la outra vez ao alcance dos olhos, intata, ao sol da memória, a mostrar-nos o que e como fomos, em nossos hábitos e costumes, estudos e lazeres, desejos e aflições; em nossos sonhos e realidades; em nossa humanidade, enfim. A tanto, basta abrir este livro e deixar que a narrativa nos leve em seu curso, sob o timão seguro de um escritor que se incorpora para sempre entre os melhores cronistas da cidade de Manaus."

Esta saudação ao ilustre acadêmico que acaba de ingressar nesta casa, pela porta da sabedoria e da dignidade, poderia centrar todas as palavras na sua maravilhosa obra literária e na dimensão ética da sua conduta humana. Estou seguro de que fiz e disse muito pouco para a grandiosidade dessa dimensão e da nobre arte, que envolve o nosso homenageado.

Por isso, devo concluir, não sem antes afirmar e proclamar: José Jefferson Carpinteiro Péres, por todos os seus méritos, a sociedade amazonense o aprova, com distinção e louvor. A casa é sua.

Por favor, tome assento à sua cadeira e aceite o colar acadêmico.

Muito obrigado.

DISCURSO DE POSSE*

Alencar e Silva

Senhor Presidente Oyama Ituassu,

Senhores Acadêmicos:

No princípio, como agora e por toda a eternidade, era, é e será sempre o Verbo a fazer luz em nosso espírito. Qualquer que seja o caminho, a vereda ou a estrada real que tomemos para o périplo que a cada um nos cumpre realizar em torno de nossa existência. Em torno de nós mesmos e de nossas circunstâncias. É sempre o verbo, é sempre a palavra, em seu mistério fundamental, a difundir e a fazer brilhar os seus dons em nossa indumentária carnal, a abrir-nos os olhos para a beleza e as maravilhas da Criação e a iluminar-nos o espírito para as cogitações do Criador, como que a preparar-nos para o sonhado instante supremo em que nos seja dado dialogar com a Divindade e assim consumar o nosso aprendizado do Planeta azul.

Nesta noite, Senhores, uma conjunção maravilhosa de luzes preside o meu ingresso nesta Casa. Refiro-me às três luzes que se reuniram, sob o influxo misterioso da Graça, nas figuras excelsas de Cruz e Souza, Nunes Pereira e Max Carphentier, como que para iluminar-me o pórtico da imortalidade acadêmica, ao clarão protetor do renome e do prestígio que deles se derrama.

Com efeito, venho ocupar nesta venerável Academia a Cadeira nº 23, que tem como patrono o Poeta Cruz e Souza e como seu fundador e único ocupante, até hoje, o insigne Nunes Pereira, também poeta e escritor e emérito pesquisador da vida dos índios e das florestas. E, enfim, compondo o triângulo de luzes, eis que sou recebido, nesta ilustre Companhia, por Max Carphentier – Poeta da mais nobre estirpe, cuja lira é afinada pelo próprio Orfeu, para que ele nos fale das coisas de Deus e da natureza amazônica com a propriedade e encanto de um verdadeiro

* Discurso de posse na cadeira nº 23 da Academia Amazonense de Letras, patroneada pelo Poeta Cruz e Souza, na noite de agosto de 1992, proferido pelo Acadêmico Alencar e Silva.

privilegiado, de um ungido das Musas.

Cabe-me, pois, além do dever de estilo, a honra maior de falar-vos dessas três luzes, ao clarão das quais subi os degraus deste Templo para tomar assento entre mestres, amigos e companheiros, já de si tão próximos de mim pelo espírito e pelo coração, pela amizade e pela admiração, que, ao seu lado, sinto-me como se sempre fora um deles, ainda que o menor e o menos favorecido de luzes. E será ainda sob o influxo inspirador de seus nomes gloriosos que vos apresentarei as minhas credenciais, porventura existentes, e a notícia dos muitos ventos que enfunaram as velas do barco de que desembarco, nesta noite, neste porto, neste cais, à luz da tocha olímpica que arde inapagável em seu peristilo e no simbolismo do seu brasão.

João da Cruz e Souza veio ao mundo como que para cumprir a sina inafastável dos predestinados. Veio para ser não somente uma das vozes do seu tempo, mas, sem dúvida, a mais nobre e singular da conjuntura sócio-cultural em que decorreu a sua existência.

Para glória da poesia brasileira e universal, Cruz e Souza nasceu na cidade do Desterro, atual Florianópolis, capital de Santa Catarina, a 24 de novembro de 1861. Filho de ex-escravos, teve ele, como é fácil supor, uma vida marcada pelos sofrimentos, assim físicos como espirituais, decorrentes de uma saúde sempre precária e do agudo preconceito racial então vigente.

Tendo vivido num momento histórico em que o Romantismo já tinha dado ao Brasil, na poesia, os nomes gloriosos de Álvares de Azevedo, Castro Alves, Fagundes Varela e Gonçalves Dias e o Parnasianismo dominava triunfante o cenário das letras nacionais, não foi sem surpresa e sem certa perplexidade que os críticos da época assistiram o surgimento daquela nova escola que o gênio de Cruz e Souza viria a introduzir na poesia brasileira.

Com efeito, de origem francesa, o Simbolismo viria fecundar a poesia brasileira, a partir de 1893, ano da publicação de *Missal* e *Broquéis,* de novas sonoridades, nova musicalidade e novas formas de expressão da realidade objetivada em obra de arte, matéria a que se aplica e de que se nutre o engenho humano. E que viria, em síntese, contrapor à expressão marmórea buscada pelo Parnasianismo uma linguagem poética que se servia de novos ritmos, nova musicalidade e elementos sensoriais também novos, como as cores, os sons, os perfumes, que antes sugeriam a realidade, sem detalhá-la.

Essa, realmente, a glória maior de Cruz e Souza: a de imprimir na poesia brasileira, com a marca do seu gênio, como

toque da sua genialidade, um novo rumo, escancarando-lhe horizontes de tal amplitude que, até hoje, decorrido um século, não foram ainda totalmente devassados, nem pela plêiade luminosa dos que lhe seguiram imediatamente os passos pela estrada aberta ou, ao longo do tempo, se dessedentaram em suas fontes, nem, talvez, pelas miradas mais penetrantes da crítica. Morto em 1898, aos 37 anos de idade incompletos, Cruz e Souza é, hoje, com justiça, visto à altura dos grandes nomes do Simbolismo, como um Verlaine, um Mallarmé, um Baudelaire, não havendo, por outro lado, face à sublimidade de sua poesia, nenhum despropósito na alcunha que lhe foi dada de o *Dante Negro.*

Brindou-me o destino com a honra de tê-lo como patrono da Cadeira que venho ocupar nesta Casa.

Ao fazer, pois, esta breve apologia e ao ressaltar-lhe a significação no quadro geral do simbolismo, cumpro, em verdade, tarefa gratíssima ao meu espírito, pela oportunidade mesma de testemunhar publicamente a admiração que voto ao grande Poeta de **Broquéis**, **Faróis** e **Últimos Sonetos**. Desde a minha juventude. Desde quando abri os olhos para os grandes mistérios da vida e da Poesia. E faço-o, senão com as galas de estilo, pelo menos com a emoção profunda de tê-lo intentado, com a reverência e o fascínio que a singularidade da existência e do gênio do grande Poeta nos impõe.

Tenho de memória alguns de seus grandes sonetos, como esse estranho e belo "Caminho da Glória", que escolhi para brindar-vos nesta noite:

Este caminho é cor-de-rosa e é de ouro,
Estranhos roseirais nele florescem.
Folhas augustas, nobres reverdecem
De acanto, mirto e sempiterno louro.
Neste caminho encontra-se o tesouro
Pelo qual tantas almas estremecem;
É por aqui que tantas almas descem
Ao divino e fremente sorvedouro.
É por aqui que passam meditando,
Que cruzam, descem, trêmulos, sonhando,
Neste celeste, límpido caminho,
Os seres virginais que vêm da terra,
Ensangüentados da tremenda guerra,
Embebedados do sinistro vinho.

Estranho e belo, disse-o, pelo fulgar contrastante da visão do Poeta acerca dos frágeis seres humanos – que ele concebe como virginais – em seu retorno às moradas do além ensangüentados e embebedados, da tremenda guerra e do sinistro vinho da experiência humana sobre a Terra.

Outros poemas, igualmente belos e profundos, e em que nos é dado surpreender traços inequivocamente

autobiográficos do autor, que também guardo de memória com o mesmo deslumbramento e a mesma poderosa impressão da primeira leitura, inscreveram-se para sempre em minha sensibilidade. São exemplos destes os sonetos "Vida Obscura" e "Supremo Verbo", pelos quais perpassam, de um lado, em voz indireta, os sofrimentos incomportáveis da tragédia existencial do Poeta Negro, como ser estigmatizado pela cor, a sofrer na própria pele e nos recessos mais profundos de sua alma os insultos da discriminação, da incompreensão e da negação de seus contemporâneos; e, de outro lado, a consolação maior que o faz emprestar a própria voz à mãe Natureza, para ouvi-la glorificar-lhe a conduta e erguê-lo, transfigurado, às alturas e aos mundos a que retornaria seu alto espírito, após o périplo existencial de exilado em nosso planeta. Iluminemo-nos com o brilho destas duas gemas:

VIDA OBSCURA

Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,
O ser humilde entre os humildes seres.
Embriagado, tonto dos prazeres,
O mundo para ti foi negro e duro.
Atravessaste no silêncio escuro
A vida presa a trágicos deveres
E chegaste ao saber de altos saberes
Tornando-te mais simples e mais puro.
Ninguém te ouviu o sentimento inquieto,
Magoado, oculto e aterrador, secreto,
Que o coração te apunhalou no mundo.
Mas eu, que sempre te segui os passos,
Sei que cruz infernal prendeu-te os braços,
E o teu suspiro como foi profundo!

SUPREMO VERBO

Vai, Peregrino do caminho santo,
Faz da tua alma lâmpada do cego,
Iluminando, pego sobre pego,
As invisíveis amplidões do pranto.
Ei-lo, do Amor o cálix sacrossanto!
Bebe-o, feliz, nas tuas mãos o entrego.
Eis o filho leal, que não renego,
Que defendo nas dobras do meu manto.
Assim ao Poeta a Natureza fala!
Enquanto ele estremece ao escutá-la,
Transfigurado de emoção, sorrindo....
Sorrindo a céus que vão se desvelando,
A mundos que se vão multiplicando,
A portas de ouro que se vão abrindo!

Honrar Cruz e Souza, celebrando-lhe a memória no altar da Poesia, isso, em verdade, eu sempre o fiz, consubstanciando, assim, esta saudação, a reafirmação de um compromisso gratíssimo ao meu espírito e ao meu coração, qual o de manter alimentada neste augusto sodalício a lâmpada votiva da minha admiração ao Poeta cujo nome glorioso ilumina e pres-

tigia a Cadeira nº 23, que fui chamado a ocupar nesta Casa.

Conheci e admirei Manoel Nunes Pereira por um tempo infinito, tempo pelo qual se mede a amizade e a admiração. Admiração pelo seu talento multifário, pela sua figura humana encantadora e pelo seu amor à vida e à alegria de conviver e compreender a vida de seus semelhantes.

Sábio pesquisador e escritor fascinante, cujo estilo de cientista denunciava sempre o poeta consumado, o faiscador de tesouros da linguagem, o seu interesse de estudioso cobria numerosas áreas culturais e está perpetuado não só nas teses, monografias e relatórios elaborados ao longo de suas andanças pelo Brasil e países sul-americanos, a serviço do Ministério da Agricultura, como, subretudo, na sua obra capital, que é "Morogüetá – um Decameron Indígena".

De quando em quando, com uma freqüência de apaixonado que não pode viver longe da amada, mestre Nunes Pereira trazia-nos o encanto da sua presença e aqui vinha repartir o pão do espírito com seus irmãos caboclos.

Álvaro Maia traça-lhe, lapidarmente, o perfil: - "Sua paixão culminante, é, entretanto, a Amazônia e, na Amazônia, o Índio: percorreu-lhe as malocas no rio Negro e no Madeira. Desapareceu, durante uma comissão, nas brenhas do noroeste; deram-no como perdido, talvez sequestrado e tosquiado pela indiada. Telegramas percorriam o país, emitidos pôr sábios e associações científicas. (...) Não morrera nem fora raptado. Retardara-se porque viajara do rio Negro para o Madeira, em estudos comparativos dos Tucanos e dos Parintintins, deitado na barraca dos pagés e bebendo chicha, em noites de lua e festas da puberdade. Teria vontade de enfiar as mãos na cari das tocandiras, a fim de batizar-se e permanecer entre os índios para sempre, se compromissos civilizados não o prendessem às cidades. Coordenou as falas dos parintintins, bebendo chibé e tarubá, - fabulário que tudo explica, desde as origens do Adão aborígene."

Há no Jardim Botânico do Rio de Janeiro uma aléia denominada Manoel Nunes Pereira. E ali, exatamente em uma de suas esquinas com a via principal, em maio deste ano, assisti ao assentamento de uma placa de bronze, onde se lê: "A Manoel Nunes pereira – escritor e pesquisador da vida dos índios e das florestas – 1893/1985".

Essa homenagem a Nunes Pereira fez parte do ato público de reabertura do Jardim Botânico, após sua total restauração, presentes representantes de diversas associações

culturais, entre os quais o escritor Ulysses Bittencourt, representando esta Academia, e Cosme Alves Neto, também amazonense, diretor da cimatema do Museu de Arte Moderna.

Assinalava-se naquela homenagem o 99º aniversário de nascimento do sábio maranhense. No próximo ano, consequentemente, o seu centenário estará ocorrendo – e então esta Casa, da qual foi ele o último fundador a desaparecer, encher-se-á de luzes, para cultuar a memória e o nome ilustre de Nunes pereira. E, coincidentemente, o centenário da introdução do Simbolismo no Brasil.

Senhores Acadêmicos, cumpre-me agora dizer-vos uma palavra sobre Max Carphentier, poeta e neto de poeta, de quem ainda muito se hão de honrar nossa terra e nossa gente, na razão direta em que se forem publicando as obras de sua lavra e que o projetarão no cenário das letras deste último quartel do século como uma das mais vigorosas e autênticas organizações poéticas jamais surgidas em nossa terra. E isto se irá verificando, repito-o, à medida em que se forem publicando as numerosas obras, ainda inéditas, de sua autoria, entre as quais se contam os seguintes títulos: "Nosso Senhor das Águas - o Cristo dos Igapós", contos, e "Nossa Senhora de Manaus – As Orações da Selva", poemas em prosa, que constituem, claramente, um desdobramento harmonioso da obra iniciada com "O Sermão da Selva", sequenciada com "Orfeu do Nazareno" e coroada com "Tiara do Verde Amor – Tríplice Coroa de Sonetos".

Cumpre-nos apenas esperar, fazendo votos para que alguma grande editora do Sul descubra esses tesouros e os exponha aos olhos e à sensibilidade do maior número possível de leitores, a fim de que todos e cada um de nós nos reencontremos com as coisas do Amor e com as coisas de Deus, na visão totalizadora da grande poesia de Max Carphentier.

"É acontecimento raro a gente cruzar com um poeta autêntico. Pois foi o que se deu comigo – diz o escritor Paulo Rónai – ao ler Tiara do Verde Amor, de Max Carphentier, intimamente identificado com a natureza exuberante de sua província, que se faz porta-voz dos bichos, das plantas e das águas amazonenses interpretando suas queixas e seus receios numa coleção de poemas de inspiração profunda. (...) Seu livro, repertório palpitante dos tesouros ameaçados da Amazônia, merece leitura, meditação e divulgação em todo o Brasil".

Esperamos, com L. Ruas (Padre Augusto de Lima Ruas), "que ainda haja quem escute o grito dos profetas ou o canto dos poetas. Ou o apelo amoroso do poeta-profeta. Enquanto ainda há tempo e verde..."

Eis-me aqui, Senhores Acadêmicos, atendendo ao vosso chamado, à vossa convocação. Eis-me

aqui para retornar ao vosso lado e sob a tocha olímpica do espírito, a caminhada há muito iniciada. Eis-me aqui a dar-vos conta de todos os meus passos. Desde quando meus olhos se iluminaram das primeiras luzes e em meu coração arrulharam as primeiras canções.

Por onde andei? Primeiramente, metido comigo mesmo, como que embrulhado em mim mesmo, a buscar o meu próprio caminho, um lugar entre os companheiros de minha geração. Era então a hora dos grêmios literários, final do segundo quartel do século. Nascidos todos a partir da redemocratização do país, esses grêmios levantaram efetivamente o espírito da mocidade amazonense e propiciaram o surgimento de várias lideranças jovens no seio da inteligência local.

Em seguida, viagens ao Sul, em 51 e 53. A partir de 1954, o Clube da Madrugada. Entre as duas viagens, a publicação de meu primeiro livro, **Painéis**, em 1952, volume em que se podem observar as influências mais ou menos passageiras e as predileções mais ou menos duradouras que marcaram esses começos, de jornada e de experimentos poéticos. (Daí para **Lunamarga**, minha segunda coletânea de poemas, decorreriam treze anos, tempo de superação de fórmulas e escolas e de sintonização com a contemporaneidade da poesia brasileira. Tempos ásperos em que toda uma geração se empenhou fundamente em resgatar para o seu instante vital as fontes verdadeiras e as cores fortes da Poesia, desobstruídas aquelas e tonificadas estas, ao calor do inconformismo de quem não mais se aceitava mero repetidor de fórmulas artificiosas que porfiavam em manter na ribalta as formas esclerosadas e de falso brilho de algo que já morrera e não sabia...)

Aquele primeiro processo revitalizador, que dominou por cerca de uma década o espírito de nossa geração, orientando-o nos caminhos sócio-político, cultural e econômico, viria, com efeito, encontrar seu desaguadouro natural e sua plenitude no Clube da Madrugada.

1954, Marco miliário na história das artes e letras no Amazonas. Algo assim como divisor-de-águas, antes e depois, simbolicamente equivalente à Semana de 1922, que dera nascimento, na capital paulistana, ao Modernismo brasileiro. Não é sem propósito a aproximação. Em 1954, efetivamente, com o surgimento do Clube da Madrugada, a intelectualidada jovem de Manaus acertava os ponteiros com tempo cultural brasileiro, provendo um movimento de renovação dos padrões artísticos e literários até então vigentes na capital amazonense e que resistiam, como se fora um último bastião, à onda do Modernismo, que se espraiara literalmente por todas as províncias do vasto arquipélago cultural do país.

Não quero ser reticente, nem quero, nem de longe, afirmar que não

tenham havido repercussões da famosa Semana em Manaus. Houve-as, sem dúvida, e os exemplos são muitos. Só que não houve continuidade e tudo voltou ao que era... Mencione-se, de relance, um Clóvis Barbosa, com sua revista "Redempção", um Francisco Pereira da Silva, com seu livro "Poemas Amazônicos", de inspiração nativista e tendências libertárias, vazado em versos-livres; um Ramayana de Chevalier, cultivando também o versilibrismo e a temática regional; outros que embarcaram num verdeamarelismo persistente e sem élan, e, finalmente, uma Violeta Branca e um Sebastião Norões, este, de todos, talvez, o mais sintonizado com os postulados modernistas e que por longo tempo carregara, quase sozinho, a sua bandeira, embarcando, ao depois, na nau madrugadense, como experimentado viajante e velho marinheiro.

E eis que eu descubro, Senhores Acadêmicos, diante de vós. Quem é o vulto que me acompanha? Que comigo subiu as escadarias deste cenáculo? Que assoma comigo a esta tribuna? Quem é esse, cujos olhos enfeitados de enigmas refletem os mesmos enigmas que se foram tatuando em minhas retinas? Que vulto é esse, silencioso e belo como um arcanjo, prestimoso e solícito como um anjo-da-guarda, persistente como o sonho que nunca morre, sedutor como as miragens que nos fazem retomar os caminhos do deserto, quando o nosso potencial de forças já parecia exaurido? Esse vulto, Senhores, que me acompanha, é o do Ideal que desde a minha juventude, com a sua energia impulsionadora, tem-me guiado todos os passos, ora mergulhado nas sombras, desbravando a selva escura da nossa vida, ora cruzando os altiplanos iluminados, em direção ao belo, ao bom e ao verdadeiro, ou numa palavra, em direção a Deus, suprema razão de nossa existência, alfa e ômega, princípio e fim de todas as coisas, sístoles e diástoles de tudo o que vive e se move e aspira ao retorno ao seio do seu Criador.

Longos foram os dias e as noites que caminhamos juntos. Muitos foram os ventos que enfunaram as velas do barco em que nos fizemos à aventura dos mares, à aventura da vida. Ideal que jamais me abandonou. E que hoje, enfim, chega comigo a esta noite, a este porto, a este cais. Para ensinar-me a recolher as velas? Não. Por certo que não. Mas, ainda e sempre, para aprendermos lições de partidas. Para a elaboração de outros roteiros. Para a infindável viagem que só terminará quando houvermos consumado a nossa experiência e o nosso aprendizado do Planeta Azul.

Com a graça de Deus.

Muito Obrigado.

ALENCAR E SILVA E O SOL DE DEUS*

Max Carphentier

Senhor presidente Oyama Cesar Ituassu da Silva,

Senhores Acadêmicos,

Senhoras e Senhores,

Uma Inteligência inefável dirige as instituições mais elevadas do homem. E essa Inteligência, como um sopro mágico, vivifica, de tempos em tempos, as instituições (que prosseguem através das crises) e os homens (que crescem no curso dos mistérios). É a sabedoria que atravessa a evolução, assegurando a permanência e a vitória do destino humano. É o inconsciente coletivo que resgata e renova o compromisso que toda a estrutura social tem com a verdade e a beleza dos altos ideais.

Nesta noite, essa Inteligência, que mantém de pé as torres de vigia da sociedade, sopra sobre nós sua aragem vitalizadora, e dá-se então, e transcorre magnificamente entre nós mais um sopro do Espírito. É que chega para ficar, em nossa Casa, o nosso irmão e irmão de todas as luzes, o Poeta Alencar e Silva. Chega-nos agora, quando nos podia ter chegado antes. Não reclamo, no entanto, porque – assim como a ninguém é dado antecipar o instante do nascimento do sol – não cabe às instituições discutir o momento em que lhes chegam os aportes da inspiração e do alento transcendente, eis que esse tesouro está sob a guarda de Deus. Além do mais, o Poeta, se antes nào chegara, foi porque não o permitira o seu compasso interior, ou melhor, foi porque se demorara na sua especialíssima cadência de viver. É o que ele próprio confessa no seu "Cantar de Andarilho", quando diz:

Não tenho pátria
Determinada
Nem tenho pressa
Nesta jornada:
Só esta sede
Que tem meus olhos
De ver e ver
E este incontido

* Discurso pronunciado na noite de 07.08.92, quando da posse de Alencar e Silva na cadeira nº 23 da Academia Amazonense de Letras.

Impulso de asas
sobre meus pés
Minhas sandálias
Cobrindo o mundo
Que descobriram
Pé ante pé.
Minhas sandálias
Vão-se ficando
Pelos caminhos
Da minha fé
Arde em meu rosto
O sol de todos
Os continentes
Todos os ventos
Já visitaram
Minhas narinas
Todas as águas
Já circularam
Dentro de mim
Em minha fala
Todas as falas
Se misturaram
E nos meus olhos
Os céus mais vários
Se despejaram
Não tenho pátria
determinada
nem tenho pressa
nesta jornada
só esta sede
que têm meus olhos
de ver e ver
e este incontido
impulso de asas
sobre meus pés

Senhores, eis neste poema confessional talvez a súmula da experiência humana de Alencar e Silva. Trata-se de um homem peregrino, silencioso, pausado, como se tivesse passado a vida a caminhar sobre as lajes de lugares sagrados, entre anjos adormecidos. Mas percebendo tudo do universo que o rodeia, porque seus olhos têm ânsias de atingir todas as essências. Mas elevando-se acima das perplexidades da vida, porque nasceu semelhante a um pássaro, dotado de asas e de canção no peito. Mas calçando sandálias que, se têm a duração de pervagarem o mundo e, ao mesmo tempo, a doação de se irem ficando pelos caminhos, são sandálias dos desertos da revelação. São sandálias de apóstolo. Apóstolo da Poesia, que é o rito mais íntimo de todas as religiões. E como o poeta é cidadão do mundo e está em todas as latitudes, a luz do sol, mesmo nas noites fundas, jamais se afasta do seu rosto. E como o poeta fala do sentimento das coisas, é pela sua língua que nos comunicamos com as dimensões invisíveis. E como o coração do poeta, no plano terreno, é um refúgio das dores, ele pode dizer que todos os céus "se despejaram nos seus olhos", isto é , que deixou que as dores transitassem no seu coração e vazassem pelo seu olhar.

Esse rápido perfil que faço do novo Acadêmico, e que contém traços comuns

a todo grande artista, acrescenta-se das palavras de Ramayana de Chevalier, que testemunha: Alencar e Silva "ama o mundo e vibra com as emoções despertas, como as flores mais sensíveis do seu jardim de esperas". E eu digo: espera, Poeta, que a tua espera, tal como a esperança, é dotada do movimento harmônico e tranqüilo que prepara a matéria essencial do futuro e às voltas das esferas mais sonhadas pela vida.

Mestre da minha juventude, que tantas vezes procurei sob a fronde do Clube da madrugada, Alencar e Silva é para mim a encarnação mais gentil do silêncio, a eloqüência da ternura por detrás de um óculos. Quem vive ao seu redor parece que entra imediatamente num círculo superior da existência.

Mas, Senhores, como sabeis, um artista não é somente a dimensão humana, pessoal e contingente. É também, e com maior importância, um processo criador intransferível, radicado na beleza, e que serve para a humanidade de verdadeira ponta da consciência evolutiva. Vejamos um pouco desse processo criador que é Alencar e Silva.

Em 1952, o Poeta deu-nos "Painéis", de inspiração simbolista, em que sua alma – exposta entre músicas poderosas e imagens surpreendentes – demonstrou estar afeita aos preceitos técnicos e às vertigens contemplativas que fizeram de Cruz e Sousa, no Brasil, o príncipe negro dessa escola, em que se encontra "la music encore et toujours". Sobre os poemas deste livro, diz Aristóphano Antony: "Ele os seleciona com o melhor bom gosto e, à semelhança de Verlaine, quando mistura amor profundo ao sagrado, "é para plantar, no mesmo canteiro, rosas de pecado e rosas místicas". É muito significativo e feliz que a cadeira hoje ocupada por Alencar e Silva tenha Cruz e Sousa como Patrono. Deve haver aí a predestinação do encontro de duas grandes vidas, cada qual com seu quinhão peculiar de extase e vígilia.

Treze anos depois, o poeta apresenta-nos "Lunamarga". O que há neste livro, gotejando já desde o título, é um transbordamento de amargura prateada, uma experiência transfiguradora diante dos mistérios. Foi certamente em "Lunamarga" que Alencar e Silva comungou sozinho, pela primeira vez, o pão mais secreto de sua própria condição humana, e bebeu o cálice que ainda hoje se derrama interminavelmente da rocha noturna, para que toda a angústia seja princípio de salvação na Divindade.

Para encontrar esse primeiro pão de última ceia, que permite nos alimentarmos de nós mesmo naquilo que herdamos da Origem, cumpre encetar a busca que é verdadeira peregrinação

desoladora entre sombras que negam e que escondem, prometem e desfiguram a nossa fisionomia interior. É neste livro que o Poeta nos faz dura revelação sobre a difícil e inarredável missão de se encontrar a si mesmo. Diz ele: "Dentro de um poliedro de mil/faces o meu rosto se move horrorizado sem se encontrar em nenhum dos espelhos." É o rosto que pensamos ter tentando ele próprio encontrar o rosto verdadeiro. E o aparecimento desse rosto autêntico exige que tenhamos a coragem de olhar de frente a temível e salvadora luz de sangue e espinho que jorra da cruz para nossa remissão. E remissão quer dizer o resgate e a prevalência de nossa única e eterna imagem verdadeira. Para padre Nonato Pinheiro, em "Lunamarga", "O aedo faz sua profissão de fé (...) , sem as demasias frondosas dos românticos e o luxo bizantino dos parnasianos".

Fruto ainda desses momentos graves de sua própria decifração, de seu dilacerar-se nos confins da busca, é o livro "Território Noturno", publicado no Rio de Janeiro, em 1982. Nesta obra, sua maturidade existencial e sua vivência poética conseguem verdadeiros prodígios de comunicação profunda. Esse estado de plenitude melancólica e sábia, que debruça o ser do Poeta sobre as mais variadas paisagens da vida, gravita na perfeição de sonetos eternos, como este "Soneto de Evocação", que digo para os senhores:

Que me fez evocar tua face ausente
E teus olhos e encantos já mudados
E cantar este canto em que ressurges
Esculpida em martírio e solidão?
Foi a flor que colhi sem cheiro algum?
O som que me chegou anoitecendo?
A lua que lembrando uma outra Ofélia
me fez buscar tua face de afogada?
Pobre amada, o mistério se desvenda
e se faz claro como fio de prantos
que abre rios de luas em teus rosto:
esta canção nasceu de tua presença
de fonte dolorosa e ave ferida
que canta enquanto mais lhe punge a vida.

Depois, em 1986, o "áspero caminho" de seu lunar sacrifício é subitamente invadido por Vésper diamantina, pela quase direta luz de Deus. E deu o Poeta o nome de "SOB VÉSPER" a este livro que marca o início da sua libertação da angústia necessária. A Vésper sob a qual o artista se coloca não é aquela que, presente no crepúsculo, anuncia a noite, mas é aquela que, presente no momento da alvorada, prenuncia o domínio da luz, na fronteira entre o último vestígio da noite e a primeira cor do dia. A palavra exata sobre esta obra vem de Elson Farias, que observa: "Neste livro persiste o traço predominante na poesia de Alencar e Silva, o tom noturno,

a sonoridade coral, a cadência de prece, mas agora como que realimentada por uma luz de aurora, que ao incidir sobre as coisas e os seres e os fenômenos da alma, redescobre ângulos e matizes até então irrevelados, intimidades não vividas, essências que se mantinham esquecidas nos recantos onde raramente se insinua a sede dos olhos ao investigar o inédito e o intocado."

O exercício da crônica também sempre esteve presente na atividade literária do distinto Acadêmico. E ele então enfeixou crônicas e poemas em prosa no volume "NOTURNO APÓS O MAR", de 1988, do qual honrosamente fiz o prefácio, em que digo: "Alencar e Silva pertence a essa corporação restrita de reveladores-salvadores do divino-humano, dos que, esperançosamente sós, se fortaleceram e se consumaram, e se aceitaram majestosamente tristes, sabiamente sombrios, numa estratégia apostolar milimetrada, para poderem preparar, a partir mesmo do cerco das sombras, a hora da alegria."

Isto posto, Senhores, a grande notícia que lhes quero dar sobre a produção de Alencar e Silva é a respeito do livro "SOB O SOL DE DEUS", que vem comprovar, a partir do título, o processo pessoal de iluminação que tomara fôlego em "SOB VÉSPER". Agora, aquele que buscava afinal encontrou a luz clemente. Agora, vê-se, com clareza, que toda a poesia do mestre que hoje recebemos em nosso meio é uma estrada paulatina de redenção, de salvação compartilhada, em que o poeta não só salva a si mesmo, mas salva também as coisas que ama. Cada livro seu marca um ponto da sua evolução, e aí cada livro é um testemunho irrepetível que anseia pela comunhão com os outros homens. Isso explica por que Alencar e Silva, desde sempre, fugiu dos modismos e da construção fácil, da notoriedade vazia. Vejo nitidamente que a extensa criação do nosso artista demonstra a sua existência como sendo a de um rosto que foi chamado a olhar para dentro de si mesmo e para o alto, e veio vindo, aos poucos, no ritmo reservado à Graça – sabendo cada vez mais de si e cada vez mais do nosso Criador, conhecimentos inseparáveis – até o ser e o rosto se banharem da aproximação divina. Sintamo-nos felizes, constatando a sua linha de ascensão, nós, que sabemos que o Poeta esteve uma vez sob a LUNAMARGA e agora se encontra SOB O SOL DE DEUS. Antes havia uma lua triste pela noite densa. Hoje, há um sol feliz de dia interminável.

O notável Jung, que conhece tanto quanto ou mais que Freud o homem e a vida, escreveu a respeito da natureza do poeta:

"É evidente que o artista deve ser explicado a partir de sua arte, e não através das insuficiências de sua natureza

e de seus conflitos pessoais. Estes não são, muitas vezes, senão as conseqüências lamentáveis do fato de ser ele um artista, isto é, um homem ao qual coube um fardo mais pesado do que aquele que é carregado pelos demais". São palavras de Jung.

Pois esse fardo mais pesado não aturdiu nem desencaminhou o nosso Poeta. Ele soube, felizmente, que, para triunfar desse jugo, que ele mesmo chama de "peso tegumentar das fundas solidões", teria de viver ou a beleza da fé ou a fé da beleza. Escolheu e viveu as duas, e hoje é, abençoadamente, um homem de fé e um eminentíssimo Poeta. Este é um momento importante para os seus amigos nesta Casa, para todos quantos têm a felicidade de conhecê-lo e de viver com ele nas dobras do seu canto como sob as asas de um pássaro imortal. A glória de Alencar e Silva é a de salvar a sua alma ao mesmo tempo em que distribui a beleza para nós. Ele aprendeu o sentido da fraternidade do canto, e, assim, de sua canção participam todos os homens, a lua sua irmã, o sol seu amigo, o rio da sua infância, o mar das suas naves perdidas e o seu sonho e a sua vida, tudo afinal vitorioso, tocado pela Alegria, que é o nome do sol de Deus!

Sê bem-vindo, Poeta! Muito Obrigado!

NA CADEIRA DE INGLÊS DE SOUZA*

Josué Cláudio de Souza

Exmas. Autoridades,
Exmas. Senhoras e Senhores
Ilustres Acadêmicos

1. Prólogo

Devo a Deus minha presença nesta casa de Pericles Moraes neste momento de posse na cadeira 36, cujo Patrono é Inglês de Souza, um pouco aos meus 61 anos de jornalismo afeiçoado ao bem-estar social de nosso povo, e outro tanto aos ilustres acadêmicos que, agora, me consagram como titular, na fala de meu velho e prezado amigo acadêmico João Mendonça de Souza.

O Jornalista em tudo que faz tem ânsia de perfeição formal. Diria que tem a adoção permanente, estética e objetiva, de mestres da imponência de Assis Chateaubriand.

Aos meus pais, devo o que sou: um homem de fé em Deus agradecido e identificado com a filosofia da sociedade em seu sentido de progresso, de ordem, de renovação no melhor para a cultura nacional. Minha vanguarda é a do homem enobrecido com dignidade. Polêmico, discutido, na afirmação do comportamento democrático das classes sociais.

Não fui jamais um jacobinista insuportável. Sempre me achei na trincheira dos que lutam contra os elementos desagregadores de nosso desenvolvimento. Contra os dogmatistas e imobilistas do formalismo estéril, de quando em quando impingido aos menos avisados pelos demagogos de uma politicalha estagnada e deformadora.

O objetivo da produção intelectual tem de ser autêntico. Tem de ser efetivo, em qualquer parte do mundo, como alavanca de transformação dos reais conteúdos morais, sociais e políticos da sociedade. Porque não será jamais na reação dos estímulos intolerantes que seremos auto-suficientes em cultura, na direção de uma sociedade mais aberta.

Aqui me encontro de bem comigo mesmo e com os meus ilustres confrades

* Discurso proferido em 11.04.91, quando da ocupação da cadeira n.º 36, cujo Patrono é Inglês de Souza.

acadêmicos porque sei que sempre fui um atleta da boa imprensa. Um cronista afeito aos fatos que dizem respeito ao que necessitamos saber divulgar e discutir no mais idôneo e mais exato.

Fui um repórter que sempre me respeitei na coleta de notícias satisfatórias ao nosso público. Iniciei-me nos diários e rádios associados e lá cheguei a redator na brilhante companhia de jornalistas e escritores como: David Nasser, Guilherme Figueiredo, Edmar Morel, João Calmont e tantos outros. Há quarenta anos consecutivos escrevo e leio a crônica do dia da cidade de Manaus, a nossa querida cidade risonha, como magistralmente a batizou nosso saudoso acadêmico Raul de Azevedo.

Sou catarinense de nascimento, mas o maior período de meus anos de vida está neste grande e querido Amazonas de meus filhos, de minha família, de minha alma e de meu coração. Sou um dos seus. Cheguei. Tomei a água do lendário rio Negro. Nele estou e ficarei eternamente.

Fui, sou e serei, enquanto vida tiver, um intelectual intimamente associado às questões intransferíveis do povo. Daí os meus mandatos de deputado estadual por três vezes, deputado federal também por três legislaturas, prefeito municipal e senador da república por um ano, tendo exercido vigilante ação em nome das massas. Sou um jornalista que, diariamente, em minha crônica do dia, falo para o povo e por ele. Meu sentir é uma ação insofismável do meu realismo. Meus debates e reivindicações são a minha única maneira de oposição ao que lhe não é adequado. Como representante do povo, quer nos meus trabalhos na imprensa falada, quer nos da Assembléia Legislativa, quer nos da Câmara Federal, quer nos do Senado Federal, minhas alegrias são minhas glórias.

Jamais usei de artificialismo, de tautologia ou de obscurantismo quando o defendo na melhoria da situação social e da ordem econômica. Não o deixo relegado à vala comum das humilhações abjetas e freqüentemente alienadas das ocorrências atuais. Porque este sempre foi o meu comportamento. De certa feita ao romper com um governante de nosso Estado. Ainda que vivesse ao nível das recepções de estímulo partidário, sem vê-lo transformado em ato social – popular, nunca, em tempo algum, aceitar-me-ia como um político respeitado em cena.

A demagogia, para mim, é uma afasia só possível nos discursos superficiais do embuste e da felonia. Especificamente não é uma vanguarda intelectual. É uma forma espúria de manifestação usada na mafiosidade dos mumificadores do saber. E nisso está o velho adágio: "Dize-me com quem andas que eu te di-

rei quem és". Sou um partidário de meu partido porque nasci acompanhado de companheiros com sinceridade altaneira nos atos indesmentivelmente sociais e democráticos.

Estudei Ciências Sociais e Políticas. E deixei de ser um bacharel em Direito para ser um jornalista porque, muito jovem ainda, me fiz leitor fidelíssimo de escritores da notabilidade de Sílvio Romero, de Capistrano de Abreu, de José Veríssimo, de Machado de Assis, de Silveira Martins, de Coelho Neto, de Humberto de Campos, de Olavo Bilac, de José de Alencar, de Gonçalves Dias e de Cruz e Souza, este último considerado o poeta maior de minha terra natal.

Fui e sou admirador de saudosos confrades deste silogeu: Perícles Moraes, João Lêda, André Araújo, Waldemar Pedrosa, Aderson de Menezes, Djalma Batista e tantos outros que comigo se fraternizaram em pensamento e amizade. E porque, por vocação e apreço, me fiz um genuíno amazônida é que escolhi para meu patrono, neste areópago de eminentes tradições, o grande Inglês de Souza, glória de nossas letras planiciárias e fundador de nossa vetusta Academia Brasileira de Letras.

2. Inglês de Souza

Sou um expressionista da natureza amazônica. Evangelizei-me em sua portentosidade. Amo-a. Como admiro e louvo os seus celebrantes: arqueólogos, etnólogos, historiadores, ensaístas, poetas, romancistas, sociólogos e cientistas. Socorro-me de suas *nuances* mínimas e sutis. Deixo-me viver em suas fronteiras, de tempo e de espaço, objetivado no comportamento dos movimentos de superestrutura cultural, política e social diante dos infra-estruturais.

Nessa distinção pesquisei e encontrei a origem amazônica de meu patrono. Realmente, Inglês de Souza nasceu em Óbidos, no Estado do Pará, aos 28 de dezembro de 1853, e faleceu no Rio de Janeiro, aos 06 de setembro de 1918, precisamente aos 65 anos de idade, quando a vida lhe sorria em glórias literárias, e celebridade acadêmica e jurídica.

Herculano Marcos Inglês de Souza, filho do Desembargador Marcos Rodrigues de Souza e de D. Henriqueta Inglês de Souza, é de origem oriunda dos naturais do norte da Itália e do sangue português. Seu pai foi juiz de Direito no Amazonas. Agassiz o cita no *Viagem ao Brasil* pela maneira fidalga de hospedagem na cidade de Parintins. Aposentou-se, muitos anos depois, como desembargador da relação de São Paulo.

Do lado materno, cuja raiz se entroncava no velho Major José de Brito Inglês, defensor da libertação do escravizado silvícola dos abusos desumanos de colonos e autoridades, é que lhe veio o

pseudônimo de Luís Dolzani, adotado em suas primeiras obras literárias.

3. Da obra literária e jurídica

Da vida criativa de Inglês de Souza, exemplar e notável em lições de saúde e beleza, anoto-lhes estas que respiram o verde de nossa Amazônia e o aprumo dos movimentos e gestos, harmoniosos e firmes, do Brasil inteiro. Ei-las, pois, por ordem de surgimento e de arte no campo da literatura:

– *História de um pescador*, São Paulo, 1876; Coronel Sangrado, Santos, 1877; *O Cacaulista*, Santos, 1888; *O missionário*, Santos, 1888; e *Contos Amazônicos*, Rio, 1892.

Tantos anos decorridos, e ainda hoje é pesquisado e interpretado em seus romances de enredos maravilhosos, onde encontramos a medida, o reflexo e o desenho objetivo de nossa Amazônia.

Seus livros respiram a labuta e consagração do seu Patrono Manuel Antônio de Almeida, o famoso romancista das *Memórias de um Sargento de Milícias*. Na opulência verbal e na inteligência textual, encontramos o evocador de nossa paisagem, da sonoridade e do ritmo de nossa tradição, do sentido objetivo da crítica fecundantemente nacionalista.

Inglês de Souza, porém, se ultrapassou desse pontificado romanesco para se imortalizar, igualmente, na valoridade incontestável destas suas obras de alargada consulta, ainda em nossos dias. Ei-las, consoante indicações bibliográficas de Fernando Nery no seu livro A *Academia Brasileira de Letras – notas e documentos para a sua história* (1896-1940):

Títulos ao portador, 1898; *Projeto de Código Comercial*, 1903. É fato que ao se iniciar na elaboração desses trabalhos já havia permutado o escritor pelo jurista.

Vale a pena recordá-lo nesse episódio. No seu valimento de Hércules, pensou marchar à frente e alargar-se na soberba caminhada. E assim foi: aprumado, soberbo, enrijecido e mestrial como excelente cultor do direito.

Daí porque sua vida foi, é e será um belo exemplo de roteiro venerável ascendente. Nos livros, procuramo-lo e o encontramos, às mãos de nossos intérpretes e leitores, fora das gavetas e estantes fechadas.

4. O naturalista e os intérpretes

O sol de Inglês de Souza é o do naturalismo de Emílio Zola, o mestre de *Germinal* e *La Faute de L'Abbé Mouret.* É um naturalismo vivido no cenário de fatos políticos, do regionalismo, de histórias e efeitos de sua repercussão na planície magnífica da solidariedade material e espiritual.

É um sol de brilho culminante na

última parte do século passado e no alvorecer do século atual, em cujo cenário estelar podemos anotar, no Brasil, a plêiade ilustre de Aluísio Azevedo (a partir de *O Mulato*, publicado em São Luís, em 1888; Adolfo Caminha (com *A Normalista* e *O Bom Crioulo*; e o nosso Inglês de Souza (com *O Missionário*, publicado em Santos, em 1888").

Nas influências recebidas de autores europeus, não podemos deixá-lo de sentir na funda intimidade ideativa de Erckmann-Chartriam, de Balzac, de Dickens, de Flaubert e Daudet. Isso, na verdade, é confirmado pelo próprio Inglês de Souza na entrevista concedida a João do Rio, através da Gazeta de Notícias e, posteriormente, reunida no volume intitulado – O Momento Literário.

Dos intérpretes, é conhecida esta famosa afirmação de Otto Maria Carpeaux, publicada em sua Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira, em fraca oposição ao que até então se havia atribuído às influências literárias oferecidas, por Inglês de Souza, em suas obras. Carpeaux, nesse sentido, assim o projeta no pioneirismo deste merecimento:

– "A fama de Inglês de Souza como representante do naturalismo no Brasil baseia-se no romance *O Missionário*, pela data de publicação dessa obra, ele seria "discípulo" de Aluízio Azevedo. Acontece porém que Inglês de Souza já era naturalista nos romances que publicou mais de um decênio antes sob o pseudônimo de "Luís Dolzani", numa época em que o naturalismo estava desconhecido no Brasil, mais ou menos no tempo de Franklin Távora. É, portanto, preciso considerar Inglês de Souza como o primeiro naturalista brasileiro".

Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, jurisconsulto, político e romancista, em sua vida, esses acontecimentos, jamais o afastaram do grande afeto dispensado ao município de Óbidos e à Amazônia. Isso de maneira autêntica, nos convida Victor Brinches, para bem considerarmos nestes períodos do seu Dicionário Bibliográfico Luso-brasileiro:

– "Apesar de ter dedicado grande parte da vida à política, chegando a ser governador do Estado de Sergipe e depois do Espírito Santo, ganhou grande popularidade sobretudo pela sua projeção nos meios literários, onde os romances que escrevia alcançavam facilmente boa aceitação.

A narrativa dos seus livros é sublinhada por um estilo simples, mas correto, e os seus personagens refletem tipos reais, que o autor soube descrever com extraordinária exatidão".

Autentiquemos, pois, essa constatação nesta magnífica análise do eminente Josué Montello:

– *O Coronel Sangrado* é o que melhor revela, nessa hora matinal, os pendores de romancista de Inglês de Souza. E é ainda aquele que confere a seu autor uma preeminência cronológica, na história do romance naturalista em nosso país.

Não obstante achar-se longe da Amazônia, Inglês de Souza situa nessa região, que era a terra de nascimento, o ambiente de suas narrativas. *O Coronel Sangrado*, embora correspondendo a uma narração completa, entrosa-se em *O Cacaulista*, de que constitui desdobramento. *História de um Pescador*, por sua vez, conforme indicação de seu prefácio, articular-se-ia a outros romances da série Cenas da Vida Amazônica, sem prejuízo de uma ação distinta. Mais tarde, Os Contos Amazônicos e O Missionário ajustar-se-iam à unidade do mesmo esquema, cuja estruturação nos faz lembrar as divisões em que Balzac acomodou o realismo polimorfo da Comédia Humana.

O romance é um tema de transmissibilidades. Inglês de Souza realmente foi um romancista regionalista do enredo romanesco que o interessava. Daí porque nesse entender, podemos de pronto, vê-lo nos prólogos e epílogos de seus romances naturalistas.

Claro, é simples esta verificação. Não creio, por isso que haja atualmente, dentro dos enredos romanescos inglesianos, alguém em oposição a esta segura conclusão de Josué Montello:

– Quase um decênio depois de aparecido *O Mulato* é que Inglês de Souza publica o romance que corresponde, na sua obra de romancista, ao livro da maturidade: *O Missionário*. Livro grande e derramado, contém ele, segundo depoimento de seu autor, cerca de cem páginas a mais e que o tornou espesso e palavroso. O realismo dos romances anteriores afirma-se neste romance dentro das coordenadas do naturalismo ortodoxo. A tese central do romance, que deriva dos seus episódios e ainda das palavras de seu texto, é a influência da hereditariedade no homem, tal como ocorre nos romances de Zola, na série famosa dos Rougon-Macquart. Dele diria Araripe Júnior que é um livro que entontece, embriaga e farta como uma bebida forte do Amazonas. E um crítico moderno, Olívio Montenegro, considerá-lo-ia como o romance mais organicamente vivo e completo da escola naturalista no Brasil.

Entre *O Coronel Sangrado* e *O Missionário*, abre-se e fecha-se uma parábola, dentro da qual emerge o talento de Inglês de Souza como um dos grandes mestres do naturalismo no Brasil".

5. Dos Capítulos Romanescos

Já é tempo de mostrarmos, de maneira contextual, o itinerário regional-

naturalista de Inglês de Souza na distinção da magistralidade literária e artística, a relembrança em que o monumentalizou o seu romanesco e destino. E nisso, o talento em que, longe de sua Óbidos, anexou nossa Amazônia aos verdadeiros traços dominantes em termos de municípios hinterlandinos.

Há, nas expressões de sua alma e de sua paisagem, fatos da vida política e social interioranas, ainda hoje, válidas nesta contínua transmissão de hábitos e costumes:

– "O tenente-coronel Severino de Paiva Prestes, comandante do Batalhão da Guarda Nacional do município de Óbidos, depois que subiu o Partido Conservador em 1869, era um bom homem, embora a sua mania napoleônica e o seu rigorismo em matéria de disciplina lhe tivesse criado alguns desafetos".

– "A Guarda-Nacional e as eleições eram as duas coisas que mais o preocupavam, e que tinham o poder de mudá-lo completamente, transformar-lhe o caráter e alterar-lhe profundamente os sentimentos".

"Também não havia em Óbidos homem mais popular do que ele. Toda a gente pobre sabia que encontrava no Severino estas duas coisas: remédio para as suas doenças e cadeia para as suas faltas à revista.

Costumava também ele receitar muitas sangrias, e como sucedeu que em alguns casos patológicos não fez mais do que aliviar os males do doente, o Dr. Benevides, médico peruano estabelecido no Amazonas, e ao que parece lido em *lesage*, apelidou-o de *Tenente Coronel Sangrado*".

"Foi assim que o honrado Tenente-Coronel Severino de Paiva ficou geralmente conhecido pelo *Coronel Sangrado*, alcunha injuriosa e que lhe recordava tristes coisas, mas o povo nem sempre é generoso, e habitua-se facilmente às coisas em que se acha graça".

Senhoras, senhores:

Como dizia Inglês de Souza, "querer é poder ; o impossível é um adjetivo de tolos." Quis e hoje sou um amazonense na luta de engrandecimento econômico, político e social de nosso Amazonas. Aqui me encontro há 50 anos. Aqui ficarei. Aqui cheguei ao tempo dos famosos *vaticanos* de quatro andares . Dos gaiolas e chatinhas, já me habituei ao nosso tucumã, à nossa pupunha, ao nosso taperebá, ao nosso açaí e bacaba, ao nosso ingá e caju, ao nosso ananás e bananas de todas as qualidades: S. Thomé, Pacovã, Inajá, Maçã, Prata e Baié.

No meu café, sempre estão presentes a macaxeira, o cará, a batata doce, a farinha de tapioca, etc. No meu almoço ou jantar com pirarucu de casaca ou desfiado, caldeirada de tambaqui ou tucunaré,

nunca me deixo ficar sem o sabor da farinha do Arini e do tempero do tucupi e pimenta. Adoro um bom paxicá de tartaruga e não saio, de quando em quando, dos inesquecíveis passeios ao Careiro e Cambixe, ao Autazes, e do Paraná da Eva, ao Lago do Rei e costa do Solimões, do Janauacá e do Manaquiri.

Ilustres Confrades Acadêmicos:

Daqui para frente, sou membro-titular deste sodalício. Sempre lhe devotei grande estima. Tanto na fase expressionista de Péricles Moraes quanto na então presidência de meu ilustre e prezado confrade acadêmico Mendonça de Souza.

Confesso-vos que, agora em vossa companhia continuo a ser o intelectual que, ontem quanto hoje e sempre, entre a tradição e a democracia nunca tomou conhecimento do que seja adversidade.

Em meu idealismo de alma forte, de atos no típico aspecto de raça e de civismo, minha crença e luta se afetivam em decisões de ordem e de atitudes em prol do progresso de nossa pátria. Somente deixarei de ser o intelectual, o jornalista, o político e democrata de fidelidade perene ao meu país quando a morte começar a me arrastar para um outro mundo e a vida já me haver sido cerrada.

Repito-vos, com muito orgulho: neste sodalício me encontro como um dos vossos, porque, na verdade, sempre lhe fui afeiçoado da história social e espiritual. A Academia Amazonense de Letras, para alegria e orgulho de todos nós, na distância de 73 longos anos de existência, é uma grande voz de humaníssima trajetória na força ideal de elevação literária de nosso estado e do *Brasil.*

Muito Obrigado.

DISCURSO DE RECEPÇÃO*

João Mendonça de Souza

Senhor Acadêmico Josué Cláudio de Souza

Não foi em desafios de testemunhas e juízes que, ao atingir a beleza da aurora de vossa juventude, na vocação de jornalista, vos destes a essa profissão com o entusiasmo dos argumentos. Ao tempo dos vossos plantões redacionais em Santa Catarina, no Rio de Janeiro e no Amazonas, sobretudo, vossa sutileza jamais se revelou em prélios falhos de ética. Vossa trajetória, nesse sentido, sempre se eminenciou de elucidativa consciência do dever cumprido.

É certo, por isso, que em vossas contendas movimentadas de inteligência não vos deixastes retratar na galeria dos "Príncipes da Insolência". A volúpia desabrida e sensacionalista do insulto não vos levou jamais a imitar a contundência impiedosa de Carlos de Laet ou de Camilo Castelo Branco. Não fizestes uso do anatoliano ironismo do fulgurante Carlos Lacerda. Nem do então temido panfletismo chicoteante de Antero de Quental.

No Amazonas, na igual bravura e altivez do crítico de Legendas e Águas Fortes, pode-se elencar o reverberante Heliodoro Balbi. Na forma e no estilo, um bravo em fulminar o ofensor. Foram grandes nomes do jornalismo regional. Enobreceram-se em combatividade e destemor. Claro, sem as vísceras do opositor. Sem a pusilanimidade mórbida da injúria. Nos duelos acima, sem ofensas espúrias, porfiavam em mostrar instrutiva cultura e talento.

Na vossa arte de escrever, com mestrial sentido estético, o jornalismo, literariamente, se evidencia esmaltado e brilhante. Em especial, nos propósitos do elogio temperado em motivos de confraternização. Até hoje, este há sido o vosso estilo de vida e de firmeza no plasmar das vossas idéias e dos esclarecimentos. O vosso humanismo, nos mandamentos da Bíblia, vos conduziu

* Discurso de recepção ao Acadêmico Josué Claúdio de Souza, preferido em 11.04.1991.

a esse jornalismo de propósitos construtores no amor, no perdão, na flexibilidade vivenciada do melhor em acertos de transparência e de limpidez.

Escrever bem, em vosso conceito, é amou ao próximo como a si mesmo. Daí porque a polêmica jamais foi uma forte característica do vosso jornalismo. Daí porque nunca foi uma arma predileta de vossa lógica nobilitante, expressiva e oportuna. Nas vossas crônicas não há o grotesco, o depreciativo. Tendes, como João Leda, em "Nossa Língua e seus soberanos", um só desejo, uma significação única: Escrever para não ofender o brio dos polemistas da intriga. Tendes altivez e dignidade para não aumentar as dores das honras ofendidas.

Não é o excesso de incursão nos gêneros literários que me agrada ver no valor cultural de um escritor. Na verdade, é a importância do merecimento criativo. Daí porque vejo, em vossa evidência intelectual, um itinerário que, em vós, é glória, talento e bodas de ouro: o Jornalismo. É o vosso universo de êxito. O motivo essencial de vossas manifestações mais significativas. Maiores no afirmar e no empenho de uma satisfação mais adulta.

Éreis ainda bastante jovem quando vos aceitastes nesse virtuosismo de privilégios na sedimentação do saber. Fostes, assim, de início, nos artigos de jornal, um adulto em convicção de que todo homem de imprensa deve ser uma expressão consciente do seu povo e do seu tempo. Tínheis, em vosso pensamento, este lema de personalidade e direção: Só o amor, sem obsessões nefastas, engrandece um escritor nos embates de responsabilidade e ventura.

Soubestes refutar um mundo de falsos privilégios, para assumirdes uma vida de caminho autêntico: válido na apostura, sem os espúrios protestos do mágico e do trágico. No vosso enlace com a cultura e a sociedade, procurastes, sempre mais, distanciar-vos da ficção. E por isso, nesse sentido, evoluístes na verdadeira natureza de um homem recompensado. Jamais atingido pelo inconexo dos fariseus.

Como Eça de Queiroz, fazeis de vosso longo período de jornalismo uma Literatura militante de compreensão social. Sem dúvida, porque sois excelente tradutor das vicissitudes de nossos ribeirinhos e interioranos. Da angústia dos sem água e sem luz de nossos bairros proletários.

Penso que, nessa estima, não vos estou a revelar ensaiadas biografias. Uma vez que, nesse intento, sei que não vou além de ligeiros enfoques acerca de vossa grande obra jornalística. Obra acentuada e aplaudida no período de 50 anos, e de plena mestrialidade. Obra que,

por largo, vos acentua na admirável atuação lecionativa aos jovens que então se iniciam na brilhante carreira da comunicação radiofônica.

Quem vos deu a oportunidade, para o grande salto de vosso surgimento, como dos pioneiros da moderna imprensa falada, em nosso Amazonas, foi o bravo e saudoso construtor dos Diários e Rádios Associados, o jornalista Assis Chateaubriand, carinhosamente chamado de o Velho Capitão. O jornalismo é hoje universitário e acadêmico. É, já agora, e para sempre, entendido como literatura valorizada do saber cotidiano e noticioso, analítico e criativo em textos privilegiados de opinião pública.

Chegais a esta Casa do inesquecível Perícles Moraes, com uma valorosa e valiosa obra jornalística. Uma obra que se engrandece e solidifica em cultura nacional. Que é Brasil em comunicação de massa. Identificada, com a defesa da democracia em termos irreversíveis de sustentação e direção. Vivida com reconhecido e aplaudido talento social e político.

Sem dúvida, sois um vigilante combatente na vanguarda da resistência polêmica: quer com objetividade no papel do intelectual diante de problemas como o da invasão de ideologias alienígenas e nocivas em nossa cultura, quer em relação ao esclarecimento de nosso regionalismo como fonte geradora da singularidade e da estratégia de nossa presença na integração histórica de nosso desenvolvimento, até então retardado e deformado no imobilismo dogmatista dos celebérrimos discursos de ecologia estrepitosa.

Fostes ao tempo da mocidade, no curso de Direito, um fascinado pela Amazônia do "Cobra Norato", de Raul Bopp, do "Macunaíma" de Mário de Andrade, do romanesco de "A Selva" de Ferreira de Castro, dos "Contrastes e Confrontos" de Euclides da Cunha, do "Terra Imatura" de Alfredo Ladislau, do "Inferno Verde" de Alberto Rangel. Igualmente, fostes leitor assíduo dos trabalhos científicos de Barbosa Rodrigues, de Couto de Magalhães, de Tavares Bastos, de Agassis e de La Condamine.

Mas, foi no mestrial Raimundo Moraes que vos estonteastes no lendário inigualável de nossa região. E foi no "Carvalho e Roseiras" de Humberto de Campos onde vos abeberastes da eminência romanesca de vosso patrono, o insigne e imortal Inglês de Souza.

Entre as características de vossas crônicas, aplaudidas, que figuram não apenas no valor do espaço noticioso, mas na validade e importância da análise de nossa vida social, está vossa existência jornalística na autêntica maneira de se

mostrar sob o ponto de vista literário e artístico. Sois um intelectual sem a acidez contingente e precária que desarruma idéias e se perde em tendências dissolventes e corrosivas.

Nos quarenta anos de vossa existência em nosso Amazonas, tendes sido um amazônida construtivo, a arrumar e a explicar fatos, vezes muitas, pessoais e explosivos, em vossa excelente função de cronista de nosso dia-a-dia. Sois um homem produtivo em prol de nossa paz democrática. Um escritor útil e ponderado na hierarquia da disciplina mental.

Vossa presença, em nossa literatura e política, ocorreu ao tempo em que aqui chegastes para dirigir o nosso vibrante JORNAL DO COMÉRCIO, decano de nossa Imprensa escrita, e órgão, então, em Manaus, dos Diários e Rádios Associados.

Surgistes, em nossa imprensa, com entusiasmo, fé, audácia, talento e ação a esmagar os céticos de nossa atual e estrondosa recuperação econômica. Apostastes em nosso progresso e aqui conosco ficastes. Hoje, em subida da Zona Franca e da Universidade do Amazonas.

A partir do surgimento da Rádio Difusora do Amazonas, pioneira da renovada imprensa falada, em nosso Estado, e da qual sois o idealista e criador, com vossa crônica, diária, da Cidade de Manaus, vos tornastes, não apenas mestre de uma escola radiofônica das mais representativas; mas, na verdade, um artífice na forma de nos oferecer, contra os pessimistas e derrotistas, inteligência, cultura, diversão como fonte de alegria e de riqueza espiritual.

Não será, por isso, demais insistir que, por hábito e formação, vos tornastes um educador de nossa, hoje, também chamada Universidade aberta. A comunicação radiofônica e televisiva é, presentemente e para sempre, uma escola de educação em todos os lares. Com ela é preciso fazer o que tendes feito em toda a vossa já longa vida: enobrecê-la. Elevá-la em otimismo de idéia cívica. Torná-la sempre capaz de reprimir o reles, o demagógico tedioso e nocivo.

Necessitamos dar ao povo, através do rádio e da televisão o que lhes tendes oferecido em resumos de culto artístico e virtudes do espírito. Se reunidas em livro, quantos volumes somariam vossas crônicas de preparação e valorização literária, política e social?

Como magistralmente nos leciona o inesquecível Augusto de Castro, "o excesso crítico não é apenas uma expressão de pobreza intelectual; é também uma toxina moral. O homem exalta-se pela imaginação e o espírito crítico estiola a imaginação".

Vossa virtude política e vossa vocação literária, como bem acentuastes em vosso discurso, ao contrário dos predispostos ao exaspero crítico, jamais se aceitaram no derrotismo das adversidades. Vossa fala, há muitos anos pela vossa Difusora, é uma alegria em público. Estreita-nos numa ligação de continuidade e permanência em nossa história de enobrecimento cívico e intelectual.

Ao meio-dia, cotidianamente, para os que se acostumaram a vos ouvir, vossa crônica é uma comunicação de bom-senso a desarmar os boateiros e deletérios da indigesta perturbação moral e social. No caso, porque, nas vossas falas noticiosas, por estima e consideração ao nosso povo, só lhe ofereceis sentimentos elevados e pensamentos sãos.

Em quarenta longos anos de Amazonas, tínheis que ser um dos nossos em vossas adaptações. Tínheis de sentir o País das Pedras Verdes, o Eldorado de cientistas e aventureiros como Orellana, o primeiro a percorrer o Rio Mar, do Napo ao Atlântico, com o ânimo das inteligências despertas e o balanço aberto das reivindicações luminosas de nossas manhãs tropicais e da geografia agitada de nosso vastidão de Rio Mar.

"E se, de fato, aqui se fala na beleza ornamental perdida nos modelos cerâmicos da nossa arquiavó tapuia, mestra admirável e comovida de artes plásticas, também se fala na civilização a que atingimos fulgurantemente agora dentro dos muros citadinos das capitais do Pará e do Amazonas".

Na complementação desse belo trecho de Raimundo Moraes, é fato que, já agora, também o Acre e Rondônia, Roraima e Amapá, nesse caminho, surgem em belas aleluias de solos cultivados, em subida de povoamento e de futuras metrópolis, com todos os magníficos recursos da arte, da ciência e do progresso.

Em substituição às malocas de palha, em nossas modernas Belém, Manaus, Rio Branco, Porto Velho, Boa Vista e Macapá, estão a surgir belos edifícios de muitos andares. O mundo verde da Amazônia, entre o Pacífico e o Atlântico, se transforma, se engrandece de maneira inequívoca. O Amazonas, sem estórias lendárias, funambulescas, dramáticas, avulta em acontecimentos de progresso, agora, mais ainda, com o Comando Militar da Amazônia, nossa Marinha de Guerra em nossos rios, nossa FAB nos distantes rincões de nosso Território, o Colégio Militar e a Zona Franca de Tabatinga, entre a Ramon Castilhos dos peruanos e a Letícia dos Colombianos.

Deixamos de ser o Amazonas da lenda, do porto de lenha, da ironia sardônica ao nosso caboclo. Hoje temos inte-

lectuais, como vós, a desfraldar a bandeira que nossos antepassados ergueram, a afrontar a debacle da borracha, numa continuidade de combate aos nossos negadores em fuga, batidos e vencidos.

Tudo isso que agora temos, em alegrias e venturas, também é uma luta vossa de quarenta anos. Repetimos, como um dos nossos, a comer de nossos peixes, de nossos frutos silvestres, no fito de transmudar a caricatura que os então cronistas faziam de nossa terra e de nossa gente.

Hoje não sonhamos quanto ao futuro de nossa região. Agora temos convicção, e proclamamos, que nossa Amazônia está, realmente, capaz para refusar a burla das induzidas e insultuosas cobiças internacionais. Estamos livres dos futurólogos, dos lagos artificiosos e prejudiciais ao nosso bem-estar social e progresso. Nesse sentido, leiam-se os corajosos e notáveis pronunciamentos de Arthur Reis, Mário Ypiranga, Samuel Benchimol. Este, no erudito e belo livro intitulado: Zona Franca de Manaus: a conquista de Maioridade.

Formais, sim, sem ruidosa propaganda, ao lado dos amazonenses que, nestas últimas duas décadas, lutaram bravamente pelas nossas vitórias então conquistadas. Sois, senhor Josué Cláudio de Souza, sem dúvida, um cronista norteado em nossas idéias e virtudes contra os ataques até então veementes e demolidores, que sofremos. Hoje, mais do que ontem, "fecunda, pródiga, agasalhadora é a nossa Amazônia".

Na política, fizestes vossa a frase de Wilde, tantas vezes citada por Gide, como lema das afirmações mais fecundas:

– "Com o talento se faz o que se quer; com o gênio se faz o que se pode".

Fizestes com o vosso talento a construção mais fecunda de vossa significação literária. E com o vosso gênio, a vida que tendes feito distinguida em gestos valorosos de ordem e de avançada democracia de boa atuação política.

O êxito de vossas vitórias políticas foi assegurado em termos de comunicação e de eleição. Organizadas e determinadas na resistência intelectual. Medidas na missão histórica da boa vontade, e do entusiasmo que se confina em confraternidade.

Vossa democracia jamais se aceitou no neutralismo dos indiferentes ao sofrimento dos que necessitam de amparo social. Vossas crônicas vos revelaram em atitudes de respeito e defesa do povo nas Assembléias Estaduais e no Congresso Nacional.

Nessa afirmação maior, posta no que é possível fazer-se em cooperação de estrutura democrática e coletiva, é que fostes eleito pelo nosso povo, Deputado Estadual, Deputado Federal.

Fostes prefeito de Manaus e ainda Governador do Estado, em exercício.

E aí está porque já voltastes duas vezes a Câmara Federal como representante dos amazonenses. Vossa atividade humana, em sentido autêntico e original, realmente, se limita exclusivamente a isto: interpretação e conhecimento concreto de uma literatura aberta, completamente livre, com apoio na alma popular, que consiste em não vos reservar em nenhuma acomodação de conforto.

Vossa crônica diária, sobre a Cidade de Manaus, vos apresenta como escritor chegado ao estado de não vos abandonar de vosso trabalho nem de vos olvidar de ser o que sois. Tal é o vosso mundo. Assim é a vossa vida. Mundo e vida como desejais que sejam em nossas condições de humanismo e lições morais.

Sem embargo, vossos escritos mostram vossa preocupação com o nosso planeta inflamado de guerras criminosas, de povos humilhados e ofendidos, de misérias e pobrezas insuportáveis. Daí porque, neles, de maneira inconfundível, procurais sempre nos fazer sentir dentro de uma felicidade de fé e de esperança.

Embora a senti-las perecíveis, fracas e sempre ameaçadas, como ainda agora no ensangüentado Oriente, vossas crônicas têm uma alegria de viver. São gotas de poesia com uma experiência alongada de bem-estar social.

Na mortandade selvagem que estamos a ver nos continentes da Terra, desde que os materialistas negaram a divindade de Cristo, "a dor voltou a ser uma herança dos homens". Daí porque assim Julien Graco viu Sartre em seu existencialismo que não é um humanismo. É um fim, sem valor, nesta paixão inútil:

– Sartre representa o sentimento da negação – uma negação semivisceral, cujo acento há definido Sartre desde o título de seu primeiro livro: A NÁUSEA – Negação oposta ao mundo material, à natureza obscena, proliferante como um câncer, "desesperação do excessivo", vomitada: tal é o tema central de A NÁUSEA. Negação dos outros, da consciência e da consideração do próximo: tal é o inferno de Huis Clos. Negação da sociedade existente: tal é o sentido de toda sua ação de periodista: a negação, creio, de toda sociedade possível. Sartre é mais rebelde que revolucionário".

Senhor Josué Claúdio de Souza

Ao apresentar-vos nossas boas-vindas, em nome da *Academia Amazonense de Letras*, não o fiz num panegírico. Mais uma vez, reconheço e afirmo, serdes um cronista vivido na alegria da comunicação humana. O que vale em vosso trabalho literário, na verdade, é a vossa conotação de humanidade.

A literatura feita de banalidades e de rebeldias, enfastiada de pessimismo, mesmo quando poética, é insuportável.

Não há quem a possa tragar, como resultado de um produto de imaginação. Daí porque vossa literatura é alimentada de sentimento humano.

Nossos ribeirinhos, nossos interioranos, e nossos moradores dos bairros proletários sabem quanto valem vossas crônicas em suas vidas de alma heróica e de fé no desenvolvimento de nosso Amazonas. Glória, pois, a vós, Senhor Josué Cláudio de Souza, que fazeis de vossos trabalhos literários um verdadeiro apostolado de exemplares virtudes e de solidariedade humana. É vossa, sim, esta magnífica festa de boas-letras.

A Academia Amazonense de Letras, por tudo isso, agora e sempre, é vossa para aceitar, aplaudir e divulgar a literatura de nossas aplaudidas crônicas. Clarividentes e generosas, na alta construção de nossos legítimos proveitos amazônicos de progresso e de culto aos nobres valores da Humanidade.

Parabéns, e nossos agradecimentos, ilustre Acadêmico Josué Cláudio de Souza, pelo grande Amazonas de amor que, em perene humanidade, vive em vossa alma e em vosso coração.

NOTICIÁRIO ACADÊMICO

Julho de 2000 a junho de 2001.

– O ACADÊMICO OYAMA ITUASSU anuncia, no Chá Acadêmico de 7 de julho, que doará parte de sua biblioteca ao acervo da AAL (jul.00).

– A ACADEMIA E OS REIS DA ESPANHA – A Acadêmica Carmen Novoa Silva organiza a exposição histórico-fotográfica "Espanha Imigrante no Amazonas", em homenagem à visita dos reis Juan Carlos e Sofia, nos dias 13 e 14 de julho, no Hotel Tropical (jul. 00).

– O ACADÊMICO ARMANDO DE MENEZES lança a reedição do opúsculo "A Primeira Universidade Brasileira", de autoria de seu irmão, o saudoso Professor Aderson de Menezes 917 de julho, no Salão Nobre de Direito do Amazonas) (jul. 00)

– SARAU DE AGOSTO – No dia 19.08, sob os auspícios da Secretaria da Cultura, o Acadêmico Jorge Tufic vem a Manaus para realizar palestra na AAL, sob o título "Da Arte Poética", quando foi homenageado pelo poeta Tiago de Mello e a poetisa Romyne Novoa. Durante o coquetel, os Acadêmicos Arlindo Porto, Armando de Menezes, Jorge Tufic e Ruy Lins autografaram suas obras (ago.00).

– O ACADÊMICO JEFFERSON PÉRES doa à Academia um exemplar da obra *Paraíso Perdido* (edição do Senado) por ele prefaciada, que reúne os livros de Euclides da Cunha sobre temas amazônicos (19.08). O senador publica em A Critica um artigo com estímulos ao Sarau (27 de ago.00).

– VISITA DE ESTUDANTES – Mais de uma centena de estudantes visitam a sala "Genesino Braga" da AAL, à procura de dados sobre a vida e a obra de Acadêmicos, para seus trabalhos escolares (ago.00).

– O ACADÊMICO ELSON FARIAS participa do projeto *Ciclo de Palestras Amazônia Temática,* de Secretaria da Cultura, proferindo a palestra "Poesia e Prosa – Um Depoimento"(ago.00).

– O ACADÊMICO MÁRIO YPIRANGA lança seu livro A Capitania de são José do rio Negro (set.00).

– FALECE VIOLETA BRANCA – A Acadêmica Violeta Branca, representante da AAL na Federação das Academias de Letras, falece no Rio de Janeiro, sábado à noite (07 de out.00).

– O ACADÊMICO ALMIR DINIZ tem seu livro Sob a Concha da Panacarica analisado dentro do projeto Literatura para o Vestibular, desenvolvido pela SEC (out. 00).

– PARTICIPAÇÃO ACADÊMICA – Os Acadêmicos Elson Farias e Max Carphentier participam como membros da Comissão Julgadora do concurso Literário promovido pelo Conselho Permanente da Mulher Executiva. (out.00).

– HOMENAGEM À AAL – O Centro educacional "Silvia Guerra" homenageou a AAL com trabalhos literários e exposições de fotos sobre a vida acadêmica (out.00).

– ESCRITOR JAPONÊS NOS QUADROS DA AAL – O escritor e filósofo Daisaku Ikeda recebe o título de membro Correspondente da AAL, no dia 01.11. Robério Braga faz a saudação oficial e Thiago de Mello profere o discurso de encerramento da solenidade (nov.00).

– O ACADÊMICO BERNARDO CABRAL encaminha à AAL exemplar da plaqueta com pronunciamento de personalidades políticas presentes ao ato da aposição de seu retrato na galeria de ex-presidentes da Comissão de Constituição e Justiça e Cidadania do Senado Federal (nov.00)

– O 1º ENCONTRO DA POESIA LATINO-AMERICANA, realizada pela Secretaria da Cultura, com a presença de representantes de diversas personalidades literárias internacionais, tem a participação destacada dos Acadêmicos Alencar e Silva, Áureo Nonato, Elson Farias, Jorge Tufic e Thiago de Mello. (nov. 00).

– O ACADÊMICO ROBÉRIO BRAGA lança o livro Rui Barbosa e o Amazonas, no Centro Cultural Palácio Rio Negro. A apresentação ao público é feita pelo Acadêmico Max Carphentier (nov.).

– MANHÃ DE AUTOGRÁFOS – O Acadêmico Almir Diniz lança os livros "Plumas Humanas" (poesia) e "Nos remansos da Saudade"(crônicas). Os acadêmicos Elson Farias e Arlindo Porto fazem a apresentação ao público (nov.00).

– LANÇADO O Nº 22 DA REVISTA – Com pronunciamento do Acadêmico Ruy Lins, é lançado o nº 22 de Revista (25 de nov. 00)

– O ACADÊMICO OYAMA ITUASSÚ lança o livro *História do Tribunal da Justiça do Amazonas,* com prefácio do Acadêmico Arlindo Porto. Robério Braga faz a apresentação da obra ao público, no Palácio da Justiça. (dez.00).

– MORRE O ACADÊMICO ANTÍSTHENES PINTO, em sua residência, no dia 03.12.00.

– O ACADÊMICO ALMIR DINIZ é escolhido *Poeta do Ano de 2000* pelo periódico literário *Francisletras*, editado em Goiânia (dez.00).

– O ACADÊMICO NEWTON SABBÁ GUIMARÃES visita Manaus e realiza conferência no Sarau da AAL sobre a obra de Violeta Branca. Newton também realiza outra conferência, a convite da Associação Amazonense de Escritores, sobre Regionalismo (dez. 00).

– O SARAU ACADÊMICO tem a participação do Coral *João Gomes Júnior* e o Acadêmico Newton Sabbá Guimarães realiza conferência sobre a obra de Violeta Branca. Os Acadêmicos Carmen Novoa, Francisco Gomes e Almir Diniz autografam suas obras. A jornalista Romyne Novoa declama textos de Violeta Branca e Álvaro Maia (dez.00).

– O ACADÊMICO JOÃO MENDONÇA DE SOUZA é homenageado pela Associação Amazonense de Escritores com o diploma de Honra ao Mérito, em solenidade realizada no Ideal Clube. O Acadêmico Max Carphentier representa o homenageado e destaca a importância da obra de Mendonça de Souza no campo da Amazonologia (jan.01).

– SOB O TÍTULO "Encontro com escritores", o Acadêmico Newton Sabbá Guimarães publica artigo na *Folha de Irati* (Paraná) com referências elogiosas à vida cultural de Manaus (jan.01)

– EDITAL DE INSCRIÇÃO, para preenchimento das Cadeiras 14 e 16, é publicado na imprensa (fev.01).

– FLORADAS DA ALMA, livro de poemas de Almir Diniz, é lançado no Ideal Clube (fev.01)

– CANDIDATOS SE INSCREVEM à eleição para a Cadeira 14 e 16. Anísio Mello e Cláudio Chaves disputam a Cadeira nº 14, antes ocupada por Moacyr Rosas. Tenório Telles inscreve-se à Cadeira 16, que era de João Chysóstomo (mar. 01).

– A PRESTAÇÃO DE CONTAS do exercício de 2000 e o Plano Anual para o ano de 2001 são aprovados pela Assembléia Geral (07 de mar. 01).

– O DIA NACIONAL DA POESIA é comemorado pela AAL com o Sarau Acadêmico, que tem a seguinte programação: palestra do Acadêmico Elson Farias (Breve Reflexão sobre a Poesia); apresentação dos artistas do Núcleo Jiquitaia (Mínima Ópera Poética Amazônica) com poemas de Almir Diniz, Antísthenes Pinto, Elson Farias, Jorge Tufic, Mário Ypiranga e Thiago de Mello, homenagem póstuma a Antísthenes Pinto, com declaração de Romyne Novoa e distribuição do pôster-poema "Noturno"(14 de mar. 01).

– A FUNDAÇÃO LORENÇO BRAGA edita as plaquetas "A Cadeira 3"e "A Cadeira 30"(da série *Poltronas Acadêmicas)* e "Titulares da Academia"(da série *Perfis Acadêmicos)*, de autoria do Acadêmico Robério Braga, que integram a coleção *História do Amazonas*. A AAL recebe vários exemplares (mar.01).

– *LITERATURA INTERNACIONAL – A revista internacional de literatura Amazonas Literary Review, publicação anual editada nos Estados Unidos, publica colaboração dos Acadêmicos Elson Farias, Jorge Tufic, Thiago de Mello, Violeta Branca e estudo crítico de Alice Clemente sobre a obra do Acadêmico Paulo Jacob, além de produções de Márcio Souza, Astrid Cabral e Socorro Santiago. O 2º número da revista exibe ilustrações do Acadêmico Moacyr Andrade (mar. 01).*

– A AMAZONAS FILARMÔNICA apresenta no Teatro Amazonas a peça musical escrita por Cláudio Santoro para o poema "Os Estatutos do Homem", do Acadêmico Thiago de Mello (mar. 01).

– A ACADEMIA PIRENOPOLINA DE LETRAS expressa sua opinião sobre A Revista nº 22 da AAL: "Chamou-nos a atenção o formato (26,5 x 19,5), que foge dos padrões das revistas das Academias, dando-lhe uma feição diferente. Papel e impressão de primeiríssima qualidade. É, sem dúvida, magnífica e elegante. Parabéns." (mar.01).

– VISITA DA SGI BRASIL – Os senhores Eduardo Taguchi e Rubens Kamata, presidente e vice-presidente da SGI, Brasil visitam a AAL. Na oportunidade, o Acadêmico-Presidente Max Carphentier distribui exemplares da *Revista nº 22* e comenta a obra de Daisaku Ikeda, presidente da SGI Internacional e nosso Membro Correspondente (abr.01)

– O ACADÊMICO ELSON FARIAS lança na AAL "As Aves Pedem Ajuda", "O Tupé Voador" e "O Romance dos Sapos", livros de literatura infantil editados pela Valer. Comparecem ao evento expressivo número de crianças (abr.01).

– A ACADEMIA GURUPIENSE DE LETRAS (Gurupi-TO) elege seu Membro Correspondente o Acadêmico Almir Diniz (abr.01).

– O ACADÊMICO BERNARDO CABRAL lança, no Ideal Clube, seu livro Recursos Hídricos e Desenvolvimento Sustentável, editado pelo Senado Federal. O governador Amazonino Mendes discursa na ocasião (abr. 01).

– NOVOS ACADÊMICOS – Por deliberação da Assembléia Geral de 27.04.01, são eleitos o médico Cláudio Chaves e o escritor Tenório Telles para ocuparem, respectivamente, as Cadeiras nº 14 e 16 da AAL. (abr. 01).

– RITO DE QUEIMA DOS VOTOS – A exemplo do que ocorre na tradição da ABL, a

presidência instituiu informalmente, na Assembléia de 27.04.01, o rito de queima dos votos que elegem os Membros Efetivos (abr. 01).

– ACADÊMICOS NA BIENAL – Sob o patrocínio da Secretaria da Cultura, dez escritores amazonenses participam da 10ª Bienal do Livro, no Rio de Janeiro. Entre eles, os Acadêmicos Alencar e Silva e Paulo Jacob (mai. 01).

– PRÉDIO DA ACADEMIA – Recuperada pela SEDUC a entrada principal da sede da AAL, pôde a Academia restaurar o seu jardim e pintar a parte inferir da fachada (mai.01).

– A EDITORA DA UNIVERSIDADE DO AMAZONAS lança "Floradas do Corpo" de Almir Diniz, e "A Tiara do Verde Amor"(2ª edição), de Max Carphentier (jun.01).

– O ACADÊMICO MÁRIO YPIRANGA lança "Iurupari e seus Princípios: Ciclo de Lendas e Mitos Iuruparienses", pela Editora da Universidade do Amazonas (jun.01).

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

ACADÊMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM